



APESAR DO TARIFAÇO

Vendas de suco de frutas da PB para os EUA sobem 125% no ano

Em 2025, foram exportados R\$ 69 milhões em produtos, mesmo com as sanções do governo Trump. *Página 17*

Foto: Roberto Guedes



Pesca artesanal enfrenta o desinteresse das novas gerações

Atividade sobrevive a partir da atuação de pescadores mais antigos, que usam embarcações pequenas e técnicas tradicionais para colocar em prática um conhecimento adquirido em família. Na capital paraibana, cerca de 800 profissionais ainda navegam em busca de peixes no mar.

Página 5

Enem: professores orientam sobre os caminhos para um bom desempenho

Além de revisar conteúdos estratégicos, os alunos precisam organizar o tempo de estudo e cuidar do bem-estar físico e mental.

Página 6

Casos de violência contra crianças, na capital, ultrapassam os registros de 2024

Em todo o estado, as denúncias de aliciamento sexual aumentaram 50% e os de estupro de vulnerável, 8,3%.

Página 7

JP prepara-se para receber a 6ª edição da Meia Maratona em novembro

Mais de oito mil atletas estão inscritos para a competição, que acontece no dia 16, com largada no Largo da Gameleira, em Tambaú.

Página 22

Serra da Raiz recebe festival

Município será palco da Rota Cultural Raízes do Brejo, em novembro, com programação que inclui arte, música e gastronomia.

Página 8

Foto: Roberto Guedes



■ “Foge-me, na emoção, o poder de síntese. O escrito chega ao limite do seu espaço sem que eu me desdobre no que mais me emocionou”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Sei que o Sertão se consome na mistura de duas geografias que se completam. Pois o Sertão é lá, mas também é aqui dentro”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11



“Cangaço Novo” no Imagineland

Atores da série participam do último dia do evento, em Campina Grande, que recebe também artistas internacionais.

Página 9



Pensar

Caderno especial propõe uma reflexão sobre a gentrificação, termo que define a expulsão da população original de uma área, após a valorização imobiliária no local.

Páginas 29 a 32

Editorial

O Estado organiza-se

O ministro da Justiça e da Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, transformou em realidade a expectativa da sociedade brasileira, no que diz respeito ao recrudesimento no combate ao crime organizado: enviou, para apreciação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e da Casa Civil, o projeto de lei intitulado “Antifacção”, que institui novas ações contra lideranças e integrantes de sociedades delinquentes.

Já estava mais do que na hora de dar um basta no avanço do crime organizado, que, a cada dia que passa, alicia novos recrutas e instala quartéis-generais em comunidades de cidades de praticamente todo o país. O Nordeste, por exemplo, tornou-se uma espécie de alvo privilegiado, dentro da política expansionista dos bandos sediados na Região Sudeste. No centro de tudo, a produção, a venda e o consumo de drogas ilícitas.

Caso seja aprovado e entre em cena para valer, o Antifacção, por meio de um novo tipo penal, vai impor três décadas de cadeia para os condenados pelo crime de “organização criminosa qualificada”, além de criar um banco nacional de dados para rastreamento das facções e estabelecer estratégias mais sofisticadas para destruir com maior rapidez os alicerces que dão sustentação financeira às congregações celeradas. Como disse muito bem o ministro Lewandowski, o Estado brasileiro tem pela frente o desafio de estar mais organizado do que o crime; caso contrário, conclui-se facilmente que a escalada das organizações manterá o ritmo atual, trazendo enormes prejuízos para a sociedade, de uma maneira geral. E os tipos de estragos todos conhecem: maior consumo de drogas, mais assassinatos e deterioração do edifício ético pela corrupção.

O Antifacção, portanto, pretende atacar de frente e com mais força o crime organizado, apreendendo bens, direitos ou valores das pessoas sob investigação, mesmo durante o curso do inquérito ou diante de eventuais suspeitas de que tudo é fruto da prática de crimes. As facções, inclusive, serão investigadas por dentro, com a infiltração de policiais e colaboradores. Não se pode brincar com gente de tanta má índole.

Há muitas outras estratégias de combate ao crime organizado, especificadas no âmbito do Antifacção. Até aí, tudo bem. O jogo é duro; portanto, não se pode facilitar. Mas, tratando-se de organizações com grande experiência de infiltração e tráfego nos labirintos do Estado brasileiro, não seria estratégico manter em sigilo as intervenções mais radicais, para evitar contraofensivas do crime que poderiam pôr tudo a perder?

Artigo

Rui Leitão
ruileitao@hotmail.com

A pena de morte e as mortes sem pena

A pena de morte foi abolida no Brasil em 1890, com a promulgação do Código Criminal da República. A última execução havia ocorrido em 1876: a vítima foi um escravo, condenado por matar seus senhores, em Alagoas. A Constituição Federal vigente proíbe a pena de morte, salvo em caso de guerra declarada.

Entretanto, em 5 de setembro de 1969, com a edição do Ato Institucional nº 14 (AI-14), o regime militar autorizou a aplicação da pena de morte e de prisão perpétua a civis considerados perigosos à segurança nacional. O texto justificava a medida afirmando que “atos de guerra psicológica adversa e de guerra revolucionária ou subversiva, que atualmente perturbam a vida do País e o mantêm em clima de intranquilidade e agitação, devem merecer mais severa repressão”. Era a forma encontrada pelo governo militar para combater a luta armada. Registros oficiais indicam que apenas uma pessoa foi condenada à morte com base nesse dispositivo.

Em 1971, o militante Theodomiro Romero dos Santos, menor de idade, integrante do clandestino Partido Comunista Revolucionário Brasileiro (PCBR), foi preso em Salvador. Acusado de matar o sargento do Exército Waldo Xavier de Lima durante sua transferência para o presídio, foi condenado à morte por fuzilamento, em decisão unânime do Conselho de Justiça da Aeronáutica, na Bahia — tornando-se o primeiro brasileiro a receber tal sentença desde a Proclamação da República.

A divulgação da sentença provocou uma onda de protestos. Entidades como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Igreja Católica, a Associação Brasileira de Jornais, a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) promoveram uma intensa campanha contra a pena de morte. Meses depois, a sentença foi comutada para prisão perpétua e, anos mais tarde, o Supremo Tribunal Federal (STF) a reverteu para 13 anos de reclusão.

Theodomiro cumpriu nove anos e fugiu 10 dias antes da promulgação da Lei da Anistia. Exilou-se no México e na Fran-

ça, retornando ao Brasil apenas em 1985. Formou-se em Direito e tornou-se juiz do Tribunal Regional do Trabalho, em Pernambuco. Em entrevista ao jornal O Globo, em março de 2011, declarou: “Quando me condenaram, tive a segurança de que não seria executado. Quando queriam matar alguém, matavam. Não julgavam antes. Foi um erro trágico deles”. Nunca pediu indenização pelo tempo em que permaneceu preso, nem pelas torturas que sofreu.

Apesar de o AI-14 ter permanecido em vigor por quase 10 anos, a pena de morte nunca chegou a ser executada formalmente. No entanto, sabe-se que a repressão a aplicava ilegalmente, sem processo ou julgamento, por meio de execuções sumárias, assassinatos e desaparecimentos — crimes forjados como suicídios, fugas ou acidentes, para evitar o devido processo legal. A Comissão Nacional da Verdade registrou a morte de mais de 430 pessoas e o desaparecimento de outras 210, além de milhares de vítimas de tortura.

A pena de morte, portanto, não desapareceu — apenas mudou de forma. Substituiu o pelotão de fuzilamento pela fome, o cadafalso pela violência policial, a sentença judicial pela exclusão social. É a pena sem julgamento, o castigo sem tribunal, a morte sem pena.

“
O regime militar autorizou a aplicação da pena de morte e de prisão perpétua a civis considerados perigosos à segurança nacional

Foto

Legenda

Carlos Rodrigo



Ordem, progresso e soberania

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

O batente de Rubens e mais gente

Com atraso inexplicável, entro na leitura de “Memórias do Batente”, de Rubens Nóbrega. O inexplicável não vem de graça: primeiro pelo que Rubens passou a representar no período em que dei as costas à redação, despedido um ano antes de seu ingresso; depois, pela influência que sua consciência social entrou a exercer na opinião pública, da qual sempre cuidei de fazer parte.

Rubens despontou cedo. Ingressando no jornal em 1974, pulou o estágio da revisão, antes obrigatório, e cedo, fazendo o curso de Jornalismo (que aqui ainda não existia) mercê da obrigação diária de traduzir o noticiário das agências (UPI, AP, France Press), tornou-se editor do noticiário nacional e internacional. Sei bem o que isto significa por ter sido essa, na prática, minha primeira e grande escola, percebendo radioso a diferença gritante entre o noticiário telegráfico importado e o costureiro “realizou-se ontem” da tradição local. Quando ingressei na função de repórter-redator, amarguei a diferença dos dois procedimentos com o chefe de redação afrouxando o texto para acrescentar o que o leitor comum dificilmente perguntaria.

Que Rubens me permita, mas não posso deixar de acrescentar a esse esforço de mudança por mim vivido o retorno de José Ferreira Ramos do Rio, com passagem pela Tribuna de Lacerda, de onde volta como portador mais que didático, irônico, para virar nossas cabeças e textos na feitura do jornal. Ex-seminarista, José Ramos entrou no Jornalismo com a nota 10 tirada no vestibular em Direito ao deixar a batina. A repercussão foi tal que, na mesma manhã, o governador Flávio Ribeiro, lá do palácio, chamou Sabiniano Maia, diretor do jornal, para autorizar o ingresso rápido do vestibulando brilhante na nossa folha de pessoal. Mas cedo, depois de secretário de redação de A União, ele se passou para a Justiça, a cátedra universitária e o planejamento de Mário Moacir Porto e Linaldo Cavalcanti na UFPB. Em dupla com Dorgival Terceiro Neto, teve muito a ver com a pressa exigida para se alcançar a federalização no apogeu do prestígio de Abelardo Jurema.

Rubens Nóbrega confessa que teve dúvida em

“
Recorro ao tropo que podia ser metafórico se não tivesse sido real, vivido pela criança que fui

botar pra frente a história do seu “Batente” na nossa imprensa. Por sorte, para o jornalismo do seu tempo e dos que a ele se acostaram, a dúvida do Rubão, como o chamamos, veio abaixo por força do seu espírito de liderança. Como ocorre com todo pró-homem, havia atrás dele, com a mesma dedicação, o mesmo sacrifício de vida do herói da rotina, o que carregou tijolo para a construção do templo, alguns dos quais deixam a vida na construção daquelas paredes. Recorro ao tropo que podia ser metafórico se não tivesse sido real, vivido pela criança que fui, ao viver a comoção da noite de agonia da minha Alagoa Nova ante a queda da nova igreja matriz em construção e a vida de dois ou três pedreiros estraçalhada na calça sagrada daquelas paredes. “Aqui está o finado Elisbão” — clamou o professor Clodomiro Leal num epitáfio a cinzelar aquelas paredes, o que não chegou a ser feito.

Foge-me, na emoção, o poder de síntese. O escrito chega ao limite do seu espaço sem que eu me desdobre no que mais me emocionou no rico livro do meu honroso confrade: os trailers que ele abre *in memoriam* de Juarez Felix, o gordo Antônio Feitoso, vigas encaçadas na sustentação dos jornais a que foram fiéis até a morte. E Leônidas dos Santos, que Rubens não conheceu!

Mais do que memória merecida do autor, temos a memória dos outros, na qual me detive. Tenho em mente voltar para falar na de Rubens.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

NO PRIMEIRO SEMESTRE

Espep promoveu 161 cursos para servidores

Maior parte foi nas áreas de segurança pública, gestão de pessoas e educação

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Com 59 anos de existência, a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba (Espep) oferta capacitação aos servidores e empregados públicos do estado, com cursos divididos em 11 eixos temáticos. Só no primeiro semestre deste ano, a Espep já promoveu 161 cursos – a maior parte deles nas áreas de segurança pública, gestão de pessoas e educação – para um total de 5.038 alunos, dos municípios de João Pessoa, Monteiro, Guarabira, Solânea, Campina Grande e Itabaiana.

Os cursos, que podem ser presenciais ou *on-line*, ocorrem em livre demanda ou a pedido específico de alguma secretaria ou órgão que precise capacitar seus servidores. A modalidade *on-line* garante capacitação aos servidores estaduais que morem em outros municípios e não possam se deslocar até a sede da Espep, localizada no bairro de Mangabeira VII, em João Pessoa.

“Na Espep, acreditamos que a qualificação dos servidores e servidoras é a chave para uma gestão mais eficiente, ética e inovadora. Os cursos que oferecemos aqui são pensados para atender às reais necessidades dos servidores, com o objetivo de desenvolver competências e habilidades que impactam diretamente na qualidade dos serviços prestados aos paraibanos e paraibanas”, afirmou a superintendente da escola, Ivanilda Matias.

Além dos cursos, os órgãos também realizam atividades formativas e eventos nos espaços da Espep. “Então, a gente também recebeu, para além dos nossos cursos, uma média de cinco mil pessoas, servidores do estado, que passaram pela instituição em eventos realizados pelas suas secretarias”, explicou a coordenadora do Núcleo de Seleção e Treinamento da Espep, Ângela Santos. Ao todo, foram mais de 10 mil servidores alcançados durante o primeiro semestre de 2025, considerando todas as modalidades de atuação (cursos, palestras, *workshops*).

O espaço da escola conta com laboratório de informática, auditório com capacidade



Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba está localizada, em Mangabeira VII, JP



Os órgãos estaduais podem solicitar demandas específicas de curso e a gente executa

Ângela Santos

administração direta e indireta podem solicitar demandas específicas de curso e a gente executa. Mas todo mês nós abrimos cursos em demanda livre, que ficam disponíveis para a pessoa se inscrever, tanto no Instagram como no portal do servidor. E a gente identifica quais são os cursos que os servidores estão pedindo, que são cursos com temáticas relevantes para a gestão pública. Então, a gente vai fazendo esse rodízio nos cursos para a gente conseguir oferecer uma quantidade adequada para o servidor, mas que também vai trazer uma gama de atividades, porque a saúde precisa de uma demanda, a educação tem suas especificidades. Então, a gente tenta atender essas várias temáticas”, explicou Ângela.

A maior parte dos cursos ofertados varia de 20 a 40 horas de duração, mas também há cargas horárias maiores, casos em que o curso é dividido por módulos. “Há exemplo do curso do PB-Doc, que tem dois módulos. A gente também tem o curso de Libras, que tem quatro módulos, um total de 120 horas”, exemplificou.

Qualquer servidor estadual pode se inscrever nos cursos de demanda livre. “Os cursos de demandas específicas, como são as secretarias ou um órgão da administração indireta pedindo, eles são direcionados para os servidores daquele órgão. Então, tem essa limitação, mas os cursos de demanda livre, qualquer servidor que

tenha matrícula ativa do Estado pode se inscrever e participar de acordo com o tema que ele se interesse naquele mês. Então a gente tem servidores que todo mês fazem cursos aqui, que são órgãos menores, que às vezes não têm tantos servidores para fazer um curso específico, mas ele, pela demanda livre, consegue acessar”, destacou Ângela.

No mês de outubro, os cursos ofertados foram: Excel avançado; Gestão de recursos humanos (módulo 3); Metodologias ativas na educação; Inteligência artificial no setor público – fundamentos e aplicações; Técnicas e ferramentas digitais; Lei 13.303/2016 – aspectos legais e jurisprudenciais atualizados; Regras e procedimentos a serem adotados pela comissão de Ética e Conduta Profissional – Instrução Normativa Sead nº 002/2025.

É possível ver os cursos disponíveis no [link](https://espep.pb.gov.br/programacao-do-mes/cursos-dos-meses/cursos2025) <https://espep.pb.gov.br/programacao-do-mes/cursos-dos-meses/cursos2025>.

■ O espaço da escola conta com laboratório de informática, auditório com capacidade para 110 pessoas e sete salas de aula

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

O rei na sala de aula

Há um trono dourado e invisível em muitas salas de aula das elites. Não é ocupado pelo professor, aquela figura outrora revestida de uma autoridade quase sagrada, mas por uma criança ou um adolescente. Seus pais são os arquitetos deste poder, os ferreiros que forjaram a coroa do “pode tudo”.

A crônica começa nos portões da escola, onde carros de luxo despejam não apenas crianças, mas pequenas divindades domésticas. Elas chegam com a certeza, incutida dia após dia no conforto dos lares amplos e dos muros altos, de que seu desejo é uma ordem, seu incômodo, uma injustiça, e sua vontade, a lei suprema. Os pais, em sua ânsia de dar o que não tiveram — ou pior, de compensar a própria ausência com bens materiais —, abdicaram da única função verdadeiramente nobre da paternidade: a de dizer “não”.

O “não” é o alicerce do caráter. É ele que ensina a lidar com a frustração, a respeitar o

espaço alheio, a entender que o mundo não gira em torno do próprio umbigo. Sem ele, ergue-se um monstro de ilusões, um pequeno tirano que vê nos professores não guias ou mestres, mas obstáculos à sua satisfação imediata. O professor que ousa corrigir uma tarefa malfeita não está fazendo seu trabalho; está sendo “injusto”. Aquele que aplica uma regra de disciplina não está mantendo

a ordem; está “perseguido” o pequeno soberano.

E, assim, a sala de aula, que deveria ser um microcosmo da sociedade civilizada, torna-se um campo de batalha. A violência não começa, necessariamente, com um soco. Ela começa com um olhar de desdém, uma palavra grosseira, um telefone celular que permanece ligado como um estandarte de desafio. É a violência do desrespeito, sancionada pelo silêncio ou, pasmem, pelo apoio explícito dos pais.

Quando chamados, esses pais não vêm para ouvir, mas para acusar. A criança nunca erra. Se há um conflito, a culpa é da escola, do professor “incompetente” que não soube “cativar” o aluno. A escola privada de elite, refém da mensalidade gorda e do medo de perder o cliente, muitas vezes se curva. O professor é sacrificado no altar da satisfação do consumidor. A mensagem é clara: o aluno-cliente sempre tem razão.

O que essas instituições estão fabricando, portanto, não são cidadãos, mas uma legião de adultos mimados. Eles saem dos portões impressos com o selo de colégios renomados, cheios de informações, mas vazios de caráter. Acreditam que o mundo lhes deve tudo, que as regras são para os outros, que o sucesso é um direito, não uma conquista. Levam para a vida adulta a mesma intolerância à frustração, o mesmo desprezo pela autoridade que não lhes seja servil.

O resultado dessa “má criação” não fica confinado às paredes da escola. Ele transborda para a sociedade na forma de profissionais arrogantes, líderes egocêntricos e cidadãos que não sabem viver em comunidade. A violência contra o professor é apenas o sintoma mais visível e doloroso de uma doença maior: a cultuação do indivíduo acima do coletivo, a confusão entre amor e permissividade, a falência da educação como formadora de ética.

Enquanto o trono invisível permanecer na sala de aula, estaremos cavando a nossa própria ruína. Porque um país que deseduca seus filhos e desrespeita seus professores está, no fim das contas, assinando a sentença de seu futuro. E o preço a ser pago por essa criação negligente será cobrado de todos nós, com juros e correção monetária.

Columnista colaborador



Os cursos, que podem ser presenciais ou on-line, atendem às necessidades dos servidores

André Coelho

Vice-presidente do Conselho Regional de Administração da Paraíba (CRA-PB)

“Uma boa gestão é resultado de técnica, ética e compromisso com o cidadão”



Foto: Roberto Cuedes

Em entrevista, gestor detalha o papel do Conselho na consolidação de uma cultura baseada em planejamento e transparência

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com
Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Boa gestão pública é o alicerce do desenvolvimento sustentável e da eficiência administrativa em qualquer esfera de governo. Na Paraíba, o tema tem ganhado cada vez mais destaque graças ao trabalho do Conselho Regional de Administração (CRA-PB), que vem se consolidando como referência nacional na promoção de debates, capacitações e diagnósticos voltados à melhoria das práticas de governança.

Em entrevista ao jornal A União, o vice-presidente do CRA-PB, André Coelho, detalha o papel do Conselho na consolidação de uma cultura de gestão baseada em evidências, planejamento e transparência, destacando ferramentas como o Índice CFA de Governança Municipal (IGM-CFA) — responsável por avaliar o desempenho das prefeituras e incentivar o aprimoramento das políticas públicas. Ao longo da conversa, ele comenta também sobre os municípios paraibanos que mais se destacaram na premiação nacional, entre eles Sumé e Guarabira, e explica como o CRA-PB oferece apoio técnico e gratuito aos gestores municipais interessados em aprimorar seus indicadores.

A entrevista aborda ainda a importância da integração entre política e técnica na administração pública, reforçando a ideia de que ética e planejamento são fundamentais para transformar a realidade dos municípios. André Coelho também destacou a realização, nos dias 22 a 24 deste mês, do Erpa Nordeste 2025, do IX Fórum de Gestão Pública da Paraíba (Fogesp) e da plenária nacional do Conselho Federal de Administração, quando João Pessoa tornou-se a “capital da administração” no Brasil. Segundo ele, foi uma oportunidade única de integração e qualificação profissional, reunindo gestores, estudantes e especialistas de todo o país em torno de um mesmo propósito: fortalecer a administração pública e promover o desenvolvimento da Paraíba e do Nordeste.

Entrevista

O CRA-PB tem se destacado na promoção de debates sobre gestão pública de qualidade. Como o senhor avalia o papel do Conselho nesse processo de fortalecimento das práticas administrativas no estado?

O Conselho Regional de Administração da Paraíba tem um papel essencial na consolidação de uma cultura de gestão pública baseada em evidências, planejamento e transparência. Nosso trabalho vai além da fiscalização profissional — atuamos como parceiros dos gestores municipais e estaduais na busca por resultados mais eficientes. Por meio de ferramentas como o Índice CFA de Governança Municipal (IGM-CFA), promovemos diagnósticos que ajudam os municípios a entenderem seus pontos fortes e fragilidades. Essa atuação formativa, aliada a eventos como o Fogesp, reforça a ideia de que uma boa gestão é resultado de técnica, ética e compromisso com o cidadão.

Você mencionou o IGM-CFA, que embasa a premiação das melhores gestões municipais. O que exatamente esse índice mede e por que ele é uma referência importante?

O IGM-CFA é uma ferramenta, criada pelo Conselho Federal de Administração, que avalia a governança municipal em três dimensões: finanças, gestão e desempenho. Ele utiliza cerca de 20 indicadores extraídos de bases oficiais, como DataSUS, IBGE e Tesouro Nacional. Esses dados oferecem um retrato fiel da realidade administrativa de cada município. A partir dessa leitura técnica, os

prefeitos conseguem direcionar políticas públicas com base em evidências concretas. O índice, além de premiar boas práticas, também provoca reflexão e melhoria contínua, mostrando que é possível evoluir com planejamento e responsabilidade fiscal.

Quais municípios destacaram-se na edição mais recente do prêmio e o que esses resultados revelam sobre a administração pública na Paraíba?

Na edição mais recente, tivemos como destaques os municípios de Sumé, Santa Luzia, Queimadas, Alhandra, Cajazeiras, Guarabira e Campina Grande. O que mais chama atenção é a constância de algumas prefeituras, como Sumé e Guarabira, que já figuram entre as melhores gestões há vários anos. Isso demonstra que a boa administração não é fruto do acaso, mas de uma cultura institucional sólida, com foco em planejamento, transparência e participação social. É importante ressaltar que o IGM-CFA não é apenas uma competição — ele é um espelho técnico para que todos os gestores possam evoluir.

O CRA-PB também oferece apoio técnico aos municípios. Como isso funciona na prática?

Nós mantemos um diálogo permanente com os gestores municipais, oferecendo apoio técnico gratuito para a leitura e interpretação dos indicadores do IGM-CFA. Muitas prefeituras desconhecem detalhes das bases de dados federais ou não sabem como atualizar informações essenciais para man-

ter uma boa nota de governança. Nossos conselheiros e técnicos explicam cada métrica, auxiliam na construção de planos de ação e orientam sobre como melhorar áreas críticas, como saúde, educação e previdência. É um trabalho colaborativo, que mostra o compromisso do CRA-PB com o desenvolvimento sustentável dos municípios paraibanos.

Você costuma defender que política e gestão pública devem caminhar juntas. Poderia explicar melhor essa visão?

Acreditamos que a política, quando bem exercida, é um instrumento de transformação social e de fortalecimento da gestão pública. O problema não é a política em si, mas a falta de técnica e de ética na sua condução. Por isso, defendemos que o gestor público, seja ele eleito ou nomeado, precisa dominar os princípios da boa administração, entender de planejamento estratégico e utilizar dados para embasar suas decisões. O CRA-PB trabalha exatamente para aproximar esses dois mundos — o da política e o da gestão —, formando líderes mais preparados e comprometidos com resultados de interesse coletivo.

Nos dias 22 a 24 de outubro, João Pessoa tornou-se a “capital da administração” no Brasil. Qual é balanço que você faz desse momento?

Foi uma semana histórica para a nossa profissão e para o estado. Tivemos o Encontro Regional dos Profissionais de Administração do Nordeste (Erpa Nordeste 2025), o IX Fórum de Gestão Pública da Paraíba (Fogesp) e, paralelamente, a plenária do Conselho Federal de Administração e o Fórum dos Presidentes dos Conselhos Regionais. Ou seja, a Paraíba recebeu representantes de todos os conselhos do país, além de gestores públicos, estudantes e especialistas. Foi um momento de integração nacional, troca de experiências e valorização do conhecimento técnico da administração.

O que diferencia o Erpa Nordeste 2025 das edições anteriores?

O Erpa Nordeste deste ano veio com uma proposta mais ampla de reflexão sobre o futuro da administração. Discutimos as novas perspectivas de mercado, a inserção das tecnologias digitais nos processos gerenciais e as oportunidades de inovação na gestão pública e privada. Foi um espaço não apenas de palestras, mas de construção coletiva de ideias. O nosso objetivo foi ouvir os profissionais, os estudantes e também o setor produtivo, porque a administração moderna precisa estar conectada com os desafios reais da sociedade e da economia. Nesta edição, tivemos, por exemplo, uma palestra interessantíssima com a secretária de Desenvolvimento Econômico e Turismo de Campina Grande, Tâmela Fama,

que apresentou as potencialidades d’O Maior São João do Mundo, ou seja, como é gerir o evento e o quanto ele deixa de dividendos para o município. Ou seja, falamos sobre o futuro da administração pública, gestão 5.0 e turismo, temas muito conectados com a atualidade.

E, quanto ao IX Fórum de Gestão Pública da Paraíba, quais serão os destaques da programação?

O Fogesp já é reconhecido como o maior evento de gestão pública da Paraíba e, nesta edição, manteve essa tradição. O tema central foi “Governança Digital na Gestão Pública”, com foco em tecnologia, sustentabilidade e inovação administrativa. Entre os destaques, tivemos a presença do ministro do Tribunal de Contas da União (TCU), Marcos Bemquerer; do vice-presidente do Tribunal de Contas do Estado (TCE-PB), André Carlos Torres; e do secretário de Estado da Administração, Tibério Limeira, que trouxe uma visão do ajuste fiscal do governo. Durante o Fogesp, tivemos ainda o “Oscar” da Gestão Pública, a partir do IGM-CFA, que reconhece as gestões municipais com melhor desempenho em governança, além de painéis técnicos. Foram premiados os municípios que ficaram em primeiro lugar em cada um dos sete grupos do ranking.

Como você avalia o impacto do Fogesp na formação e qualificação dos gestores públicos paraibanos?

O Fogesp é, sem dúvida, um divisor de águas para a profissionalização da gestão pública no estado. Ele oferece um espaço de diálogo franco, técnico e apartidário, onde gestores, acadêmicos e profissionais trocam experiências e aprendem uns com os outros. Muitos prefeitos, após participarem do evento, procuram o CRA-PB em busca de consultoria e apoio técnico. Isso mostra que o fórum cumpre seu papel de fomentar uma administração pública mais eficiente, transparente e orientada a resultados. É uma grande vitrine de boas práticas que inspira mudanças concretas na vida dos cidadãos.

Após essa semana histórica, que aprendizados o CRA-PB leva desse momento e como eles podem orientar o futuro da administração pública na Paraíba?

Temos muita clareza, sobretudo quando dialogamos com os órgãos de controle externo, de que o principal problema da corrupção, da ineficiência dos recursos públicos e das contas reprovadas não está apenas na corrupção em si, mas, principalmente, na má gestão. Esse é um mantra que o Conselho Regional de Administração tem defendido do ponto de vista da gestão pública: abrir os olhos dos gestores e mostrar o quanto é importante ter, no quadro funcional, profissionais que estudaram a Ciência da Administração. Sabemos que os cargos de secretário são de livre provimento, como

estabelece a Constituição Federal, mas costumamos dizer que a melhor forma de fazer política é entregar resultado. Quando conseguimos convencer o gestor de que fazer política é mais do que agradar um aliado — é entregar resultados concretos à população —, isso ganha um significado muito maior. O futuro da administração paraibana passa pela qualificação técnica, pelo diálogo entre instituições e pela valorização do profissional de administração, e é isso que o CRA-PB busca todos os dias.

A presença de administradores, estudantes, gestores e empreendedores mostra que há um interesse real na gestão pública. Como manter esse engajamento?

Foi uma participação absolutamente maciça, com mais de mil inscritos por dia. Por isso, acredito que, sim, as pessoas estão começando a compreender isso com cada vez mais clareza. Antes, muita gente dizia que “não tinha nada ver com política”. Mas, hoje, independentemente de trabalhar no setor público ou privado, elas entendem que a gestão pública é a força motriz do desenvolvimento econômico e social do país. Para mim, essa percepção está diretamente ligada ao empoderamento social, aos mecanismos de acesso à informação e à atuação mais próxima dos órgãos de controle junto à população. Tudo isso contribui para que as pessoas percebam que fazem parte do todo. Ainda assim, manter esse engajamento é um desafio. Mas repito: quanto mais acesso à informação as pessoas tiverem, mais empoderadas estarão.

Por fim, que mensagem você deixaria aos administradores e gestores públicos da Paraíba neste ano em que a profissão completa 60 anos?

É um momento de celebração, mas também de responsabilidade. Comemorar 60 anos da profissão significa reafirmar o compromisso do administrador com o desenvolvimento sustentável, a ética e o interesse público. Nossa mensagem é de união: o CRA-PB está de portas abertas para dialogar, apoiar e orientar todos os que acreditam na ciência da administração como ferramenta de transformação social. Juntos, podemos construir uma Paraíba mais eficiente, justa e próspera, onde a gestão pública seja, de fato, sinônimo de serviço de qualidade ao cidadão.

O Fogesp é, sem dúvida, um divisor de águas para a profissionalização da gestão pública no estado

PESCA ARTESANAL

Há menos redes nos mares da capital

Pescadores de João Pessoa lamentam declínio da atividade, por fatores como o desinteresse das novas gerações

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

O pescador mais antigo da Penha, Benedito Evangelista, navegou a trabalho pela primeira vez aos 12 anos. Hoje, aos 80 e aposentado, ele é um dos mais experientes do grupo de aproximadamente 800 pescadores artesanais existentes em João Pessoa. A profissão que trilhcou ao longo da vida, porém, não tem mais o destaque de antigamente: as novas gerações já não se interessam em seguir a mesma carreira, enquanto veteranos lutam contra o tempo e doenças típicas da idade.

Agora, Benedito tem como únicos companheiros a cade-la Galega, fios de náilon e uma cadeira de balanço na calçada de casa, localizada no mesmo bairro da Penha, onde vive à espera do tratamento de uma hérnia incisional. A linhagem de pescadores da família, revela, será encerrada com ele. Nenhum dos 10 filhos, 15 netos e bisnetos pretende seguir a atividade no mar.

“Hoje eu tô aposentado em cima de dois salários. Minha esposa morreu. Ajudo um filho meu, um neto meu, quando precisam. Vivo aqui dentro, eu e Galega. Eu não tenho

o que fazer. Se eu não estiver pela rua, eu vou dormir. Vou assistir à minha televisãozinha. Estou doente, não posso mais fazer o que eu fazia, mas também não passo fome”, diz.

Nos tempos de jornada, Benedito não parava quieto. Sustentava os filhos com o pescado e não havia um lugar para trabalhar na região com que ele não fosse familiarizado. “Pitimbu, Tambaba, Baía da Traição, Baía Formosa, Cabedelo, a praia aqui do Arraial, a praia de Gramame: eu conheço tudo. Carregando barco, indo buscar no barco dos outros, no meu barco. E assim eu vivi, graças a Deus”, relata.

A 14 km do Centro da capital, o bairro da Penha divide-se em Penha de Baixo, Penha de Cima, Vila dos Pescadores e Loteamento Nossa Senhora da Penha. O primeiro grupo de pescadores fixou-se no local por volta de 1763, época da construção da Igreja de Nossa Senhora da Penha.

Benedito nasceu e cresceu na Vila dos Pescadores. Sobrinho e neto de homens do mar, encontrou entre as ondas uma vocação. “Comecei a pescar ainda menino”, conta. “Passei a ser empresário. Fui muito inteligente. Hoje, não. Já estou quase morto”.



Foto: Roberto Guedes

Modalidade artesanal envolve embarcações pequenas e técnicas tradicionais; conhecimento é passado de forma oral

Há três anos, ele precisou abandonar a profissão por conta da saúde. Os problemas adquiridos após décadas de navegação e o avanço da idade fincaram as redes do pescador em terra firme. Na semana passada, ele quase morreu, com a bexiga sem soltar urina. “Saí de casa chorando”. Com a mão

direita, ele mostra a sonda urinária que precisa usar durante o dia. “Vou ter que tirar essa e botar outra”, afirma.

Tradição

O pescador artesanal atua de forma autônoma ou com mão de obra familiar, em embarcações de pequeno porte, e faz uso de técnicas tradicionais. Nesse tipo de atividade, metade da produção pertence ao dono da embarcação, por ceder o meio de trabalho, o combustível e os aparelhos de trabalho. A outra metade é do pescador.

O conhecimento para buscar o peixe no mar de maneira artesanal não é algo que se aprende na escola. Geralmente é transmitido oralmente pelos veteranos e passa de pai para filho. São pescadores, marisqueiras, vendedores de peixes e artesãos espalhados pelas comunidades tradicionais do estado.

Informações do Boletim Estatístico da Pesca e Aquicultura 2023–2024, realizado pelo Ministério da Pesca e Aquicultura (MPA), mostram que essa

modalidade corresponde a 50% da produção marinha nacional. Em 2024, a vertente artesanal registrou os maiores volumes de desembarque, responsável por mais de 280 mil toneladas capturadas.

Apesar disso, nas comunidades tradicionais de João Pessoa, o interesse pela prática tem diminuído, conforme aponta o presidente da Colônia de Pescadores Z-3, John Early, conhecido como “Fumacinha”. “No Brasil, a gente tem a perspectiva da profissão crescendo. Mas tem mais pessoas querendo ser pescadores?”, pergunta. “Porque o filho do pescador não quer. Às vezes, segue por outros caminhos, não só da pesca, mas na sociedade também. Aí eu fico pensando: de cinco filhos, escapa um, dois”, lamenta.

Presidente da Colônia há 29 anos, John soma mais de três décadas de mar. É o mais velho de oito irmãos, quatro homens e quatro mulheres. Ao falar da profissão, ele se emociona. “Pescar é bom. É gratificante. O mar educa”, declara.

Atualmente, no entanto,

nem a melhora nas técnicas empregadas no mar consegue animar as perspectivas de continuidade da profissão. Mesmo que haja barcos, explica John, não há tripulação. “A pesca artesanal existe em qualquer país do mundo, como a agricultura familiar. Hoje está melhor, tem GPS, uma série de equipamentos que ajudam. Antigamente, a gente se guiava pelos astros e por terra. A pesca não é uma brincadeira. Antes, o trabalhador era visto como cachaceiro. [As pessoas] esquecem que a atividade faz parte da economia do Brasil”, comenta.

Segundo boletim do MPA, metade da produção marinha nacional de 2023 a 2024 veio da vertente artesanal



John Early, presidente da Colônia de Pescadores Z-3, relata diminuição da tripulação na capital paraibana

Insuficiências estrutural e comunitária afetam produção local

O pescador Marcos Machado trabalha na peixaria de João Oliveira, na Vila dos Pescadores do bairro da Penha. Acorda cedo, enfrenta a maré e, quando chega à terra firme, descarrega o peixe no estabelecimento. Essa é a rotina dele há mais de 30 anos. “O dia a dia, como diz a história, é no mar, né?”, brinca. “A gente começa desde pequeno, com os pais, pescando na beira da praia”.

Enquanto conversa com a reportagem, Marcos aponta para o corredor, onde repousa a captura do dia recém-descarregada. “O vento está brando. Aí fica tudo melhor. Verão sempre é melhor para o nosso tipo de pesca. E, quando a lua está cheia, a gente não vai. Fica muito claro. Então, o peixe, como a gente chama, não boia. Quando é inverno, a gente só pega o de comer. Mas,

no verão, a gente ganha um trocadozinho. Como agora. Essa foi a segunda pescaria da gente”, explica.

Como Benedito e John, nenhum dos filhos de Marcos optou pela carreira no mar. Ao lado de João e dos moradores da comunidade, ele continua uma tradição que tenta, com esforço, resistir na capital. A esse enfraquecimento da cultura pesqueira, revelam os pescadores, acrescentam-se os riscos entre as ondas e a falta de conhecimento integrado na população que sobrevive da prática.

Infraestrutura

Para João Oliveira, o principal desafio de sua atividade é a insuficiência da infraestrutura local. Pescadores artesanais estão vulneráveis a doenças ocupacionais pela exposição excessiva à luz solar e ao

contato com substâncias tóxicas, água e resíduos contaminados.

“A dificuldade do pescador, quando chega em terra, é por causa da água do peixe. Para lavar, tem que jogar essa água dentro da fossa. A rede de esgoto já está instalada. Falta uma piscina e um bombeamento para tirar o esgoto, que é o que acontece hoje com toda água daqui”, revela.

Esse, porém, não é o único problema. A pesca artesanal enfrenta o desinteresse e a pulverização dos laços comunitários. “Hoje, aqui, falta muita coisa. Primeiramente, a união dos moradores. A união dos pescadores também não tem. É um por si e não para os outros”, destaca o dono da peixaria. “Quando você é dividido, você não consegue nenhum objetivo. Aqui já era para ser uma estrutu-



Marcos lida com peixes há mais de 30 anos; tradição, porém, não persistiu em seus filhos

ra muito bonita, muito organizada. A gente trabalha com a maior limpeza do mundo, com o maior carinho, porque o pessoal de fora e o pessoal daqui tem que ter um produto bom, de qualidade, tem que ter

higiene com as pessoas. E com o próprio ambiente em que você trabalha”, finaliza.

Ainda assim, os pescadores continuam. Nos fundos da peixaria, mais trabalhadores chegam da areia da praia, enquanto João e

Marcos seguem para casa. Vão tomar banho, trocar de roupa e voltar para tratar o peixe, dando seguimento a uma rotina que atravessou os séculos e ainda resiste em parte dos moradores da Penha.

ENEM 2025

Caminhos para um bom desempenho

Professores destacam a importância de revisar conteúdos estratégicos e cuidar do bem-estar físico e mental

Carolina Oliveira
marquesdooliveira.carolina@gmail.com

Organizar o tempo, revisar os conteúdos e conhecer as características da prova são algumas prioridades que ocupam a rotina daqueles que se preparam para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Coordenador pedagógico do programa Se Liga no Enem, Haniel Lima destaca que o autoconhecimento, enquanto estudante, é uma ferramenta importante. “Saiba quais são as áreas, ou mesmo um componente que você tem mais dificuldade, que na sua trajetória escolar foi mais difícil acertar questões ou desenvolver um raciocínio lógico sobre o conteúdo. A partir disso, foque nesses pontos durante a reta final para o Enem”, aconselha.

Faltam 15 dias para o primeiro dia de prova, quando serão realizados os testes nas áreas de Linguagens, Códigos e suas tecnologias; Ciências Humanas e suas tecnologias; e Redação. Haniel explica que, para quem tem mais dificuldade na produção textual, é importante focar nas cinco competências e treinar. Ele menciona que há programas do Estado, como o Desafio Nota 1000 e o Se Liga no Enem, nos quais os professores trabalham esses conteúdos de forma prática. Quanto à língua estrangeira escolhida — espanhol ou inglês —, Haniel recomenda concentrar-se em técnicas de leitura, pois, muitas vezes, o tempo para interpretar textos longos é limitado;

Cursinho estadual impulsiona estudos

O Se Liga no Enem Paraíba é uma iniciativa da Secretaria de Estado da Educação da Paraíba (SEE-PB) voltada para a preparação dos estudantes da rede estadual para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). “As ações vêm sendo desenvolvidas no formato atual desde o ano de 2020. O Se Liga no Enem Paraíba oferece aulas remotas via Google Meet, *lives* no YouTube e festivais presenciais em todas as Gerências Regionais de Educação, com foco nas competências exigidas pelo Enem”, explica o coordenador pedagógico Haniel Lima.

Inclui videoaulas, simulados, materiais de apoio, mentoria coletiva de redação, *podcasts* nas rádios Tabajara, Parahyba FM e no *streaming* Spotify, além de acompanhamento pedagógico até o dia do Enem. Os conteúdos são organizados por áreas do conhecimento e seguem a matriz de referência do Enem. “Os festivais presenciais são espaços para revisões, práticas laboratoriais, oficinas, atividades culturais, protagonismo estudantil e trocas de experiências para quem está se preparando para o exame”, conta o coordenador pedagógico.

Desde 2020, o Se Liga no Enem Paraíba contabiliza mais de 42.000 estu-



Foto: Haniel Lima/Arquivo pessoal

Programa da Secretaria de Educação alcançou mais de 42 mil alunos e soma cerca de 36 mil aprovações no Sisu e ProUni

tado; essas técnicas também ajudam nas questões de ciências humanas, que são muito contextualizadas: uma questão de geografia pode envolver contexto sociológico, e uma questão de história, contexto filosófico.

De acordo com o coordenador pedagógico, é crucial que o aluno entenda que os estudos da reta final devem ser direcionados ao aprimoramento. “Infelizmente, com este menor tempo restante, você não consegue mais revisar todo o conteúdo, então prioridades precisam ser estabelecidas”.

O segundo dia, com as provas de Ciências da Natureza e

suas tecnologias; e, sobretudo, Matemática e suas tecnologias também é muito importante. “Matemática corresponde a

cerca de 20% da prova, então questões e exercícios merecem atenção. A nota varia de acordo com a resposta ao item, en-

tão quanto mais você acerta questões fáceis, você tende a aumentar a sua nota. Sabendo que Redação e Matemática são

Mestres e discentes compartilham métodos

Professor de Matemática das turmas de 3º ano do Ensino Médio, e também do 9º ano do Ensino Fundamental, da Escola Cidadã Integral ECI Deputado Carlos Pessoa Filho, em Aroeiras, Raylson Bernardo explica que, para além da preparação contínua — fundamental na trajetória escolar de cada estudante —, na reta final, estratégias direcionadas como resolução de questões são aliadas. “Desde cedo é bom ir tomando ciência do tipo e estilo das questões, até porque algumas cobram conteúdo de Fundamental”.

Os concluintes devem ter um certo senso de emergência na rotina de preparação, já que o 3º ano é o último do ensino básico. O professor Carlos destaca que a preparação individual pode ser difícil, pois, às vezes, falta foco e dedicação. Em relação à matemática, ele explica que procura preparar os alunos com questões relacionadas, por meio de projetos nas disciplinas eletivas e práticas, correlacionando os conteúdos para que possam compreender os conceitos de outra forma e superar dificuldades, além de desenvolver habilidades ainda não adquiridas. Segundo ele, o trabalho envolve revisar o conteúdo básico e avançar para questões, observando como os temas são cobrados no exame.

Para a prova de matemática, o ideal é repassar os assuntos mais recorrentes: matemática básica, regra de três, razão e proporção, geometria plana, geometria espacial, a parte de funções, e estatística. “Conseguindo cobrir essas habilidades e competências, cada estudante garante a capacidade de resolução de pelo menos 50%, 60% da prova. Até porque nem todo mundo precisa resolver a totalidade”, aconselha Raylson. Quem já está fora da es-

cola, precisa adaptar as estratégias com disciplina e uma rotina estruturada. “Na escola, você tem professores, tem a coordenação, a gestão da escola, e até colegas mesmo, que estimulam e formam uma comunidade. Quando você sai da escola, é você por você. Essas pessoas têm que ter principalmente foco no que elas querem atingir, e persistir. A gente vê diversos casos de pessoas que tentam Medicina por anos seguidos, e conseguem passar, chegar no curso que sonham”, opina o professor.

Se o vislumbre é nos cursos em que a nota de corte é mais elevada, um dos pontos destacado é a necessidade de errar menos questões. “Se o seu objetivo é Medicina, por exemplo, tem que começar a estudar desde muito cedo, ir atrás de cursos, presenciais ou *on-line*, e existem diversos cursos de professores excelentes, de todas as áreas de conhecimento. Até porque algumas pessoas acabam focando só em redação, e esquecem que tem outras quatro áreas de conhecimento para estudar. E quando a exigência é muito alta na nota, você acaba tendo menos margem de erro”, adverte.

A Teoria de Resposta ao Item (TRI) verifica quais questões foram tidas como fáceis, as de nível médio e aquelas mais difíceis. “A gente estuda os dados da prova quando são divulga-

dos e vê que tem uma variação muito alta de pontuação para pessoas que acertaram a mesma quantidade de questões. Se você acertou poucas fáceis, e acertou algumas difíceis, se considera que as difíceis foram por chute. Isso impacta na nota”, explica o professor.

Para enfrentar a TRI, de acordo com Raylson, a estratégia é priorizar o acerto das questões mais fáceis: fazer logo as fáceis, tentar fazer as médias e, se tiver tempo, ir para as mais difíceis. “Geralmente, a prova tem umas 20 questões que são de nível fácil, umas 15 de nível médio e as restantes de nível difícil, em cada área. Aí, você procura identificar as fáceis e resolvê-las, e progride para o restante da prova”.

Ayana Batista é estudante em tempo integral, tem 17 anos, e quer, com o resultado no Enem, entrar para o Ensino Superior, no curso de Ciência da Computação. “Como estudo em escola integral, eu tento organizar a rotina para não ficar tão cansativa à noite, que é quando eu costumo estudar sozinha. De dia, quando estou na escola, eu, obviamente, faço as instruções dos professores, as matérias que eles passaram. Quando eu chego em casa, eu tento revisar tudo que vai cair nas provas dos domingos”.

A aluna costuma distribuir as matérias nos dias da semana. “Eu foco bem

aquelas provas em que você consegue ter mais pontuação, caso você queira, revise alguns componentes”, ressalta Haniel.

Dar-se um tempo de descanso também é válido para ter equilíbrio. Pausas no estudo durante o dia, ou no fim de semana, podem ajudar a aliviar as tensões, garantindo que os esforços de estudo fiquem alinhados com o bem estar. “Se você gosta de estudar de véspera, tente fazer isso só até a quinta-feira ou sexta-feira. Se quiser ainda estudar no sábado, faça isso só pela manhã, para deixar a tarde e à noite livres, descansar mentalmente, dar uma saída com os amigos, com a família, e nos domingos de prova, poder fazer o exame com mais tranquilidade. Em relação à saúde, praticar exercícios físicos, beber muita água, se alimentar bem, estar preparado para o dia da prova, mentalmente também, e fazer exercícios de respiração são atitudes benéficas”, orienta o coordenador do Se Liga no Enem.

mais em Matemática e Redação porque é o que mais levanta nota, mas, obviamente, eu não deixo as outras de lado, eu sempre dou uma revisada em História, Geografia, Biologia, e em Português, e Inglês, que é a língua específica que eu escolhi. Estou inscrita no Se Liga no Enem, vejo as atividades propostas, os estudos orientados e faço simulados em casa, pego provas antigas. Eu faço também as atividades que os professores passam, que tem justamente o objetivo de preparar para o Enem”, afirma Ayana.

O estudante Wellison Barbosa, de 18 anos, priorizou, até metade deste ano, a revisão de conteúdos estratégicos. “Principalmente, os que mais caem na prova. Na internet, temos acesso a esses assuntos, acompanhamos, estatisticamente, quantas questões caem de cada assunto e em cada prova. Eu dediquei também um tempo para dar mais atenção às ciências da natureza, minha maior dificuldade”.

Na reta final, o planejamento de Wellison está voltado para a resolução de questões disponíveis em bancos. “Eu simulo o tempo de prova e procuro estudar pelo menos meia hora por dia. O importante é manter a constância. Mesmo que, em um dia, eu não consiga estudar muito, juntando todos os dias é possível ter um ótimo resultado”, avalia.

Dicas de Planejamento e Estudo

- **Organização do tempo:**
 - Monte um cronograma semanal com horários fixos para cada disciplina (área) que tenha mais dificuldade;
 - Reserve tempo para prática de exercícios e simulados;
 - Use a técnica Pomodoro: 25 minutos de foco + 5 minutos de pausa. Após 4 ciclos, faça uma pausa maior.

- **Estratégias de aprendizado:**
 - Mapas mentais ajudam a visualizar conexões entre conteúdos;

- *Flashcards* são ótimos para revisar fórmulas, datas e conceitos;
- Ensinar alguém ou explicar o conteúdo em voz alta reforça a memorização;
- Use questões de provas anteriores do Enem para identificar padrões;
- Mantenha um caderno de erros para revisar os pontos que mais causam dificuldade; tides Madureira Barros, até a Rua Rosa Lima dos Santos. O trecho das Três Ruas está bloqueado enquanto durarem as obras de interligação do local à ponte.



Pelo QR Code, acesse as plataformas vinculadas ao Se Liga no Enem

VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS

Cresce o número de casos na capital

Segundo informações do Conselho Tutelar, volume de denúncias deste ano já supera os registros de 2024

Nalim Tavares
nalimtavaresrdo@gmail.com

O cuidado com as crianças é o primeiro passo para a construção de uma sociedade melhor. Ao garantir que elas tenham acesso à educação, à saúde e a um lar seguro e afetivo, investe-se em um futuro composto por adultos que confiam em si mesmos, com autoestima, empatia, habilidades sociais e segurança para enfrentar desafios. Entretanto, os casos de violência vêm tornando mais distante esse mundo melhor, e uma análise do número de denúncias realizadas junto ao Conselho Tutelar paraibano sugere um aumento de violações aos menores: até o dia 21 de outubro deste ano, somente em João Pessoa, foram feitas 435 delações — marca que já supera em 92 casos a quantidade de registros do ano passado inteiro, na capital. Em todo o estado, entre as categorias das agressões, o crescimento mais expressivo é o da violência sexual.

Os dados foram extraídos do Sistema de Informação para a Infância e Adolescência (Sipia), um banco nacional utilizado pelo Conselho Tutelar para registrar informações sobre violações aos direitos das crianças e dos adolescentes. De acordo com o órgão, na Paraíba, os casos de aliciamento sexual aumentaram 50% em relação a 2024, e os de estupro de vulnerável, 8,3%. Entretanto, ao contrário do ocorrido na capital, o número geral de denúncias feitas neste ano, no estado (632), ainda não ultrapassou o total de 2024 (711), e houve ligeira queda na quantidade de denúncias referentes à violência física ou psicológica.

Segundo o juiz titular da 1ª Vara da Infância e Juventude de João Pessoa, Adhailton Lacet, qualquer pessoa que tome ciência de uma agressão sofrida por um menor pode fazer uma denúncia sigilosa ao Conselho Tutelar, à polícia, ao Ministério Público do estado (MPPB) ou mesmo junto à Vara da Infância e Juventude, além do Disque 100, voltado a ocorrências relacionadas aos Direitos Humanos. O magistrado explica que é necessário que todos fiquem atentos porque, “na maioria das vezes, os agressores são pessoas conhecidas das vítimas, quando não são seus parentes ou alguém que exerce algum poder sobre elas, como professores, babás etc.”.

Informações do Atlas da Violência 2025, divulgado em maio, pelo Instituto de

Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), corroboram essa afirmação: independentemente da faixa etária, da infância até a adolescência, a violência familiar é o tipo prevalente: 67,8% das crianças com idade até quatro anos; 65,9% das que estão na faixa etária dos cinco aos 14 anos; e 48,4% dos jovens de 15 a 19 anos estavam em casa quando o crime aconteceu.



Foto: Divulgação/TJPB

Na maioria das vezes, os agressores são conhecidos das vítimas: parentes, professores, babás etc.

Adhailton Lacet



Ocorrências de aliciamento sexual de menores subiram 50% em todo o estado, em relação ao ano passado; já os episódios notificados de estupro de vulnerável aumentaram 8,3%



Ilustração: Bruno Chiossi

Especialista alerta para impactos da agressão

Psicóloga escolar e pós-graduada em Projetos Sociais e Políticas Públicas, Maria Vitória resalta que “a infância é o chão em que pisamos durante toda a nossa vida”. Conforme a especialista, isso significa que todo trauma sofrido na meninhez gera uma dificuldade para a vida adulta, que se agrava à medida que não é tratada com a devida atenção. Portanto, reconhecer e enfrentar a violência contra crianças, bem como acolher as vítimas, é fundamental para construir um futuro mais saudável e justo.

Vitória conta que os sinais de violência — seja ela física, psicológica, sexual ou discriminatória — estão sempre presentes, embora variem para cada criança: enquanto algumas, por exemplo, retraem-se, outras podem tornar-se hostis e combativas. “Pode ser uma

criança mais calada ou mais hiperativa, mas ela vai apresentar algum comportamento que não é funcional, que vai dificultar a questão da aprendizagem e da socialização”. Outros indícios a que se deve prestar atenção são a presença de hematomas, ansiedade, preferência pelo isolamento e alterações no comportamento ou nos horários de sono.

Ainda, a psicóloga alerta que, ao crescer como vítima de violência, especialmente quando a agressão parte de alguém que devia atuar como protetor, uma pessoa pode associar afeto à dor e, assim, ter dificuldade para reconhecer que cuidar não tem nada a ver com ferir. “Quando aparece alguém que quer dar amor, ela não consegue deixar isso acontecer porque, em sua cabeça, quem ama também agri-

de. Então é difícil receber um elogio, um presente. A pessoa não se acha merecedora”, observa. Como esclarece Vitória, a base do conceito de “eu” é formada na infância. Valores como autoconfiança, autoestima e amor-próprio, na vida adulta, dependem muito das experiências vividas e sentidas quando se é criança. Impactos sobre qualquer um desses pilares pode formar uma pessoa insegura, que tem medo de tomar as próprias decisões e encontra dificuldades para criar vínculos — ou vínculos sadios — com as outras pessoas e o mundo à sua volta.

Além disso, a especialista aponta que o leque das manifestações de violência é mais amplo do que alguns podem imaginar: não permitir que um menor sociali-



Foto: Arquivo pessoal

Pode ser uma criança mais calada ou hiperativa; ela apresentará um comportamento que não é funcional

Maria Vitória

ze com outros, levá-lo a locais inapropriados, agredi-lo verbalmente ou ser omissos perante a negação de qualquer direito da criança também se qualificam como formas de violência e, inclusive, compõem categorias específicas das violações que são registradas pelo Conselho Tutelar.

A penalidade varia conforme o tipo de crime e a gravidade das lesões, e pode ser pago com multa ou detenção — que varia de meses a anos, conforme as especificidades do delito. Segundo o juiz Adhailton Lacet, é preciso que toda a sociedade trabalhe para proteger as crianças. “Família, comunidade, Poder Público, cada qual à sua maneira, para que os infantojuvenis possam se ver livres de qualquer forma de violação de direitos”, defende.

Novas legislações impulsionam o enfrentamento do crime

A comparação entre as quantidades de registros de violência contra crianças em todo o ano de 2024 e no período parcial de 2025 acende alertas no que tange à segurança e ao bem-estar dessa população: ainda que os dados disponíveis deste ano refiram-se até o último dia 21, o aumento percentual constatado nas categorias já mencionadas é notável e

■ O Estatuto Digital da Criança e do Adolescente foi sancionado pela chamada “Lei Felca”, inspirada em denúncia do youtuber

merece atenção.

Entretanto, é preciso considerar que tal crescimento no número de denúncias também pode estar relacionado a outros fatores, além do salto nas ocorrências. É possível, por exemplo, que as campanhas de sensibilização realizadas em João Pessoa e pela Paraíba tenham alcançado e incentivado mais pessoas a reagir diante dos casos, e

que a confiança da população nos canais de denúncia esteja crescendo, o que implicaria em mais registros e menos episódios abafados ou subnotificados.

Neste ano, o combate à violência contra crianças também foi impulsionado por novas legislações, como o Estatuto Digital da Criança e do Adolescente (ECA Digital), sancionado pela Lei Fe-

deral nº 15.211/2025 — a “Lei Felca”, publicada em setembro, depois que o influenciador digital Felipe Bressanim Pereira, popularmente conhecido como Felca, postou um vídeo-denúncia falando sobre a exploração e o abuso de crianças e adolescentes nas plataformas digitais, levantando um debate sobre a “adultização” de menores de idade na internet.

Assim, a alta nos registros de violência é um indicador ambivalente: por um lado, revela uma realidade que precisa ser combatida, a fim de proteger a infância e promover um futuro mais próspero; por outro, sinaliza um possível avanço na capacidade da sociedade de enfrentar e expor um crime que, antes, era invisibilizado, ou sobre o qual não era jogada a devida luz.

RAÍZES DO BREJO

Serra da Raiz recebe festival regional

Nova etapa do circuito itinerante chega à cidade no dia 7 de novembro, fomentando o turismo e as manifestações locais

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

A sétima edição da Rota Cultural Raízes do Brejo chega, no dia 7 de novembro, à cidade de Serra da Raiz. A agenda especial preparada para o município, conhecido por sua cultura e seus atrativos turísticos, terá, entre os destaques, a cantora pessoense Renata Arruda.

O secretário municipal de Turismo de Serra da Raiz, Ben-Hur de Oliveira, ressaltou a expectativa gerada pelo festival na localidade. “O Raízes do Brejo é o evento cultural e turístico mais aguardado, durante todo o ano, pela comunidade local, principalmente pelos que fazem a economia criativa, pousadas e restaurantes”, frisou Ben-Hur.

A preparação da festividade vem desenvolvendo-se mediante a integração da gestão municipal com os empreendedores e agentes locais da economia criativa, que se organizam por meio de capacitações e encontros, para oferecer um evento que agrade a um público diverso.

Terceira cidade a receber o Raízes do Brejo, Serra da Raiz tem uma população de cerca de três mil habitantes, de acordo com o Censo De-



Foto: Arquivo pessoal

Esse é o evento cultural e turístico mais aguardado do ano pela comunidade, principalmente pelos que fazem a economia criativa

Ben-Hur de Oliveira



Foto: Djê Silva/Prefeitura de Serra da Raiz

Município é o terceiro a sediar a sétima edição da iniciativa, que conta com o apoio do Governo Estadual e de prefeituras

mográfico de 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e situa-se a 108 km de João Pessoa. O Sítio Arqueológico da Loca da Nega e o Mirante do Tambor são alguns dos pontos turísticos serra-raizenses que farão parte da agenda de atividades da rota cultural.

De fato, dar visibilidade às belezas e riquezas de cada uma das 10 cidades integrantes do circuito itinerante é um dos objetivos da iniciativa. Como comentou o secretário Ben-Hur, “o desenvolvimento cultural e turístico de um município não se faz sozinho. É preciso parcerias

e trocas de experiências, e é isto que a Rota Cultural Raízes do Brejo proporciona: o crescimento em conjunto de toda a região”.

Até dezembro

Lançado em Guarabira, no fim de setembro, o festival já ocorreu em Lagoa de

Dentro e encerra, hoje, sua programação em Alagoinha. O projeto é promovido pelo Fórum Regional de Turismo Sustentável do Brejo Paraibano (FRTSB-PB), com o apoio do Governo do Estado e das prefeituras das localidades participantes, e apresenta ao público uma variedade

de atrativos, como apresentações musicais, espetáculos cênicos, culinária e ações na natureza. Após Serra da Raiz, o circuito ainda passará, até o mês de dezembro, por Dona Inês, Juarez Távora, Guarabira, Pirpirituba, Belém, Duas Estradas e Pilõezinhos.

Serão três dias de arte, música, gastronomia e trilha ecológica



Foto: Divulgação/Renata Arruda

A cantora pessoense Renata Arruda está entre as atrações da programação de shows

Neste ano, o tema do Raízes do Brejo é “Versos e Contos que Retratam Nossa História”. Por isso, conforme antecipou o secretário de Turismo de Serra da Raiz, a produção literária local e apresentações de escolas municipais e estaduais estarão entre as atrações locais do evento. “Destacamos também o Forró da Feira, com Cazuza e Banda, e a trilha ecológica para o Sítio Arqueológico da Loca da Nega e o Mirante do Tambor”, apontou Ben-Hur de Oliveira.

O primeiro dia da programação, sexta-feira (7 de novembro), será marcado pela inauguração da Feira de Artes e Gastronomia, no Largo do Teatro. A abertura oficial do festival acontecerá às 19h30, com uma performance

da Banda de Música Joaquim Menezes, além do espetáculo “Versos e Contos que Retratam Nossa História”. Às 21h, artistas da terra tomarão conta do palco do evento para o encerramento da noite.

As ações do sábado (8/11) começam cedo. Às 7h, ocorre o Forró na Feira. Às 14h, a Feira de Artes e Gastronomia retoma suas atividades, seguidas de apresentações culturais até as 18h. A partir das 21h, é a vez da agenda musical da noite, com concertos de Renata Arruda — ícone da cena paraibana, consagrada pela canção “Porta do Sol” — e do cantor campinense Gegê Bismarck.

O domingo (9/11), último dia do circuito em Serra da Raiz, traz como grande atrativo da manhã a trilha ecológi-

ca até o Sítio Arqueológico da Loca da Nega e ao Mirante do Tambor. Ambos são equipamentos naturais que evidenciam o potencial dos turismos rural e de experiência do município. Nas palavras do prefeito da cidade, Luiz Machado, o passeio permitirá aos visitantes conhecer “lugares pitorescos”, ao longo de “rotas que fazem o coração bater mais forte quando você está caminhando por elas”.

Das 14h às 16h, o público do Raízes do Brejo poderá assistir a mais uma sequência de apresentações culturais e apreciar o pôr do sol no Engenho Boa Vista. A Feira de Artes e Gastronomia reabre às 19h, e a rota cultural tem seu encerramento em Serra da Raiz com um show de calouros.

Atrativos incluem sítio arqueológico, obras históricas e licores

Ao comentar a relevância da festividade cultural para o município, o prefeito serra-raizense ressaltou o potencial turístico da cidade para receber e maravilhar os turistas que viajam à região. “Hoje, Serra da Raiz respira turismo. Quem chegar para visitá-la sairá encantado com o que vai encontrar”, declarou Luiz Machado.

Entre as principais atrações locais, está o Sítio Arqueológico da Loca da Nega, uma área rochosa que fica no Sítio Cardoso e sedia atividades arqueológicas, a partir de um convênio da Prefeitura Municipal com a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O objetivo da inicia-

tiva é investigar, catalogar, preservar e divulgar o patrimônio arqueológico, histórico, natural e cultural de Serra da Raiz.

Localizado em uma formação rochosa, o monumento do Cruzeiro oferece, do seu alto, uma visão panorâmica de Serra da Raiz, permitindo aos visitantes, inclusive, contemplar a Igreja Matriz do município, o Santuário de Nosso Senhor do Bonfim. A construção do Cruzeiro também tem relevância histórica, marcando a passagem do século 19 ao 20 na região.

O Lajedo do Alto, no Sítio Bom Jesus, é o lugar ideal para os turistas desfrutarem

de um contato mais próximo com a natureza local e contemplar o nascer do sol em meio a uma paisagem deslumbrante. Já para apreciar o pôr do sol na cidade, recomenda-se ir até a Pedra do Mirante — onde, mensalmente, acontece o Luau da Pedra do Mirante, quando os visitantes podem não só conferir a beleza do poente, mas desfrutar de shows musicais até a noite.

Dedicado à preservação da memória e da identidade de Serra da Raiz, o Museu da Copaoba é mais um ponto turístico de destaque. Seu acervo é dividido em três áreas: ocupação indígena, que expõe achados do perío-

do pré-colombiano; fundação da cidade; e reconquista da emancipação.

Vale mencionar, ainda, uma curiosa vocação gastronômica local: a fabricação caseira de licores dos mais diversos sabores, como tamarindo, café, rosa e uva, entre outros.

Origens

A região onde hoje situa-se o território serra-raizense era conhecida como uma localidade para onde viajantes dirigiam-se em busca de ouro. Um deles, Major Costa, construiu, na área, uma pequena indústria de beneficiamento e de fiação de algodão, em torno da qual foi crescen-

do um novo povoado.

A cidade de Serra da Raiz era, inicialmente, um distrito homônimo ligado ao município de Caicara. Em 1938, passou a ser chamada de Copoaba, em razão de estar localizada na Serra da Copao-

ba, que também engloba as cidades de Caicara, Belém, Duas Estradas e outros municípios limítrofes. Finalmente, em 1959, o distrito foi elevado à categoria municipal e seu nome voltou a ser Serra da Raiz.

Calendário

Confira os outros destinos da Rota Cultural Raízes do Brejo:

- **Dona Inês:** de 14 a 16 de novembro;
- **Juarez Távora:** de 21 a 23 de novembro;
- **Guarabira:** de 28 a 30 de novembro;
- **Pirpirituba:** de 5 a 7 de dezembro;
- **Belém:** de 12 a 14 de dezembro;
- **Duas Estradas:** de 19 a 21 de dezembro;
- **Pilõezinhos:** de 26 a 28 de dezembro.



Foto: Divulgação/Prime Video

CULTURA POP

Novidades em Cangaço Novo

Série tem painel com elenco no último dia do Imagineland On the Road, em Campina Grande

Allan Souza Lima e Alice Carvalho, protagonistas de “Cangaço Novo”

PROGRAMAÇÃO/HOJE

Palco Red Carpet

- 13h – Rogério Vilela
- 14h – Pyong Lee
- 15h – Um Cabra Bom de Bola
- 16h – Érico Borgo e Laís Almeida
- 17h – Cangaço Novo
- 18h – Daniel Gillies

Artists’ Alley

- 12h30 – Social Comics
- 14h – “Como Se Tornar um Artista Profissional”, com Alzir Alves e Ricardo Jaime
- 15h30 – Shiko
- 17h – Thony Silas e Frank Martin, artistas do Batman

ONDE:

■ CENTRO DE CONVENÇÕES DE CAMPINA GRANDE (Alça Leste, Nova Brasília, Campina Grande).

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

O Imagineland On the Road encerra, hoje, a sua terceira edição, realizada em Campina Grande, com uma programação extensa e dedicada à cultura pop. Um dos destaques do Palco Red Carpet, às 17h, é o painel sobre a série *Cangaço Novo*, do Prime Video: além do protagonista, Alan de Souza Lima, três dos atores paraibanos que compõem o elenco, Marcélia Cartaxo, Lucas Veloso e Joálisson Cunha, integram o encontro, que exibirá cenas inéditas da nova temporada. Já o ator canadense Daniel Gillies, do seriado *The Vampire Diaries*, encontra o público às 18h. Todas as atrações estão concentradas no Centro de Convenções de Campina Grande, situado no bairro de Nova Brasília e inaugurado neste fim de semana.

Cangaço Novo, cuja segunda temporada tem previsão de estreia para 2026, acompanha as desventuras de Ubaldo (papel de Souza Lima), bancário que retorna à cidade natal de sua família, no Ceará, para tomar posse de uma herança deixada pelos pais. Ao chegar, descobre que tem duas irmãs envolvidas com o crime, Dilvania (Thainá Duarte) e Dinorah (Alice Carvalho). A série do Prime teve cenas rodadas nas cidades paraibanas de Boa Vista e Cabaceiras, no Cariri, e no Sertão, e conta com outros artistas paraibanos, dentre eles: Buda Lira, Daniel Porpino, Fernando Teixeira e Luiz Carlos Vasconcelos. Do painel, além de Alan, Thainá e Alice, participam a intérprete Hermila Guedes e o diretor Fábio Mendonça.

A série tornou-se um sucesso do Prime, mas não apenas entre os usuários brasileiros, quando do lançamento da primeira temporada, alcançou o top 10

de títulos mais consumidos em 49 países. Marcélia Cartaxo, que completou 40 anos de carreira audiovisual, dá vida a Zeza Vaqueiro, líder ruralista, e voz aos pequenos produtores da Zona Rural do município. “Principalmente, contra aqueles que ficam de olho nas terras deles, que se aproveitam muito da fraqueza dessas pessoas, das que precisam mais. *Cangaço* é um projeto muito importante para a gente, sobretudo porque foi feito em Cabaceiras, no famoso Lajedo de Pai Mateus e nas estradas daquela região”, destaca a atriz, nascida em Cajazeiras.

O público conferirá sequências inéditas da série durante o painel. Celebrando a oportunidade de participar do Imagineland On the Road, Marcélia comemora, ainda, o fato de *Cangaço Novo* ter servido de vitrine para o trabalho dela e de outros colegas paraibanos; a artista assinala que a produção do Prime deu-lhe a noção de estar imersa numa indústria de grande porte.

“Se a gente souber afinar bem as questões culturais do nosso país, a gente vai ter o privilégio de ver um Brasil cultural, investindo na educação, investindo no que é mais importante, que é a alegria dos brasileiros, nesse sentimento tão humano. Uma produção inteirinha feita na Paraíba. E estamos na linha de frente”, afirma.

Animação com sotaque

Daniel Gilles dá vida ao vampiro Elijah Mikaelson, criatura que povoou quatro das oito temporadas de *The Vampire Diaries* e que liderou o elenco de *The Originals*, espécie de *spin-off* da primeira série. Seu trabalho mais recente é a participação recorrente em *Virgin River*, seriado da Netflix, ainda em exibição. O painel no Red Carpet será mediado por

Breno Jordan e Carol Bombshell; após o bate-papo, Daniel estará disponível para fotos e autógrafos, para os que adquiriram o passe previamente, no site do Imagineland. Outros artistas também encontram seus fãs a partir das 14h: Peter Jordan, do canal *Ei Nerd!*; Osric Chau, ator de *Sobrenatural*; Kim Joo-Ryoung, de *Round 6*; e Jessie T. Usher de *The Boys*.

Outro painel antecipa novidades sobre outro filme, com estreia marcada para o ano que vem: *Um Cabra Bom de Bola*, animação da Sony Pictures. À frente deste segmento estará o dublador português Rafael Sadovski, que fornece voz brasileira ao protagonista, Zeca; o trocadilho presente no título decorre do fato de o personagem ser um cabrito e um ás do basquete. O material de divulgação do longa-metragem indica, ainda, que o ator deve manter o seu sotaque natural no desenho. Antes de *Um Cabra Bom de Bola*, Sadovski esteve no elenco de dublagem de *Batman Ninja contra Liga da Yakuza*.

A programação do Artists’ Alley contará com a presença do quadrinista paraibano Shiko, às 15h30. Antes, a partir do meio-dia, outros dois painéis discutem artes visuais: primeiro, o app Social Comics, com Érico Rosa e Rafael Marfim; o segundo, “Como se tornar um artista profissional”, com Alzir Alves e Ricardo Jaime. A Arena Games promove os últimos confrontos da temporada. Neste fim de semana, 16 times disputam um campeonato de Counter-Strike 2 em duas etapas, uma digital, no ambiente do jogo, outra presencial, numa arena de *laser tag*. Além dos prêmios em dinheiro, o primeiro colocado poderá participar do campeonato mundial Games of the Future, no Cazaquistão, em 2026.

Foto: Divulgação/Sony



“Um Cabra Bom de Bola”: dublador estará no painel da animação

Foto: Natália Di Lorenzo/Divulgação



Shiko: quadrinista conversa com o público

Foto: Divulgação



Daniel Gillies, em “The Vampire Diaries”: painel no fim de tarde

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

A sociologia do cupido

Casamos, quase sempre, com quem pertence a nossa classe social. As exceções existem, é evidente, mas elas são tão pequenas que apenas confirmam a regra. Vários fatores levam a isso. Um deles é o fato de que nosso círculo social está ligado à classe que fazemos parte. Observe que não convivemos nos mesmos lugares que os bilionários. Não estudamos nas mesmas escolas e universidades, não comemos nos mesmos restaurantes, não participamos das mesmas festas, nem somos sócios dos clubes que eles frequentam. O que sabemos sobre a existência deles, geralmente, é através dos meios de comunicação, do cinema ou dos livros de sociologia.

Historicamente, o casamento desempenha mais um papel econômico do que sexual ou afetivo. Entre os camponeses na Idade Média o matrimônio era uma necessidade vital para garantir a produtividade agrícola. Uma maior quantidade de filhos significava mais braços para trabalhar na lavoura, isto é, uma vida menos dura. O mesmo vale para os trabalhadores urbanos do mundo atual para quem o casamento é uma forma de aumentar a renda. Os custos de vida são a cada dia mais altos e a união entre duas pessoas ajuda a enfrentá-los. Alguém de classe média tem mais chance de casar com outra pessoa de classe média, reduzindo assim o risco de declínio social.

Além desses fatores de renda, existem também questões importantes de caráter cultural e educacional. O grau de educação formal é um marcador do casamento intraclasses. Indivíduos com ensino superior estão mais propensos a se casar entre si e vice-versa. Estudos, como os de Pierre Bourdieu e Arlie Russell Hochschild, mostram como se tornou menos frequente o casamento entre pessoas de classes diferentes em sociedades com alta desigualdade, porque

a distância simbólica entre os grupos é bem maior. É raro vermos pedreiros se casarem com médicas ou sapateiros com doutoras em economia. Podemos observar essa dinâmica social nas plataformas de namoro. Elas reforçam essas escolhas através de algoritmos que filtram parceiros com base em renda, escolaridade, idade e estilo de vida. Isso revela, com muita clareza, a existência de um “mercado de casamento” com nuances específicas.

Pierre Bourdieu dizia que “o amor é o encontro de dois hábitos compatíveis”. Em outras palavras: o amor será mais provável em situações nas quais há afinidade simbólica. Pessoas da mesma classe desfrutam de códigos sociais e valores culturais comuns, o que acaba funcionando como uma flechada do Cupido. Elas são, por isso, mais suscetíveis a entender “as mesmas piadas”, a valorizar certos tipos de lazer e ideais de vida.

Não é por acaso que muitas famílias costumam aprovar relacionamentos entre iguais e a desencorajar relações fora do círculo social, numa tentativa de manter o status. Essa lógica se expressa em julgamentos corriqueiros como um “bom partido”, o “nível da pessoa” e o “tipo de ambiente” onde se conheceram. Pensando de forma sociológica, os casamentos entre membros da mesma classe reforçam a concentração de renda e de oportunidades, na medida em que os filhos herdam não só o capital econômico, mas o capital simbólico, social e cultural de seus pais.

Nas últimas décadas as mulheres conseguiram acessar postos de trabalho formal com maior remuneração e educação superior em ampla escala, mudando as relações no mercado de casamento. A consequência disso é que as negociações amorosas se tornaram menos desiguais, permitindo que as mulheres pudessem tomar iniciativas e ampliar suas

possibilidades de escolha. Passou a ser mais comum entre elas falar sobre sexo e se discutir sobre relacionamento. Em certa medida, as mulheres começaram a ter um comportamento sexual parecido com o dos homens. Segundo o sociólogo Randall Collins, “se mulheres ocupam postos que lhe dão recursos iguais ao dos homens, elas tendem a ter um comportamento sexual mais parecido com o deles; enquanto mulheres que desempenham funções que proporcionam um baixo poder econômico, especialmente mulheres que desempenham o papel de donas de casa, tendem a ter um comportamento sexual mais tradicional”.

Outra coisa curiosa e contraintuitiva é a inversão analítica proposta por Arlie Russell Hochschild sobre os homens serem mais emotivos em assuntos amorosos do que as mulheres. Culturalmente, o patriarcado atribuiu fortes traços emotivos e irracionais à psicologia feminina. Hochschild, por outro lado, afirma que as mulheres são “especialistas no amor”, pois desenvolveram uma capacidade maior de racionalizar as experiências afetivas, de avaliar seus parceiros e manter o autocontrole emocional. Ao logo dos tempos, o casamento representou mais para as mulheres, sendo um eixo de segurança econômica e emocional, enquanto, para os homens, ele teve importância menor – o que os levou a serem menos preparados pra lidar com as emoções. Se elas aprenderam através de um processo cultural a gerenciar as suas próprias emoções de modo racional e funcional, os homens foram socializados a evitá-las ou reprimi-las. Eles costumam, em consequência disso, associar emoção à fraqueza. Essa diferença fundamental explicaria, na visão de Hochschild, o porquê dos homens serem mais vulneráveis quando se apaixonam ou precisam lidar com uma rejeição.

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Estética e Existência

Arte crítica e emancipadora

A arte, no pensamento do sociólogo e filósofo alemão Herbert Marcuse (1898-1979), representa uma resistência às formas de dominação impostas pela sociedade industrial. Em obras como *Eros e Civilização* (1955), *A Ideologia da Sociedade Industrial* (1964) e *A Dimensão Estética* (1979), o pensador desenvolve uma reflexão sobre o impacto emancipador da estética e sua relação com uma consciência crítica. Para Marcuse, a arte não é apenas expressão individual de sentimentos ou instrumento decorativo, mas uma análise da racionalidade instrumental que domina o mundo moderno. Nesse sentido, sua função é revelar as contradições da realidade social e preservar a imagem de uma sociedade livre de repressão e alienação.

No pensamento marcusiano, a função crítica da arte manifesta-se na capacidade de revelar o sofrimento, as injustiças e as contradições que a ideologia de discriminação procura mascarar sob a aparência de normalidade e progresso. A arte expõe as fissuras das desigualdades sociais, desmascarando a repressão e a falsa felicidade produzida pela compulsão ao consumo e pela racionalidade técnica. Nesse processo, ela permite que o indivíduo perceba a distância entre o que é e o que poderia ser, entre a realidade factual e a possibilidade de uma existência digna e emancipada. Essa potência crítica possibilita à arte romper com a unidimensionalidade, isto é, com a consciência reduzida e conformista, incapaz de transcender a alienação estabelecida. A racionalidade voltada para a eficiência e o lucro absorve até mesmo a cultura, transformando-a em mercadoria. A arte, ao contrário, oferece uma linguagem simbólica que não se submete às seduições da produção material. Ela resiste à transformação de pessoas em coisas e promove o surgimento de uma consciência autônoma. Por meio dessa ruptura, a arte reabre o espaço do pen-



Marcuse: “A Ideologia da Sociedade Industrial”

samento negativo, entendido por Marcuse como o gesto de negação ativa diante da dominação ideológica imposta pela sociedade. Assim, a arte projeta alternativas e contribui para a formação de uma consciência crítica, sensível às contradições do mundo e aberta às possibilidades de transformação.

Em *A Ideologia da Sociedade Industrial*, Herbert Marcuse apresenta o conceito de “homem unidimensional”, entendido como o resultado da fusão entre o indivíduo e o sistema. Nessa configuração, as pessoas perdem a capacidade de pensar criticamente, limitando-se a reproduzir os valores e comportamentos discriminatórios. A cultura de massa e a indústria cultural desempenham papel central nesse processo, ao transformar a arte em mercadoria e o prazer estético em consumo superficial. Por meio da imaginação, da forma e da linguagem simbólica, a arte autêntica rompe com a unidimensionalidade e cria o pensamento alternativo. A obra de arte produz um mundo próprio e

autônomo, no qual o sujeito pode experimentar a liberdade estética e projetar novas possibilidades de existência. Assim, a arte configura-se como um espaço de resistência e de negação do conformismo social, constituindo-se em uma forma de protesto contra a repressão e a alienação.

Em *Eros e Civilização*, Herbert Marcuse relaciona a arte à sublimação não repressiva, isto é, à canalização das energias vitais em direção à criação. A arte transforma a energia erótica — princípio de vida e de prazer — em formas simbólicas que afirmam a liberdade e a sensibilidade. Ao fazê-lo, anuncia a possibilidade de uma civilização fundada na solidariedade, atuando como estimuladora da consciência transformadora. A experiência estética reeduca a sensibilidade e promove uma reconciliação simbólica entre o ser humano e a natureza, assim como entre o indivíduo e a coletividade.

Herbert Marcuse adverte que, quando transformada em mercadoria, a arte perde seu poder crítico e se torna instrumento de conformismo. Para preservar sua força emancipadora, é essencial que mantenha autonomia frente ao poder econômico, afirmando seu valor simbólico, ético e humano. Assim, a arte permanece um espaço de liberdade e transcendência, promovendo a reconciliação entre o indivíduo e o mundo por meio da transfiguração da realidade e da reeducação dos sentidos, projetando uma vida em que prazer e razão se harmonizam.

Sinta-se convidado à audição do 541º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 26, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei sobre a virtuosidade do pianista chinês Lang Lang (1982) e destacarei a importância da arte para a consciência crítica e emancipadora.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Romance apócrifo

Nunca encontrei uma alma gêmea. Nem quando estive na jornada de Odisseu. As pessoas da sala de jantar, do terraço, dos botequins, serafins, afins, vivem a dizer que encontraram sua alma gêmea, mas elas não se apresentam como almas gêmeas.

Ninguém foi um rio, ninguém sonhou com isso. Deixaram-me com os sonhos abertos, com a minha ferida arrebatada, como se eu fosse uma casa abandonada. Nunca a casa de Irene. Lamento, mas não mereço ter encontrado a alma gêmea e nem ousar dizer: “minha alma gêmea”. Chega de propriedade.

Seria José Saramago seria minha alma gêmea? Ah! Não tenho essa sorte. Assim mesmo não desprezo quem não se interessa por mim. O meu único desejo foi aprender a ler e escrever, mas não consegui as duas coisas.

Sombras, leitos, peito duros, cobertos de lençóis de outras terras, lugares, quase palácios, cubículos viscosos onde se oculta a pedra da loucura, mas nada disso tem a ver com a alma gêmea. Eu nem sei por que estou escrevendo sobre ela. Talvez entrando pelos corredores de Paula Lavigne, e já percorri-os todos só pra dizer: fica comigo essa noite e não te arrependas. Ou fica um pouco mais, só um tiquinho.

Sim, José Saramago abordou a alma em sua obra, especialmente através da metáfora da cegueira em romances como *Ensaio sobre a Cegueira*, onde ele questiona a essência moral e espiritual do ser humano quando a visão se perde. Puxa vida, deve ser muito escuro perder a visão. O que uma pessoa conseguiria enxergar com o tato? Uma tatuagem antiga?

Em seus poemas e textos, Saramago também se referiu à alma como centro de emoções e reflexão. Mas o que vem a ser o centro das emoções? Não vale citar a canção de Roberto. São outros detalhes, outras emoções.

Procurei a figura da alma gêmea na garrafa de licor de jenipapo e ela surge toda líquida, lânguida, no jardim que se avizinha, tentando ser substituída pela contemplação. Vi um homem novo de mãos dadas com uma mulher mais velha, e aproximaram-se e passaram à minha frente. Não era a alma gêmea. Alma não come maçã verde.

Voltemos para Saramago. A amiga Jória Guerreiro, já leu alguns livros do escritor português e está a me dizer coisas belas. Ela fala sobre *As Intermittências da Morte* (2005), que eu nunca li. É porque Saramago tem que ler vagarosamente.

O que é a *Janela da Alma*? É outra janela sem gelosia? Não. Inspirados no documentário de mesmo nome, dos diretores brasileiros João Jardim e Walter Carvalho, as imagens apresentam os problemas visuais de pessoas com miopia e cegueira. Saramago é associado à ideia de que a visão do mundo (e, portanto, a nossa percepção de nós mesmos e dos outros) está intimamente ligada à alma, sugerindo que a forma como vemos a realidade é um reflexo de quem somos.

Imagino minha alma gêmea com uma caixa de papelão na cabeça, se protegendo do sol, com ovos para bater bolos, na outra mão. Na luz reflete sobre algo mais transparente e me revela nitidamente o esplendor em formas desiguais.

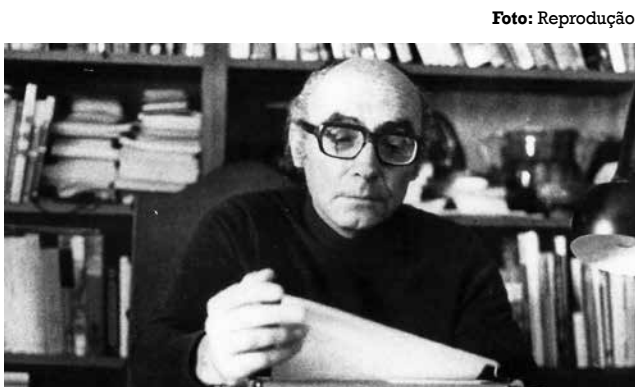
Uma notável alegoria toma conta de mim, enquanto esqueço que a minha alma gêmea não existe nem nas membranas mucosas, de um todo aproximativo, cujo prazer mora do outro lado da rua.

Todas as almas juntas, cenas rápidas, saindo pelo ladrão, fugindo e o que poderiam provir numa versão também aproximada, fica lá no fim.

Não direi quem é minha alma gêmea, sobretudo, já não sei falar. Já não posso falar. Desperdicei a viagem, tudo o que tinha, até a minha alma gêmea, que eu achava ter encontrado.

Kapetadas

- 1 – Não existe certo ou errado. Existe apenas estar dentro ou fora.
- 2 – Não me deixe só, eu tenho medo do escuro, eu tenho medo do inseguro, do fantasma da minha vó.



O português José Saramago: “Tem que ler vagarosamente”

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Festival de Cinema de Areia

Rememorando bem os tempos idos, hoje congratulo-me com a iniciativa do recente festival de arte em Areia. Independentemente da sua feição atual, se melhor ou não, das versões realizadas no passado.

Iniciado esta semana, com realização no auditório do Colégio Santa Rita, o Festival de Arte de Areia ganhou novo título e performance. Agora se chama Festival de Cinema do Nordeste Brasileiro, ou simplesmente Fecine. Pouco importa o nome, o que vale mesmo é a sua função social e cultural em razão de uma arte importante como é o cinema. Sobreretudo, o cinema paraibano.

As razões de uma atividade cultural desse porte, para a região brejeira considerada singular e reconhecida muito bem, como é a cidade de Areia, advêm de suas origens. E isso nos remete aos anos de 1980, quando, levando o selo da Universidade Federal da Paraíba, nós professores do Departamento de Comunicação formulávamos as ideias e discussões sobre cinema.

Sempre me trazem gratas recordações de vida, minhas atividades com o cinema. Também, de certos lugares que frequentava com amigos, repassando informações sobre uma arte de luzes, sombras e muitos sonhos. Hoje, alguns eventos me fazem rever, de como foram prazerosas minhas idas e vindas à cidade de Areia, no brejo paraibano, justamente durante os seus



Foto: Arquivo pessoal

O colunista (no centro) ministrando curso de cinema, no antigo Festival de Artes de Areia

primeiros festivais de artes.

Ainda esta semana, revendo alfarábios e alguns videocassetes, recorri à parceria do amigo Zé Octávio, que, por sinal, estará lançando mais um livro sobre história da Paraíba. Com ele, emergimos o Festival de Arte de Areia na sua importância, valorizando a chamada “prata da casa”, no que se refere ao nosso próprio cinema paraibano.

E retornando aos saudosos festivais de em Areia, onde o cinema sempre teve presença ilustre, tema de interesse desta coluna, vejo com simpatia mais essa versão do Festival de Cine-

ma do Nordeste Brasileiro. Acrescentando de maneira lúdica, lembro das noites bem orvalhadas, “degustantes”, que convivi com amigos na brejeira e acolhedora Areia, após nossas atividades culturais, que eram sediadas no Colégio Santa Rita, centro da cidade.

Agora, em nova variante, espera-se que o Festival de Cinema do Nordeste Brasileiro continue celebrando as nossas realizações cinematográficas. Seu encerramento aconteceu na noite de ontem, com cerimônia de premiação aos vencedores do novo certame. Para mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexssantos.com.br.



APC interiorizando suas ações de cinema

Representando a Academia Paraibana de Cinema, o professor João de Lima Gomes, presidente da instituição, esteve no encontro realizado nesta semana no auditório do Cine Aruanda, na Universidade Federal da Paraíba. Na ocasião, houve o recebimento da Secretaria do Audiovisual e promovidas articulações junto ao meio acadêmico.

Também no seu plano de interiorização, a APC anuncia para o início do próximo mês participação na Mostra Acauã do Audiovisual Paraibano do Conjunto Histórico da Fazenda Acauã, em Aparecida, interior do estado.

CINEMA

Carlota Joaquina está de volta ao Bangüê

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

Há quase um mês, no dia 26 de setembro, *Carlota Joaquina, Princesa do Brazil* (1995) teve uma exibição especial no Cine Bangüê, em João Pessoa. O filme, que completa 30 anos neste ano, voltou às salas de cinema em cópias remasterizadas e, hoje, retorna também ao Bangüê dentro da programação mensal do cinema do Espaço Cultural.

“Restauração é quando você tem um negativo degradado. Então você restaura o negativo para fazer uma masterização. Quando você remasteriza, já tem o seu negativo direito: está fazendo uma nova matriz mais contemporânea com as linhas do que hoje a gente pode ter no digital”, explicou a diretora Carla Camurati, em conversa com **A União** por ocasião da exibição de setembro.

O cuidado com as cópias do filme já estava no lançamento original, quando a diretora percorreu o país acompanhando as estreias de *Carlota Joaquina* — ela esteve em João Pessoa em maio de 1995. Essas viagens não eram apenas uma ação de marketing.

“A gente ia cidade a cidade, eu e a Bianca (*de Felippes, produção executiva junto com Camurati*), e a gente ia lançando. A gente chegava na cidade,



Foto: Divulgação/Copacabana

Marieta Severo interpreta a rainha que veio parar no Brasil

de, eu ia no cinema, via como tava a projeção, se precisava aumentar o volume, isso e aquilo...”, explica a diretora. “Falava com o projetista, dava um lápis de presente para ele, para ele não precisar cortar a cópia do filme, poder marcar... Porque é um lápis especial que no Brasil não tem. Eu comprei muitos porque as cópias eram mutiladas. Agora não tem mais esse problema porque é tudo um HD”.

Marieta Severo tem grande atuação como Carlota Joaquina, a princesa espanhola que se casa ainda menina com Dom João (Marco Nanini), da família real de Portugal. Acaba vindo parar no Brasil quando a família real se muda para cá, fugindo da ameaça de Napoleão em 1808. Aqui, seu marido vira o rei

Dom João VI e ela, a rainha.

O filme então acompanha a aventura da fogosa monarca e sua relação com o nascente país. Tudo contado com ares de história fantástica do ponto de vista de um país distante, a Escócia, onde Brent Hieatt conta essa “fábula” para Ludmila Dayer.

Marieta e Nanini lideram um elenco que conta também com Marcos Palmeira (como Dom Pedro), Eliana Fonseca, Antônio Abujamra, Norton Nascimento, Bel Kutner, Vera Holtz e uma participação de Ney Latorraca, entre outros atores.

O filme será exibido hoje, às 17h e tem mais uma sessão já confirmada na terça-feira, às 20h. A expectativa é que outras sejam anunciadas para novembro.



Imagem: Divulgação/Copacabana

CARLOTA JOAQUINA, PRINCESA DO BRAZIL

■ **Brasil, 1995. Dir.:** Carla Camurati. **Elenco:** Marieta Severo, Marco Nanini, Ludmila Dayer, Eliana Fonseca, Antônio Abujamra, Norton Nascimento, Bel Kutner, Ney Latorraca, Thales Pan Chacon.

■ **Relançamento hoje, em João Pessoa.**

■ **Veja locais e horários no Em Cartaz, na página 12.**

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Dia desses fui ao Sertão!

Ao descer a serra de Santa Luzia e passar por São Mamede, deixei-me aureolar pelo hálito sagrado da terra. O Vale dos Espinharas, tocado pelos lajedos solitários, parece a mim, pelo menos a mim, que sou dado às místicas iluminações, uma vasta planície carregada de alubramentos e epifanias.

Vejo, nos largos vazios de sua orografia de espantos, uma teologia silenciosa calcinada pelo império do sol e da seca, desvestida, no entanto, do calor do mal e de seus alucinados demônios perdidos nas distâncias impalpáveis.

Sei que o Sertão se consome na mistura de duas geografias que se completam. A de fora e a de dentro. Aquela, gleba árida, áspera, liberta aos sons violentos dos ventos ancestrais; esta, inteira e comburida nos mistérios da solidão interior, pois o sertão é lá, mas também é aqui dentro, conforme lição magistral do prosador mineiro.

Fui ao Sertão numa pequena comitiva da Academia Paraibana de Letras (APL) para participar da simbologia de um ritual. Como me pesa na alma o signifiante dos rituais! Sem os rituais somos nada. Sem os rituais estaríamos sufocados na fisiologia da facticidade. Seríamos apenas animais incapazes de fantasia e metafísica. Bichos tristes e expulsos dos dilemas ambíguos da história.

O ritual era a aposição de uma placa que possa demarcar, na casa onde nasceu o acadêmico, os sinais de sua origem e o signo duradouro de sua glória. Ele, o acadêmico, é Francisco de Sales Gaudêncio. A cidade onde se localiza a sua residência primeira é São João do Rio do Peixe. E assim foi feito sob a lógica neutra do regime estatutário da Casa de Coriolano de Medeiros.

Familiares, amigos, enterrâneos, autoridades, acadêmicos se reuniram sob as espátulas de um sol imaculado em frente à antiga morada do menino que virou gestor, historiador e acadêmico, para prestar-lhe a devida e merecida homenagem, reconhecendo-lhes os serviços prestados à sua terra e ao estado e consagrando-lhe as credenciais indiscutíveis.

Muitos usaram da palavra, num ritual à parte, dentro de incontornável tradição vocabular tão característica de nossa índole expressiva. Costumo dizer que os brasileiros e os nordestinos, em particular, possuem a volúpia da palavra. Se não houver discurso, os rituais perdem o sentido, e ficamos presas de uma como que sensação de falta e incompletude.

Principalmente, falou o homenageado envolvido em forte e visível emoção. Sua origem simples, seus esforços na luta pela sobrevivência, a presença dos pais, o apoio de grandes amigos, a gratidão, o amor à terra natal, seus vínculos afetivos, seus sonhos e projetos compuseram a teia sintática de suas palavras na peça improvisada que não podia deixar de fazer.

A bela e histórica São João do Rio do Peixe consolida seu patrimônio intelectual com mais um nome vindo de suas entranhas seculares. Seu filho dá o exemplo para futuras gerações. O ritual, posto que efêmero na sua singular cristalização, convoca aquele traço fugidio que participa da eternidade.

Na viagem de volta, mais uma vez a paisagem nos encantava. A mim e ao pintor e acadêmico Flávio Tavares. Se prosseávamos aleatoriamente acerca das coisas da arte e da vida, nunca perdíamos de vista as cores do céu nem os ângulos diversificados da geografia.

Imagino que o artista de estilo transfigurativo, habituado à fusão poética dos reinos animal, mineral e vegetal, mormente quando mexe suas tintas nos grandes painéis, tenha colhido algum sinal que o tempo, àquela hora quase imóvel, emitia de seus múltiplos pontos de fuga. A paisagem era um ritual. E como todo ritual, comove e revitaliza...

Dia desses fui ao Sertão!



Foto: Divulgação

S. João do Rio do Peixe: “filho dá exemplo para futuras gerações”

Colunista colaborador

LITERATURA

Evento termina com homenagens

Festa Literária do Extremo Oriental tem atrações em quatro locais hoje, incluindo cantoria e shows

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

A Festa Literária do Extremo Oriente (Flor) encerra sua primeira edição hoje, numa programação extensa e gratuita no Centro de João Pessoa, contemplando segmentos das letras e das artes. Os destaques ficaram com a ses-



Foto: Edson Moraes/Aquário/União

Em Cartaz



Programação de 23 a 29 de outubro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.
* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

CHAINSAW MAN – O ARCO DE REZE (*Gekijō-ban Chensō Man Reze-hen*). Japão, 2025. Dir.: Tatsuya Yoshihara. Animação/ aventura. Caçador de demônios se apaixona. 1h40. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 21h30. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 17h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 3D: 14h15, 19h15; 2D: 17h; leg.: 2D: 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 3D: 14h15, 19h15; 2D: 17h; leg.: 2D: 21h30. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 16h. CINESERCLA TAMBIÁ 5: dub.: 20h40. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: 18h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 20h40. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 18h50. CINESERCLA PARTAGE 3: leg.: 16h45. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dom.: dub.: 17h, 19h, 21h; seg. e qua.: dub.: 19h, 21h; ter.: dub.: 19h; leg.: 21h. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: 2D: 15h50, 20h40; 3D: 18h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dom.: dub.: 17h10, 19h20; leg.: 21h30; seg. a qua.: dub.: 17h10, 19h20, 21h30. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom. e seg.: 18h30; ter.: 14h; qua.: 20h30.

FRANKIE E OS MONSTROS (*Stitch Head*). Reino Unido/ França/ Alemanha/ Luxemburgo, 2025. Dir.: Steve Hudson. Animação/ comédia. Garoto que é uma criatura despertada por cientista maluco tenta proteger outros monstros. 1h29. Livre.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 26/10: 15h; qua., 29/10: 18h.

OS MALDITOS (*The Damned*). Itália/ EUA/ Bélgica/ França/ Canadá, 2024. Dir.: Roberto Minervini. Drama. Na Guerra Civil dos EUA, soldados patrulham territórios desconhecidos do oeste. 1h29. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 26/10: 15h; qua., 29/10: 18h.

MAURICIO DE SOUSA – O FILME. Brasil, 2025. Dir.: Pedro Vasconcelos e Rafael Salgado. Elenco: Mauro Sousa, Tathi Lopes, Elizabeth Savalla, Natália Lage, Zezé Motta, Othon Bastos. Drama. Desenhista tenta vencer com suas histórias em quadrinhos até criar personagens que ficariam conhecidos como a Turma da Mônica. 1h35. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dom.: 14h, 16h15; seg. a qua.: 16h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h15, 16h30, 18h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h30, 15h45, 18h, 20h15. **Patos:** CINE GUEDES 1: 14h40. CINE GUEDES 3: 16h50. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: seg. a qua.: 16h45.

A MEIA-IRMÃ FEIA (*Den Stygge Stesøsteren*). Noruega/ Dinamarca/ Romênia/ Polónia/ Suécia, 2025. Dir.: Emilie Blichfeldt. Elenco: Lea Myren, Ane Dahl Torp, Thea Sofie Loch Naess. Comédia/ terror. Garota recorre a medidas extremas para disputar com sua linda meia-irmã a atenção de um

príncipe. 1h49. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 18h30. CINESERCLA TAMBIÁ 3: dub.: 17h, 21h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 21h.

Academia Paraibana de Letras
9h30 – Lançamento de livros: *Nossas Mulheres*, antologia da União Brasileira dos Escritores – UBE-PB; *A Rabeca de Paganinni*, de Luiz Augusto Paiva; *Breves Dias sem Freio*, de Sérgio de Castro Pinto.
10h30 – Homenagem: Naná Garcez, diretora-presidente da Empresa Paraibana de Comunicação.

PAI DO ANO (*Goodrich*). EUA, 2024. Dir.: Hallie Meyers-Shtyer. Elenco: Michael Keaton, Mila Kunis, Andie MacDowell. Comédia/ drama. Ao ter que cuidar dos filhos pequenos, pai se aproxima da filha do primeiro casamento. 1h50. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h, 20h15.

PICASSO, UM REBELDE EM PARIS (*Picasso, un Ribelle a Parigi – Storia di una Vita e di un Museo*). Itália, 2023. Dir.: Simona Risi. Documentário. O pintor Picasso como ponte entre humanidade e um mundo hostil. 1h30. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: sex., 31/10: 18h.

RECIFE ASSOMBRADO 2 – A MALDIÇÃO DE BRANCA DIAS. Brasil, 2025. Dir.: Adriano Portela. Elenco: Daniel Rocha, Vitória Strada, Aramis Trindade. Terror. Pesquisadores do paranormal investigam lenda de joia que ressucita mortos. 1h54. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 21h.

#SALVEROSA. Brasil, 2025. Dir.: Susanna Lira. Elenco: Klara Castanhjo, Karine Teles, Ricardo Teodoro. Suspense. Influencer adolescente começa a investigar o próprio passado e o de sua mãe superprotetora. 1h35. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 14h15, 16h30, 18h50, 21h.

SE NÃO FOSSE VOCÊ (*Regretting You*). Alemanha/ EUA, 2025. Dir.: Josh Boone. Elenco: Allison Williams, McKenna Grace, Dave Franco. Drama. Mãe e filha, de relacionamento tenso, tentam superar uma tragédia pessoal. 1h57. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 18h30; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h, 16h30, 19h15, 22h. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 20h20. CINESERCLA TAMBIÁ 5: dub.: 18h20. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: 16h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 18h20. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 16h30. CINESERCLA PARTAGE 3: leg.: 18h45. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h20. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 16h30, 18h45, 21h; seg. a qua.: 18h45, 21h. CINE GUEDES 3: dom.: 14h30. **PATOS MULTIPLEX 3:** dub.: dom.: 17h20, 20h; seg. a qua.: 17h30, 20h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 16h30, 18h50, 21h15. **Remígio:** CINE RT: dub.: seg.: 16h; ter. e qua.: 18h30.

3 OBÁS DE XANGÔ. Brasil, 2025. Dir.: Sérgio Machado. Documentário. A amizade entre Jorge Amado, Dorival Caymmi e Carybé, que moldou a identidade baiana. 1h17. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 27/10: 18h; qua., 29/10: 20h.

O ÚLTIMO EPISÓDIO. Brasil, 2025. Dir.: Maurilio Martins. Elenco: Matheus Sampaio, Tatiana Costa. Comédia/ romance. Para im-

pressionar menina da escola, garoto mente que tem uma fita com o episódio final de *Caverna do Dragão*. 1h57. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qui., 30/10: 18h.

REAPRESENTAÇÃO
AMORES BRUTOS (*Amores Perros*). México, 2000. Dir.: Alejandro González-Iñárritu. Elenco: Emilio Echevarria, Gael García Bernal, Goya Toledo. Drama. Um acidente de carro conecta três histórias. 2h34. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: dom., 26/10: 19h; qui., 30/10: 20h.

CARLOTA JOAQUINA, PRINCESA DO BRASIL. Brasil, 1995. Dir.: Carla Camurati. Elenco: Marieta Severo, Marco Nanini, Ludmila Dayer, Eliana Fonseca. Comédia. Quando a família real portuguesa foge para o Brasil em 1808, espanhola casada com o príncipe precisa se adaptar ao novo país. 1h40. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: dom., 26/10: 17h; ter., 28/10: 20h.

IRACEMA, UMA TRANSA AMAZÔNICA. Brasil/ Alemanha Ocidental/ França, 1976. Dir.: Jorge Bodanzky e Orlando Senna. Elenco: Paulo César Pereiro, Edna de Cássia. Drama. Caminhoneiro na Transamazônica conhece prostituta e se conscientiza sobre os problemas da região. 1h31. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qua., 29: 16h.

PARANORMAN (*ParaNorman*). EUA/ Reino Unido, 2012. Dir.: Chris Butler e Sam Fell. Animação/ comédia. Criança mal compreendida tenta livrar cidade de uma maldição, fantasmas e zumbis. 1h32. 10 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 2D: 19h; 3D: 21h30.

CONTINUAÇÃO
UMA BATALHA APÓS A OUTRA (*One Battle after Another*). EUA, 2025. Dir.: Paul Thomas Anderson. Elenco: Leonardo DiCaprio, Sean Penn, Benicio Del Toro, Regina Hall. Aventura/ drama. Grupo de ex-revolucionários se unem para salvar a filha de um deles quando seus inimigos retornam após 16 anos. 2h41. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 16h45.

O BOMBANDIDO (*Roofman*). EUA, 2025. Dir.: Derek Cianfrance. Elenco: Channing Tatum, Kirsten Dunst, Tony Revolori. Policial. Ladrão que invade locais pelos telhados foge da polícia se escondendo em loja de brinquedos. 2h06. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 21h.

A CASA MÁGICA DA GABBY – O FILME (*Gabby's Dollhouse – The Movie*). Canadá/ EUA, 2025. Dir.: Ryan Crego. Elenco: Laila Lockhart Kraner, Kristen Wiig, Gloria Estefan. Aventura/ infantil. Garota tem sua preciosa casa de bonecas mágica roubada e precisa resgatá-la de vilã. 1h38. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: dom.: 14h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: dom.: 13h20. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 16h30, 18h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h30, 18h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 15h;

também recebe uma homenagem, mas na APL, às 10h.

O Flor é um projeto da Confraria Sol das Letras, que reúne literatos paraibanos em prol da difusão da cultura no estado. A escritora Ana Paula Cavalcanti, que faz parte da organização, assinala a importância dessa empreitada.

“A nossa cultura realmente é muito rica, então esta não foi apenas uma feira de livros,

uma feira literária, é realmente uma festa, já que nós temos tantos segmentos reunidos num só evento”, diz.

O evento na APL é da União Brasileira dos Escritores, que lança a antologia *Nossa Mulheres*, com textos de Ana Paula Cavalcanti, Maria Soledade e Oliveira de Panelas.

Repentistas Oliveira de Panelas e Maria Soledade apresentam-se e são homenageados

seg. a qua.: 16h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h30.

DEPOIS DA CAÇADA (*After the Hunt*). EUA/ Itália, 2025. Dir.: Luca Guadagnino. Elenco: Julia Roberts, Andrew Garfield, Chloë Sevigny. Drama/ policial. Professora tem segredo ameaçado quando aluno faz acusação contra um de seus colegas. 2h19. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 16h40.

DORMIR DE OLHOS ABERTOS. Argentina/ Brasil/ Alemanha/ Taiwan, 2024. Dir.: Nele Wohlatz. Elenco: Liao Kai Ro, Shin-Hong Wang, Nahuel Pérez Biscayart. Comédia/ drama. Três imigrantes chineses vivem encontros e desencontros em Recife. 1h37. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: ter., 28/10: 18h; sex., 31/10: 20h.

ENTRE PENAS E BICADAS (*Goldbeak*). China/ EUA, 2021. Dir.: Dong Long e Nigel W. Tierney. Animação aventura. Águia criada por galinhas tenta se tornar membro da Patrulha Emplumada. 1h34. Livre.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: dom.: 14h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: dom.: 14h30. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom.: 15h10; seg. a qua.: 15h30.

EU E MEU AVÔ NIHONJIN. Brasil, 2025. Dir.: Celia Catunda. Animação/ drama. Menino investiga passado da família e ouve histórias de seu avô japonês. 1h24. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 16h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: 12h.

PERRENGUE FASHION. Brasil, 2025. Dir.: Flávia Lacerda. Elenco: Ingrid Guimarães, Rafa Chalhul, Filipe Bragança. Comédia. Influenciadora precisa buscar o filho na Amazônia para participar de uma campanha. 1h34. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 18h45, 21h15. CINESERCLA TAMBIÁ 3: 19h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: 14h45.

O TELEFONE PRETO 2 (*Black Phone 2*). EUA, 2025. Dir.: Scott Derrickson. Elenco: Mason Thames, Ethan Hawke, Madeleine McGraw. Terror. Garota tem visões de três meninos perseguidos em um acampamento. 1h54. 18 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h15; leg.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 14h30, 17h, 19h30, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 14h, 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 17h15, 22h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 15h30, 18h15, 20h45. CINESERCLA TAMBIÁ 1: dub.: 19h50. CINESERCLA TAMBIÁ 4: dub.: 18h. CINESERCLA TAMBIÁ 5: dub.: 16h10. CINESERCLA TAMBIÁ 6: dub.: 20h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h10. CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 20h50. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 18h55, 21h10. **PATOS MULTIPLEX 1:** dub.: dom.: 18h20, 21h; seg. a qua.: 18h40, 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: qua.: 21h.

TRON – ARES (*Tron – Ares*). EUA, 2025. Dir.: Joachim Ronning. Elenco: Jared Leto, Greta Lee, Evan Peters, Jeff Bridges, Gillian Anderson. Ficção científica. Guerreiros digitais começam a ser usados no mundo real.

ra, Ana Paula Cavalcanti, Rita de Cássia Ramalho, Thalita Lucena, Rose Pereira, Francisca Vânia, Ludmila Saharovsky, Ezilda Melo, Eurídice Hespagnol, Norma Alves, Cibele Laurentino, Neide Medeiros, Mariana Moreira, Amira Rose, Tania Regina, Valéria Vânia Xavier, Irlanda Lúcia, Maia das Graças e Amira Rose Medeiros.

10h – Peça de teatro (não informada).

Praça Dom Adauto
9h – Música: As Calungas.
17h30 – Música: Bianca Rufino.
18h30 – Música: Adeildo Vieira e Alamiré.

1h59. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h30, 19h45. CINESERCLA TAMBIÁ 2: dub.: 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h30. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 4: dub.: dom.: 14h40; seg. a qua.: 15h. **Remígio:** CINE RT: dub.: dom.: 20h30; ter.: 16h; seg. e qua.: 14h.

O ÚLTIMO AZUL. Brasil/ México/ Países Baixos/ Chile, 2025. Dir.: Gabriel Mascaro. Elenco: Denise Weinberg, Rodrigo Santoro, Miriam Socarras. Drama/ aventura. Ao se recusar a cumprir uma medida do governo que isola os idosos, mulher embarca em uma jornada pela Amazônia. Grande prêmio do juri no Festival de Berlim. 1h45. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: seg., 27/10: 20h; qui., 30/10: 16h.

Teatro

HOJE

LANCE DE ESCOLA – DAS AULAS AO VERÃO: UMA NOVA DIVERSÃO. Direção: Bruno Chiani. Com Kysa e Mine.

João Pessoa: TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Domingo, 26/10, 15h. Ingressos: de R\$ 110 (frisas/ meia) a R\$ 200 (plateia/ inteira), antecipados na plataforma Ticket360.

MOSTRA LAMPARINA. Segunda edição do evento. Hoje: *A Odisseia do Rei de Armorial* (16h); *Belélu* (16h10); *Palhaço Mancada Obom* (16h30); *Guã e o Guloso* (17h).

João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, nº 284, Manaíra). Domingo, 26/10, 16h. Ingressos: R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia), antecipados; R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia), no dia.

ROZA CÊNICA. Hoje: Birta poética (15h); *A Estrelinha e o Grão de Areia* (18h); *Meu Brinquedo, Meu Brincar* (18h30); *Cidade Cão* (19h30).

João Pessoa: TEATRO SANTA ROZA (Praça Pedro Américo, s/n, Centro). Até domingo, 26/10. Entrada franca.

Música

HOJE

CHICO CHICO. Cantor apresenta show da turnê de seu disco *Estopim*.

João Pessoa: TEATRO DE ARENA (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho). Domingo, 26/10, 19h. Ingressos: R\$ 200 (inteira), R\$ 130 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 100 (meia), antecipados na loja Broomer (MAG Shopping) e plataforma Olha o Ingresso.

POLYANA RESENDE. Cantora apresenta seu show de samba.

João Pessoa: MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa). Domingo, 26/10, 19h. Ingressos: R\$ 15 (couvert).

Foto: Divulgação

REFORMA ADMINISTRATIVA

Mudança estrutural divide opiniões

Estado brasileiro almeja aperfeiçoar o seu sistema, mas especialistas e grupos sociais temem retrocessos

Eliz Santos
elizsantos17@gmail.com

O modo como o Estado funciona determina a qualidade de vida de milhões de brasileiros — nas salas de aula, nos hospitais, nas ruas. É esse funcionamento que a reforma administrativa pretende repensar. Em tramitação no Congresso Nacional, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 32 visa modernizar o serviço público, mas também gera dúvidas sobre seus impactos na gestão e no funcionamento do Estado brasileiro.

Elaborada por um Grupo de Trabalho (GT) da Câmara dos Deputados, a nova proposta busca tornar o Estado mais eficiente, dinâmico e orientado por resultados. Suas diretrizes alcançam não apenas a administração federal, mas também os serviços públicos estaduais e municipais.

A reforma propõe mudanças estruturais em quatro eixos principais: eficiência na administração pública, com metas e foco em resultados; direito à inclusão digital, por meio da ampliação do governo eletrônico; profissionalização e reestruturação das carreiras do Poder Executivo; e eliminação de privilégios, como a aposentadoria compulsória de juízes, promotores e procuradores. O objetivo central é reduzir desperdícios, fortalecer a cultura de desempenho e promover um Estado mais ágil e responsivo.

Segundo os autores da PEC, a proposta busca enfrentar entraves históricos, como baixa maturidade da governança, estruturas administrativas fragmentadas, deficiências tecnológicas e a ausência de mecanismos eficazes de gestão por desempenho.

Monitoramento

Um dos pilares da proposta é a implantação de uma gestão estratégica, orientada por resultados, com metas de desempenho para órgãos e servidores. O texto prevê instrumentos de avaliação periódica de políticas públicas, permitindo ao governo medir o impacto das ações



Esferas federais dos Poderes Executivo e Legislativo analisam Proposta de Emenda à Constituição que pretende tornar o serviço público mais dinâmico

e ajustar programas, conforme evidências e indicadores.

Para o professor Carlos Pessoa Aquino, do Departamento de Direito Público da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a proposta representa um passo importante rumo à modernização do Estado brasileiro, mas ainda enfrenta lacunas estruturais significativas. “É fundamental que a reforma seja acompanhada de medidas que garantam a eficiência, a transparência e a participação cidadã. Além disso, é necessário abordar questões como a meritocracia, a capacitação dos servidores e a gestão de recursos humanos, para que a reforma seja efetiva e atenda às necessidades da sociedade”, destaca.

Gestão de recursos

Outro eixo central da reforma é o fortalecimento da qualidade do gasto público, com incentivo à racionalização de despesas e regras mais rígidas para a execução orçamentária. A PEC também propõe mudanças nos critérios de ingresso e progressão na carreira pública, ampliando a possibili-

dade de contratações temporárias e revisando cargos comissionados, com o argumento de tornar a administração mais flexível e menos onerosa.

Impactos e riscos

As mudanças previstas repercutem, diretamente, nos municípios, especialmente os de menor porte. O secretário-executivo da Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup), Pedro Dantas, aponta que o debate se distanciou do objetivo original.

“Essa PEC surge para dar eficiência, discutir governo digital e eliminar privilégios. Mas me preocupa o foco excessivo na questão salarial. É muito difícil atrair profissionais qualificados para cargos nos municípios, onde os salários já são baixos se comparados à iniciativa privada”, afirma.

Para ele, o foco deveria ser o combate a privilégios e não o achatamento das carreiras. “Precisamos combater os privilégios e as nomeações inadequadas, mas sem achatar salários. É preciso ter cuidado com isso, porque os prefeitos não pagam salários maravilhosos,

e a reforma não pode agravar essa realidade”, completa.

Os efeitos da reforma, entretanto, não se limitam às estruturas locais. O professor Carlos Pessoa Aquino destaca que os impactos podem ser sentidos em diversas frentes da máquina pública. Ele avalia que a proposta tem potencial para tornar a administração mais flexível e eficiente, mas alerta que, sem garantias sólidas, há riscos de precarização das carreiras e de perda de qualidade no atendimento à população.

“Os impactos podem ser percebidos em diferentes dimensões do Estado. Por um lado, a proposta promete ampliar a flexibilidade e a eficiência na gestão pública, otimizando o uso de recursos e melhorando processos internos. Por outro, traz riscos concretos de precarização das carreiras e de enfraquecimento da estabilidade, o que pode comprometer a continuidade e a qualidade dos serviços oferecidos à população. O resultado final dependerá, diretamente, do modo como a reforma for implementada e do compro-

misso dos gestores com o interesse público”, analisa.

A servidora pública Isabel Medeiros ressalta a importância da estabilidade e do compromisso com o interesse coletivo na manutenção de um serviço público eficaz. “Ao flexibilizar direitos e abrir brechas para contratações temporárias e vínculos precários, fragiliza-se, justamente, esses pilares. Em vez de valorizar o servidor que dedica sua vida ao serviço público, ela [a reforma] cria um cenário de insegurança e dependência, no qual o desempenho e a permanência podem ficar à mercê de indicações políticas ou de gestores de ocasião”, reclama.

Na visão de Isabel Medeiros, o impacto não atinge apenas os servidores, mas, sim, a população como um todo. “O servidor público não é um privilegiado — é um protetor da sociedade. É ele quem garante que a escola, o hospital, o posto de saúde e a assistência social continuem funcionando, independentemente de quem ocupe o poder. Enfraquecer o serviço público é enfraquecer o próprio Estado e colocar em risco

a continuidade e a imparcialidade das políticas públicas. Por isso, defendo um debate sério e responsável sobre melhorias na gestão pública”, diz.



Enfraquecer o serviço público é enfraquecer o Estado e colocar em risco a imparcialidade das políticas públicas

Isabel Medeiros

Equilíbrio entre modernização e valorização é solução ideal

O debate segue dividido entre a necessidade de modernizar o Estado e a preservação das garantias dos servidores. Para Carlos Pessoa Aquino, a proposta ainda precisa encontrar um equilíbrio mais preciso entre eficiência administrativa e valorização dos profissionais do serviço público.

“Embora a busca por eficiência seja crucial, é igualmente importante garantir que os servidores sejam valorizados e reconhecidos pelo seu papel fundamental no funcionamento do Estado. Isso envolve remuneração justa, capacitação contínua e boas condições de trabalho — elementos essenciais para a prestação de serviços públicos de qualidade”, pondera.

O especialista enfatiza

za que o sucesso da reforma dependerá não apenas das mudanças legais, mas de uma transformação cultural.

“As leis são fundamentais para estabelecer um marco regulatório claro e eficaz, mas a implementação dessas leis requer uma mudança de cultura dentro da administração pública. É necessário que os gestores públicos estejam comprometidos com a eficiência, a transparência e a participação cidadã para que a reforma seja bem-sucedida”, destaca.

Entidades sindicais têm se manifestado contrariamente à proposta. Para Fernando Freitas, coordenador do Sindicato dos Trabalhadores da Educação Tecnológica da Paraíba (Sintef-PB),

a medida enfraquece o caráter técnico da gestão pública e pode abrir espaço para interferências políticas.

“Nossa avaliação é que a reforma administrativa representa um ataque à moralidade nos serviços públicos. Ela atende aos anseios do capital e vai favorecer políticos, diminuindo a qualidade dos serviços públicos e aumentando a possibilidade de apadrinhamento e corrupção”, opina.

O posicionamento é compartilhado por outras categorias, como os trabalhadores dos Correios, que também veem a PEC como um retrocesso para o serviço público. O coordenador do Sindicato dos Trabalhadores em Correios e Telégrafos na Paraíba (Sin-



É necessário que os gestores estejam comprometidos com a eficiência para que a reforma seja bem-sucedida

Carlos Pessoa Aquino

tect-PB), Tony Sérgio, reforça que a proposta ameaça o acesso universal e gratuito a direitos essenciais.

“Nós somos totalmente contrários a essa nova PEC. Essa PEC é um desmonte do serviço público. Vai acabar com concursos, destruir carreiras e abrir caminho para a privatização de serviços essenciais, como Saúde e Educação”, critica.

Mobilizações

O movimento sindical também tem se articulado em todo o país para pressionar o Congresso Nacional e denunciar os possíveis impactos da proposta.

Ontem, a Central Única dos Trabalhadores da Paraíba (CUT-PB) e o Fórum Paraibano em Defesa do Serviço Público — que

reúne sindicatos diversos — realizaram um ato contra a reforma administrativa em Patos, no Sertão paraibano.

Em âmbito nacional, uma paralisação de servidores públicos é prevista para começar na terça-feira (28). A mobilização segue até a quarta-feira (29), com uma marcha, na capital federal, em defesa do serviço público e dos direitos trabalhistas.

As mobilizações reforçam o apelo das entidades por mais diálogo com o Congresso Nacional e com a sociedade, na tentativa de garantir que qualquer mudança na estrutura do Estado preserve o caráter público, democrático e essencial dos serviços oferecidos à população.



Projetos aprovados, na última semana, pela CCJ do Senado serão encaminhados para análise da Câmara dos Deputados

DIREITOS DAS MULHERES

Proposta amplia proteção contra danos patrimoniais

Ideia é investigar casos de violência doméstica mesmo sem queixa das vítimas

Agência Senado

Crimes de dano patrimonial cometidos em contexto de violência doméstica contra a mulher passarão a ser processados pelo Ministério Público sem depender de queixa da vítima. A mudança está prevista no Projeto de Lei (PL) nº 295/2024, aprovado pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) do Senado em decisão final na última quarta-feira (22).

A proposta, de autoria do senador Zequinha Marinho (Podemos-PA), altera o Código Penal para estabelecer que esses casos terão ação penal pública incondicionada (que independem da vontade da vítima), como já ocorre em outros tipos de violência doméstica. A matéria, relatada pela senadora Soraya Thronicke (Podemos-MS), segue para análise da Câmara dos Deputados.

O texto acrescenta um



Uma das formas mais efetivas de controle é manter a companheira financeiramente dependente de seu abusador

Soraya Thronicke

parágrafo ao artigo 167 do Código Penal para definir que, quando o crime de dano

ocorrer em situação de violência doméstica, será aberto processo, independentemente da manifestação da vítima. A medida busca garantir a efetiva responsabilização de agressores e ampliar a proteção a mulheres que enfrentam abuso patrimonial, como destruição de bens, retenção de objetos ou prejuízos financeiros provocados por parceiros ou ex-parceiros.

Segundo a relatora, a proposta corrige uma lacuna da legislação e evita a impunidade em casos em que o dano patrimonial soma-se a outras formas de violência doméstica, como a psicológica e a moral. “A violência contra a mulher sempre tem como objetivo o controle da sua vida. E uma das formas mais efetivas de controle é manter a companheira financeiramente dependente de seu abusador, pois assim ela não tem condições de abandoná-lo”, afirmou Soraya.

Destruição de bens

A senadora ressaltou que, como advogada de família, já presenciou situações em que disputas patrimoniais ou a destruição de bens são usadas como forma de vingança entre casais. “Quando o casal busca ferir um ao outro, os filhos e o patrimônio viram instrumentos de retaliação. O projeto é essencial para romper com esse ciclo e garantir proteção efetiva às mulheres”, disse.

O parecer da relatora aponta que o dano, muitas vezes, ocorre dentro de um contexto de ciúme, controle e dependência financeira, o que exige resposta mais firme do Estado. A mudança proposta equipara o tratamento legal desse crime ao já adotado para ameaças e agressões físicas contra mulher, que também são processadas de forma automática desde 2024.

Misoginia passa a ser crime de discriminação

O combate à discriminação contra as mulheres pode ganhar, ainda, outro instrumento legal, com a inclusão da misoginia na Lei do Racismo. Um projeto nesse sentido também foi aprovado pela CCJ, na última semana. Acatado por 13 votos a dois em caráter terminativo, o texto segue para a Câmara dos Deputados, caso não haja recurso para votação em Plenário.

O PL nº 896/2023, da senadora Ana Paula Lobato (PDT-MA), define misoginia como a conduta que manifeste ódio ou aversão às mulheres, baseada na crença da supremacia do gênero masculino. A proposta altera a Lei do Racismo (Lei nº 7.716, de 1989) para tipificar a misoginia como crime de discriminação. Pelo projeto, o primeiro artigo da norma passa a ter a seguinte redação: “Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional ou praticados em razão de misoginia”.

O PL nº 896/2023 teve re-

latório favorável da senadora Soraya Thronicke, que rejeitou substitutivo da Comissão de Direitos Humanos (CDH), por entender que ele reduzia o alcance da proposta ao tratá-la como injúria individual e não como ofensa a um grupo social. Para a relatora, a misoginia deve ser considerada crime coletivo, que atinge todas as mulheres, não apenas vítimas isoladas.

“Sempre tive dificuldade em compreender certas formas de preconceito, mas, depois de estudar o tema e viver isso como parlamentar, percebi o quanto a misoginia está enraizada no cotidiano. Muitas vezes, as pessoas acham que podem se sobrepor a nós, mulheres, apenas pelo fato de sermos mulheres. É por isso que esse projeto é tão necessário”, declarou Soraya.

De acordo com a matéria, a criminalização da misoginia complementa o arcabouço jurídico de combate à discriminação e reafirma o compromisso do Estado com a igualdade de gênero. A senadora ressaltou que a proposta não se destina a punir pia-

das ou comentários de mau gosto, mas condutas graves que expressem ódio ou rejeição às mulheres.

“Manifestação de ódio”

Durante a votação, o senador Jorge Seif (PL-SC) manifestou voto contrário. “Eu procurei refletir se conheço algum homem, independente da orientação sexual, que realmente odiasse uma mulher. Não lembro de ninguém. Já vi discussões e ofensas, mas daí a transformar isso em tipo penal me parece algo gravíssimo”, pontuou Seif.

O presidente da CCJ, senador Otto Alencar (PSD-BA), rebateu o argumento. “Permita-me discordar, senador. A misoginia é, sim, uma manifestação de ódio. A tentativa de domínio do homem sobre a mulher precisa acabar. É preciso respeito e igualdade plena entre os gêneros, sem que prevaleça qualquer forma de submissão. Todos somos iguais”, enfatizou.

Soraya destacou que a misoginia, assim como o racismo e a homofobia, alimenta a violência e a exclusão. Para

ela, reconhecer juridicamente o preconceito contra mulheres é essencial para frear discursos de ódio e garantir a dignidade feminina.



A misoginia é, sim, uma manifestação de ódio. É preciso respeito e igualdade plena entre os gêneros

Otto Alencar

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (15)

Depois de algumas doses acima do nível do mar, o bêbado descobriu que não sabia nadar.

“Dentro de mim tem dois peixes. Ambos não sabem nadar. Os dois são inúteis” (Magdiel).

Botei as coordenadas de minha casa no GPS, fui parar no Bar de Zé...

“Assalta-se de banco a posto de gasolina. Até hoje, nenhuma livraria foi assaltada. Total desprestígio da cultura nacional” (Millôr Fernandes).

Não é fácil aceitar a crueldade do tempo e perceber que temos um prazo curto de validade. Não ando mais com firmeza, não faço mais uma porção de coisas. Mais limitado do que cheque de funcionário público de terceiro escalão. E ainda tem gente que pergunta se vou comemorar os setenta anos.

Hoje é dia de se lastimar. Lembrar de quem você já foi e reconhecer quem está hoje diante do espelho. Não falo de cabelos brancos ou rugas. Talvez de energia. A mente pedir e corpo não obedecer. Ou pior: a mente nem se lembrar mais dos antigos prazeres.

“A diferença entre a galinha e o político é que o político cacareja e não bota o ovo” (Millôr Fernandes).

Rádio Barata no Ar é escolhido o melhor *podcast* em língua morta já produzido no mundo. Agora ameaça se notabilizar como o único programa de rádio cujo locutor não fala.

O Brasil só vai ter jeito no dia em que os dois magistérios forem tratados da mesma forma, com o mesmo respeito e consideração. O “magistério” formado por juízes, delegados e promotores do sistema prisional punitivo e o magistério formado por professores do sistema educacional formativo.

No dia em que um professor ganhar tão bem e ter os mesmos privilégios de um juiz, deixar de ser desprezado, o Brasil vai mudar. Neste país, vale mais punir do que educar. Esse raciocínio troncho rege a conduta de um país sem futuro.

“O petróleo é nosso (e também de chineses, de franceses, britânicos e holandeses)” — Manchete do Correio Brasiliense, em outubro de 2013.

Algumas dicas para você não morrer, ou pelo menos adiar o “bota fora”. Por exemplo, não coma pão. Pesquisas indicam que todo aquele que um dia comeu pão, veio a óbito.

Estou lendo sobre psicopatas. Você sabia que 3% da população é psicopata? Ele pode ser seu vizinho, seu chefe, sua namorada. Ou você mesmo...

Frase que eu queria ter escrito: “Entrei no meu quarto, a solidão estava na cama lendo Dostoiévski”. É de um cara que esqueci o nome, num desses *blogs* pretensiosos.

“Pedro Osmar disse que gostaria mesmo era de fazer uma música como as que Reginaldo Rossi fazia” (Humberto de Almeida).

“Quase todo objeto artístico que presta é feito de dor” (Ricardo Alfaya).

“Metade de mim é insuportável, a outra não aguentou e foi embora” — Humor sustentável.

Conforme a filosofia de botequim, cada cabeça é um mundo. Eu pouco me conheço, mas você, quem é? Não sabe. Não sei. Andando por aí, a gente esbarra na vida dos outros e acha tão estranha! E vice-versa.

Colunista colaborador

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Calor extremo ameaça habitações

Estudo desenvolvido em casas populares de Manaus e Florianópolis aponta risco à saúde e ao bem-estar até 2080

Ivanir Ferreira
Jornal da USP

As habitações populares no Brasil devem enfrentar calor interno extremo devido às mudanças climáticas, colocando em risco a saúde e o bem-estar dos moradores. Os impactos variam conforme a região. Em Manaus (AM), o maior problema será a frequência do calor: até 88% das horas de permanência em casa serão classificadas como emergenciais em 2080. Já em Florianópolis (SC), o risco está na intensidade, com ondas de calor que podem se tornar três vezes mais severas do que nos dias de hoje. A temperatura média anual no interior das residências deve subir 2,45 °C até 2050 e 4,8 °C até 2080, enquanto a umidade relativa do ar poderá cair até 11,2%, em comparação à média histórica de cada região. As previsões fazem parte de uma pesquisa de arquitetura e urbanismo, cujos resultados foram publicados em um artigo no Journal of Building Engineering.

As simulações basearam-se em projeções climáticas do último relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), publicado em 2022, que prevê altos níveis de emissão de gases de efeito estufa e intensificação do aquecimento global. O estudo analisou apartamentos populares naturalmente ventilados, semelhantes aos do programa Minha Casa, Minha Vida, com dois dormitórios e 43 m² de área.

O professor Alberto Hernandez Neto, da Escola Politécnica (Poli) da Universidade de São Paulo (USP), foi coorientador da tese que originou o artigo, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para ele, as medidas pontuais, como o sombreamento das janelas ou o isolamento de telhados, só reduzem parcialmente a severidade térmica das habitações e o tempo de exposição ao calor, sem eliminar totalmente o desconforto térmico ou os riscos à saúde humana. “Nessas condições, os moradores teriam que recorrer a climatizações mecânicas, como ar-condicionado, cujo custo de instalação e aquisição dificilmente seriam acessíveis às famílias de baixa renda”, alerta.

O artigo em que o estudo foi publicado teve como primeira autora a arquiteta Emeli Lalesca Aparecida da Guarda. Ela explica que seu interesse pelo tema surgiu da vivência em contextos de habitação popular, onde pôde observar de perto as dificuldades enfrentadas por famílias em climas extremos. Em sua trajetória acadêmica, percebeu que a maior parte das pesquisas concentrava-se em energia e eficiência, mas havia uma lacuna sobre como as mudanças climáticas impactariam diretamente as condições internas das moradias, sobretudo das famílias de baixa renda.



Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Aumento da temperatura e diminuição da umidade relativa do ar são consequências da intensificação do aquecimento global

Características diferentes

As cidades de Manaus e Florianópolis foram escolhidas “porque representam contextos climáticos distintos no Brasil, o que permitiu comparar os impactos das mudanças climáticas em realidades contrastantes”, explica Hernandez Neto. Manaus é quente e úmida durante todo o ano, situação em que é possível avaliar a frequência em que a pessoa fica sujeita ao calor extremo e ao desconforto térmico. Já Florianópolis tem clima moderado e sazonal, com estações mais definidas, sendo possível avaliar a intensidade do calor.

“Ao escolher essas duas cidades, a pesquisa conseguiu avaliar como diferentes condições climáticas afetariam o conforto térmico das habitações populares frente ao aquecimento global — um retrato que pode ser expandido para outras regiões do país”, diz o professor.

Para realizar a pesquisa, a arquiteta usou ferramentas de medição de sensação térmica. O objetivo era avaliar o quanto as habitações sociais se tornariam superaquecidas em um cenário de alterações climáticas. A Temperatura Efetiva Padrão (TEP) indicou o nível de estresse térmico que uma pessoa sentiria dentro de casa, de dia e de noite, considerando variáveis ambientais — temperatura do ar, temperatura das superfícies e umidade e movimento do ar — e variáveis humanas — tipo de roupa e taxa metabólica da pessoa.

Ao fim, os dados foram analisados a partir da norma internacional Ashrae 55, que estabelece critérios e limites de conforto térmico em edifícios naturalmente ventilados e sem aparelhos de ar-condicionado, que não devem ultrapassar 33,5 °C.

Elevação da temperatura

“Os resultados apontam para um cenário bastante preocupante”, adverte Emeli. As simulações indicaram aumento significativo da temperatura nas duas cidades, acompanhado da redução

da umidade relativa do ar. Em Manaus, onde a média anual histórica é de 26,8 °C, a previsão é de elevação de 2,45 °C até 2050 e 4,81 °C até 2080. Em Florianópolis, com média histórica de 20,75 °C, a previsão é ter aumentos semelhantes.

Os meses mais abafados nas duas cidades também devem mudar. Em Manaus, o mês mais quente atualmente é setembro, com temperaturas médias mensais em torno de 27,91 °C. Nos cenários de 2050 e 2080, outubro passa a ser o mês de maior calor, com temperaturas médias mensais de 32,86 °C (+4,47 °C) e 37,38 °C (+7,47 °C), respectivamente. Em Florianópolis, o mês mais quente do período histórico é fevereiro, com média de 25,27 °C. Nos cenários de 2050 e 2080, as médias desse mês aumentarão para 26,84 °C (+1,57 °C) e 28,10 °C (+2,83 °C), respectivamente.

Umidade relativa do ar

A pesquisa mostrou que, à medida que a temperatura do ar sobe, a umidade relativa tende a cair. “Isso acontece porque o ar mais quente consegue reter mais vapor de água. Assim, mesmo que a quantidade absoluta de umidade no ambiente não mude muito, a proporção de vapor presente em relação ao que o ar poderia suportar diminui”, descreve o estudo.

Nas simulações, esse efeito aparece com clareza: em Manaus, a umidade relativa, que hoje gira em torno de 84,8%, pode cair para 43,7% em outubro de 2080, quando a média da temperatura chegará a 37,3 °C. Em Florianópolis, no mesmo mês, a previsão é de 40,4% de umidade relativa, com temperaturas em torno de 28,2 °C.

Segundo a arquiteta, para Manaus, os resultados foram extremos: em 2080, até 88% das horas de permanência dentro das casas podem ocorrer em condições classificadas como de “emergência térmica”, ou seja, situações em que o corpo humano tem dificuldade de regular sua temperatura. Já em Flo-

rianópolis, uma cidade com clima considerado ameno, foram observados aumentos expressivos na gravidade dos eventos de superaque-

cimento — mais de 300% em relação ao cenário atual.

“Esses dados são particularmente alarmantes porque mostram que nem mesmo

regiões historicamente mais confortáveis, como Florianópolis, estarão isentas dos efeitos severos do aquecimento global”, aponta Emeli.

Soluções incluem recursos naturais e técnicas adaptadas ao cenário local

Para a autora do artigo, sua pesquisa mostrou que as mudanças climáticas não são um problema distante, mas algo que já afeta diretamente a vida das pessoas dentro de suas casas. “O superaquecimento das habitações populares pode comprometer a saúde, o bem-estar e até a produtividade, ampliando desigualdades sociais — já que justamente as famílias de menor renda, que têm menos acesso a climatização artificial, são as mais vulneráveis”, diz Emeli.

Como possíveis soluções, ela recomenda o uso de estratégias de adaptação climáticas passivas de conforto térmico nas habitações, aproveitando recursos naturais e soluções arquitetônicas adaptadas a cada região. Entre as medidas sugeridas, estão a orientação adequada dos edifícios em relação ao sol e aos ventos, o uso de sombreamento com vegetação, ventilação cruzada (com janelas e portas posicionadas estrategicamente), telhados com isolamento térmico e pisos frios.

As medidas devem ser adaptadas de acordo com as regiões: em Manaus, onde a alta umidade limita o resfriamento natural, são indicados sombreamento externo, telhados refletivos, coberturas ventiladas, orientação solar correta das edificações e ventilação natural cruzada. Em Florianópolis, isolamento de telhados, proteção solar e ventilação natural noturna são mais eficazes, com possibilidade de sistemas híbridos que combinem ventilação natural e resfriamento mecânico eficiente.

Na opinião da arquite-

ta, as disparidades socioeconômicas devem ser consideradas na formulação de políticas públicas, garantindo acesso equitativo a soluções de conforto térmico por meio de subsídios, melhorias em habitações públicas e iniciativas educacionais para comportamentos adaptativos ao clima. Emeli orienta que se atualizem as políticas habitacionais brasileiras para enfrentar os impactos das mudanças climáticas. Isso inclui revisar normas técnicas para considerar cenários futuros de aquecimento global, adotar estratégias bioclimáticas e reforçar requisitos de desempenho térmico, especialmente na habitação de interesse social.

Outro desafio, em sua opinião, é a pobreza energética, que deixa famílias de baixa renda vulneráveis ao calor extremo por não conseguirem arcar com sistemas artificiais de climatização. O estudo defende subsídios para retrofit — quando construções antigas são modernizadas sem perder suas características arquitetônicas originais —, uso de materiais mais eficientes e in-

tegração entre habitação e planejamento urbano, com mais vegetação e corredores de ventilação. “A ideia seria articular habitação, energia e urbanismo para garantir conforto térmico e reduzir desigualdades sociais”, avalia.

Saúde

O mesmo relatório do IPCC utilizado na pesquisa alerta que as mudanças climáticas ampliam os riscos para a saúde humana, sobretudo entre populações vulneráveis, como pessoas de baixa renda, crianças e idosos. Entre os principais impactos, estão o agravamento de doenças cardiovasculares e respiratórias, a expansão de enfermidades transmitidas por mosquitos — como dengue, chikungunya e zika — e o aumento de problemas de saúde mental. Segundo o relatório, a intensificação das ondas de calor é um dos efeitos mais graves. Estudos apontam, por exemplo, que a onda de calor de 2010 na Rússia causou 56 mil mortes, enquanto o verão europeu de 2003 resultou em 71 mil óbitos em 12 países.



Foto: Carlos Rodrigo

Aumento do sombreamento com vegetação é um caminho



Foto: Reprodução/Lattes



Nem mesmo regiões historicamente confortáveis estarão isentas dos efeitos do aquecimento global

Emeli da Guarda

NA PARAÍBA

Prefeituras e IFPB abrem 207 vagas

Oportunidades contemplam cargos temporários e efetivos com remunerações que chegam a R\$ 13,2 mil

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Da capital ao interior, a temporada de concursos segue aquecida em todo o estado, com a abertura de novos editais. Em João Pessoa, a Prefeitura lançou um processo seletivo com 76 vagas em áreas como Saúde e Educação, com salários de até R\$ 4,9 mil. Já no Agreste paraibano, o concurso da administração municipal de Caiçara oferece 88 vagas para profissionais de diferentes níveis de escolaridade e salários que chegam a R\$ 12 mil. Fechando o trio, o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) prorrogou as inscrições para o concurso de professores, com remuneração de até R\$ 13,2 mil.

João Pessoa

Voltado à ampliação da rede municipal, o novo processo seletivo da Prefeitura de João Pessoa tem como foco o Centro Especializado em Reabilitação (CER IV) e outros serviços do município. No total, são 76 vagas distribuídas entre funções de níveis fundamental, médio, técnico e superior, com remuneração de R\$ 1,5 mil a R\$ 4,9. As oportunidades abrangem desde cargos de apoio, como auxiliar administrativo, recepcionista e assistente social, até os mais especializados, incluindo musicoterapeuta, terapeuta ocupacional, pedagogo e médico.

O período de inscrições gratuitas segue até 29 de outubro, exclusivamente pelo endereço joaopessoa.idoc.com.br/atendimento, na modalidade de protocolo. O candidato deverá escolher para qual cargo concorrerá, preencher o formulário e anexar os documentos exigidos. De acordo com o edital, o processo seletivo tem como finalidade a formação de cadastro reserva, sem a obrigatoriedade de contratação imediata, já que as vagas têm caráter temporário. A seleção será feita por análise documental e de experiência profissional, considerando critérios técnicos e tempo de atuação.

Prefeitura de Caiçara

No interior, o destaque fica por conta do concurso público da Prefeitura de Caiçara, que abriu 88 vagas para profissionais de níveis médio, técnico e superior. As remunerações variam de R\$ 1,5 mil a R\$ 12 mil para jornadas semanais de 30 a 40 horas, conforme o cargo. Há oportunidades para professores, técnicos de enfermagem, bioquímicos, motorista escolar, enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, assistentes sociais e médicos, entre outras funções.

As inscrições estão abertas até 3 de novembro e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo *site* do Instituto IACP, responsável pela organização do certame. A taxa cobrada varia de R\$ 83 a R\$ 100. Quanto à ava-

liação, todos os candidatos farão prova objetiva no dia 21 de dezembro, enquanto os cargos de professor e coordenador pedagógico terão a análise de títulos como etapa adicional. No conteúdo programático, constam Língua Portuguesa, Atualidades e Noções de Administração Pública, além de Conhecimentos Específicos. Todo o processo ocorrerá na cidade de Caiçara, a 125 km de João Pessoa.

Instituto Federal

Na rede federal de ensino, o IFPB prorrogou o prazo de inscrições para o concurso destinado a professores efetivos, conferindo mais tempo para quem deseja disputar uma das 43 vagas. O certame contempla diferentes áreas do conhecimento, como Arquitetura, Ciências Biológicas, Design Gráfico, Engenharia Civil, Física, Matemática, Medicina Veterinária e Filosofia, entre outras. Segundo o edital, os salários variam de R\$ 6,1 mil a R\$ 13,2 mil, conforme a titulação, com jornada de 40 horas semanais e modelo de dedicação exclusiva.

A seleção será composta por prova objetiva, avaliação didático-pedagógica e análise de títulos, com o objetivo de avaliar tanto o domínio técnico quanto a capacidade de ensino. Para participar, os interessados têm até 18 de novembro para se inscrever pelo *site* do Instituto AOCP, no endereço www.institutoaoep.org.br. A taxa de inscrição é de R\$ 150. Vale destacar que as vagas são para atuação em diversos *campi* do IFPB, de Areia a Campina Grande, passando por João Pessoa, Santa Rita e Sousa. Já a aplicação das provas ocorrerá nos municípios de Cajazeiras, Campina Grande, João Pessoa, Patos e Sousa.



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de Caiçara



Use o QR Code para acessar o edital do Instituto Federal da Paraíba



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura de João Pessoa

Musicoterapia transforma som em ferramenta

Alguns sons têm um efeito inexplicável. Bastam poucos acordes para o corpo estremecer, a mente viajar e o coração se abrir. É nesse território, onde emoção e memória entrelaçam-se, que atua o musicoterapeuta, profissional dedicado a transformar música em ferramenta clínica. Na prática, a musicoterapia utiliza sons, ritmos e vibrações para estimular respostas cognitivas, motoras e emocionais, promovendo bem-estar. O processo pode parecer simples, mas é profundamente transformador. “Os elementos sonoros, muitas vezes, alcançam lugares onde as palavras não conseguem ir”, afirma a musicoterapeuta Paula Ferreira Dantas, que faz da escuta e da sensibilidade instrumentos eficazes de reabilitação e autoconhecimento.

Ainda pouco conhecida, a prática chama atenção por unir arte e ciência em um mesmo propósito: promover saúde. Segundo a especialista, que também é violinista e presidente da Associação de Musicoterapia da Paraíba, o impacto é imediato nas pessoas. “As respostas diante dos estímulos musicais são, muitas vezes, mais rápidas e eficazes”, diz. E o efeito não se limita à sensação momentânea de bem-estar, já que a música serve de ponte em processos de reabilitação e prevenção de doenças. No fim, o que ela faz é reorganizar o indivíduo internamente, aliviando dores e despertando memórias.

O poder terapêutico do som

Sob o olhar do musicoterapeuta, o som torna-se linguagem. Cada acorde, vibração ou nota tem o objetivo de estimular, acalmar e reabilitar. Paula conta que o trabalho envolve o uso de instrumentos, objetos sonoros e até vibrações corporais para despertar diferentes respostas nos pacientes. “Através desses recursos, estimulamos a concentração, memorização, coordenação, equilíbrio motor, autoexpressão, relaxamento, comunicação expressiva e funcional, além de regulação sensorial e emocional, superação de traumas e medos”, conta. Segundo ela, em muitos casos, a musicoterapia atua em parceria com outras áreas da saúde, ajudando na recuperação física e mental de pacientes em processo de reabilitação, como os que convivem com ansiedade, sequelas neurológicas ou limitações motoras.

O método é construído de forma individualizada, respeitando o ritmo e a identidade sonora de cada pessoa, um conjunto formado por lembranças, timbres e experiências que di-



Paula Dantas faz da escuta e da sensibilidade instrumentos de reabilitação e autoconhecimento

Atuação

Esse profissional pode atuar em escolas, hospitais, clínicas, instituições de reabilitação e centros especializados

zem quem ela realmente é. É a partir dessas especificidades que o profissional conduz o tratamento. E, tratando-se de Brasil, onde a música atravessa o cotidiano das pessoas, a diversidade cultural amplia ainda mais as possibilidades terapêuticas. “O incentivo ao uso da criatividade para compor, recriar e criar suas próprias melodias a fim de expressar suas emoções e sentimentos é, sem sombra de dúvida, uma habilidade quase que natural e intrínseca ao povo brasileiro”, afirma. Para ela, esse exercício de liberdade emocional possibilita a expressão de sentimentos de forma natural e autêntica.

Versatilidade

Não por acaso, o trabalho do musicoterapeuta exige sensibilidade e muita técnica. A formação é interdisciplinar, envolvendo áreas como saúde, psicologia, filosofia e música. Paula Dantas destaca que é preciso dominar os instrumentos, compreender os processos humanos e saber transformar o som em ferramenta terapêutica. “Não há exigência musical para quem recebe o atendimento, mas o terapeuta precisa ter preparo técnico e teórico para usar a música como meio de mediação”, explica. Do mesmo modo, o campo de atuação desse profissional também é amplo e inclui escolas, hospitais, clínicas, instituições de reabilitação e centros especializados.

Entretanto, mesmo com todo o avanço, o reconhecimento da área ainda é um desafio. A musicoterapeuta observa que, ainda hoje, há desinformação sobre a profissão, tanto entre o público quanto entre os próprios profissionais da saúde. “Com frequência, precisamos explicar a diferença entre musicoterapia e musicalização, o que é fundamental para a valorização da área”, comenta. Na prática, essa falta de clareza sobre o papel da musicote-

rapia ainda limita o acesso de muita gente aos benefícios da prática. Mas o cenário vem mudando, segundo Paula. Com mais pesquisas, formações específicas e resultados clínicos comprovados, ela já começa a ser vista como uma terapia integrativa legítima.

Oportunidade

Na rede pública, a atuação do musicoterapeuta tem ganhado cada vez mais espaço. No novo processo seletivo da Prefeitura de João Pessoa, por exemplo, há duas vagas abertas, com jornada de 30 horas semanais e remuneração de R\$ 1.662,50. Para concorrer, é preciso ter formação na área da Saúde e experiência mínima de seis meses na função, além de idade igual ou superior a 18 anos no momento da inscrição.

Método é construído de forma individual, respeitando o ritmo e a identidade sonora de cada pessoa

Foto: Arquivo pessoal

Selic Fixado em 17 de setembro de 2025 15%	Salário mínimo R\$ 1.518	Dólar \$ Comercial +0,11% R\$ 5,392	Euro € Comercial +0,25% R\$ 6,272	Libra £ Esterlina +0,04% R\$ 7,180	Inflação IPCA do IBGE (em %) Setembro/2025 0,48 Agosto/2025 -0,11 Julho/2025 0,26 Junho/2025 0,24 Maio/2025 0,26	Ibovespa 146.1720pts +0,31%
--	---	--	--	---	---	--

APESAR DE TARIFAÇO

Exportações de suco da PB para os EUA crescem 125%

Demanda pelo concentrado de abacaxi paraibano sustenta alta nas vendas

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

As tarifas impostas pelo governo americano sobre produtos brasileiros, a partir de agosto, não frearam o ritmo das vendas de suco de frutas da Paraíba para os Estados Unidos. Esse é, hoje, o principal produto exportado pelo estado aos americanos e, de janeiro a setembro de 2025, a exportação foi de R\$ 69 milhões. O valor representa um aumento de 125,6% em relação ao mesmo período de 2024, quando as remessas somaram R\$ 30,5 milhões.

Os dados são do sistema Comex Stat, plataforma de consultas e extração de informações sobre o comércio exterior brasileiro, mantida pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). Mesmo após o tarifaço de 50% entrar em vigor, o desempenho manteve-se em alta.

De agosto a setembro, as exportações atingiram R\$ 21,2 milhões, o dobro do registrado no mesmo intervalo do ano anterior. Mais da metade (52,9%) do suco paraibano segue tendo como destino o mercado americano, enquanto 43,4% são enviados à Holanda — dois principais destinos entre os 11 países que compram o produto do estado.

Os especialistas do setor justificam que a alta se deve, principalmente, à forte demanda dos EUA por suco concentrado de abacaxi e a uma quebra de safra na Tailândia e na Costa Rica, que estão entre os maiores produtores mundiais. Isso abriu espaço para o suco paraibano, que tem o diferencial da variedade Pérola, enquanto os outros países trabalham com outras espécies.

Para o economista Filipe Reis, professor de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), o



Foto: Marcos Russo/Arquivo A União

Quebra de safra de abacaxi na Tailândia e na Costa Rica abriu espaço para o suco paraibano

comportamento do mercado americano não surpreende. “A demanda nos Estados Unidos permanece constante, é um produto muito consumido por lá, e, de fato, houve essa quebra de safra noutros países exportadores de sucos de fruta. Isso explica o aumento nas compras americanas de fornecedores que tinham o produto à disposição, como o Brasil”, avaliou.

O impacto inicial das tarifas levou as principais empresas do setor de suco e concentrado de frutas a transferir os contratos para o mercado europeu em agosto. Mas, em setembro, com a escassez do produto no mercado americano, alguns clientes aceitaram pagar as tarifas de 50% e as exportações foram retomadas em setembro.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado da Pa-

raíba (Fiepb), Cassiano Pereira, pondera, no entanto, que a continuidade desse crescimento depende das negociações bilaterais. Os presidentes Lula e Donald Trump devem encontrar-se no fim da tarde de hoje (manhã no Brasil), em Kuala Lumpur, na Malásia. É daí que podem surgir os entendimentos para resolver as sanções norte-americanas aos produtos brasileiros.

“A tarifa de 50% reduz a atratividade do produto brasileiro no médio prazo. Esse crescimento [do suco de frutas] foi possível porque a escassez global forçou o comprador a aceitar preços mais altos ou absorver tarifas. Mas, quando a produção na Tailândia e na Costa Rica se normalizar, os Estados Unidos tendem a recalculer suas fontes. Então, se a tarifa continuar, a Paraíba corre o risco de perder par-

te do espaço conquistado. O cenário atual é favorável, mas não necessariamente durável”, reflete Cassiano Pereira.

O crescimento das exportações beneficia diretamente os produtores rurais e a indústria local. A Intrafrut, principal empresa exportadora do estado, processa cerca de 60 mil toneladas de abacaxi por ano, sendo 80% cultivado na própria Paraíba, em municípios como Santa Rita e Itapororoca, destinando aproximadamente 70% da produção ao mercado externo.

Mesmo com o bom desempenho, os empresários do setor confirmam estarem ansiosos com a abertura de uma linha de diálogo para negociações entre os governos brasileiro e americano para que isso traga maior previsibilidade a toda cadeia produtiva.

Sem soluções, setor açucareiro amarga perdas

Se o suco de frutas conseguiu sobreviver às tarifas, o mesmo não se pode dizer do açúcar produzido na Paraíba. O produto deixou de ser o principal item da pauta exportadora paraibana aos Estados Unidos em 2025, perdendo a liderança justamente para o suco de frutas. Desde o início da medida, nenhuma usina do estado conseguiu exportar o produto aos estadunidenses.

Na última quinta-feira (23), uma portaria publicada pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) definiu a distribuição da cota preferencial de exportação de açúcar para os Estados Unidos referente ao período 2024-2025, destinada às usinas das re-

giões Norte e Nordeste.

A cota faz parte do Acordo de Comércio de Açúcar entre o Brasil e os EUA, que permite que determinado volume do produto entre no mercado norte-americano com redução tarifária. No caso da Paraíba, as usinas do estado respondem por 11.585,09 toneladas da cota total, o que representa aproximadamente 79% do volume total destinado às regiões Norte e Nordeste.

Em termos práticos, a portaria garante às usinas paraibanas o direito de exportar um volume significativo de açúcar ao mercado norte-americano sob condições comerciais vantajosas. A Usina Monte Alegre, de Mamanguape, é a maior bene-

ficiada no estado, seguida pela Miriri, Giasa e Japungu. Segundo o presidente-executivo do Sindalcool-PB, Edmundo Barbosa, o resultado da portaria veio como já era esperado pelo setor, mas as dificuldades permanecem.

“As empresas vão cumprir a cota apenas para não perder o direito de exportar futuramente, mas sem rentabilidade nenhuma”, afirmou. “Essa cota sempre foi uma forma de compensar as diferenças regionais e garantir competitividade. Mas, com a incidência da tarifa de 50%, o custo sobre o preço torna inviável o negócio”, completou.

Mesmo diante das perdas, Barbosa afirma que o setor segue atento às tratativas diplo-

máticas. “O encontro de Lula com Trump reacendeu esperanças. Acreditamos que o posicionamento americano pode mudar, até porque o Brasil é um parceiro comercial que compra mais dos Estados Unidos do que vende para eles. Não haveria razão para tarifas adicionais”, disse.

Ele ressalta que as entidades têm atuado junto ao Governo Federal e aos ministérios da Agricultura e do Desenvolvimento, além da vice-presidência da República, para subsidiar as negociações. “Estamos em uma posição de observação, mas com muita atividade. É um cenário de incertezas, mas há sinais de que as coisas estão melhorando”, afirmou.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

Brasil desacelera, João Pessoa não

Nos últimos meses, diversos indicadores nacionais têm apontado para um cenário de desaceleração econômica: juros elevados, inflação persistente, crédito caro e um ambiente empresarial menos confiante. Essa fotografia macroeconômica faz muitos empresários adotarem uma postura defensiva, adiando investimentos, contratações e expansão. No cenário nacional, há fundamento para essa cautela. Mas o erro estratégico está em observar somente o contexto macro, sem enxergar o que acontece no nível local. Em João Pessoa, a realidade é outra.

Enquanto grande parte do país anda de lado, a Paraíba está acelerando. Em 2024, o estado registrou o maior crescimento de PIB do Brasil. Para 2025, as projeções continuam acima da média nacional: 2,7% contra 2,2% no plano federal. Isso significa que, enquanto alguns aguardam o “momento certo” para voltar a crescer, aqui o momento já chegou, e os números comprovam.

João Pessoa é o epicentro desse movimento. A cidade ultrapassou a marca de 113 mil empresas ativas e já criou mais de 20 mil novos CNPJs somente em 2025. O turismo experimenta recordes sucessivos, o mercado imobiliário está em plena expansão, a gastronomia local virou ativo econômico e o setor de serviços consolidou-se como motor do emprego. Com mais circulação de pessoas, renda e investimentos, o ambiente de negócios se fortalece e retroalimenta o ciclo de crescimento.

No mercado de trabalho, o movimento é ainda mais evidente: desde 2021, João Pessoa acumula

“
Quem espera demais chega quando o retorno já encareceu e a concorrência já ocupou o espaço

mais de 58 mil empregos formais criados e, só em 2025, a cada 10 novas vagas criadas na Paraíba, cinco foram na capital. Além do saldo, a mudança estrutural é profunda: o setor de serviços cresceu 43,55% no estoque de empregos desde 2021 e já concentra 127 mil vínculos ativos. A construção civil aparece como o segundo setor com maior expansão estrutural, com

40,38% de crescimento, mostrando que, mesmo com ajustes em 2025, continua sendo um dos pilares da economia local.

É verdade que os juros altos impõem desafios, especialmente para empresas descapitalizadas. Mas, ao mesmo tempo, favorecem negócios mais estruturados, com gestão financeira sólida e reservas de caixa. Além disso, a recente queda do dólar abriu janela rara para modernização tecnológica e importação estratégica, melhorando a competitividade de quem age cedo, não de quem espera a “hora ideal”.

Diante disso, a regra do jogo é clara: posicionamento vem antes do resultado. É como no mercado financeiro: a maioria só compra ações quando a Bolsa já está em alta, paga caro e perde o ganho que quem entrou antes já capturou. Nos negócios, funciona igual. Quem espera demais chega quando o retorno já encareceu e a concorrência já ocupou o espaço. Quem se posiciona cedo lidera o ciclo.

Com 2026 se aproximando, a pergunta já não é “quando a economia vai melhorar?”. Em João Pessoa, ela já melhorou. Agora a questão é: se a cidade está avançando, o seu negócio vai avançar junto ou só assistir? Porque, no ciclo atual, não vence quem enxerga o futuro primeiro. Vence quem percebe que o futuro já começou.

CONTRATA+BRASIL

Plataforma já gerou R\$ 6,8 milhões

Ferramenta que simplifica recrutamento de microempreendedores conta com mil órgãos públicos cadastrados

O Contrata+Brasil alcançou a marca de mil órgãos públicos cadastrados, sendo 396 federais, 64 estaduais e 540 municipais, desde seu lançamento, em fevereiro deste ano. Desenhado para aproximar órgãos de governo e fornecedores locais de todo o Brasil, começou pela contratação de microempreendedores individuais (MEI's) para serviços de reparos e manutenção. A plataforma simplifica processos e fortalece a economia das cidades em todo o país.

O uso da plataforma é gratuito para quem contrata e para quem fornece, e foi pensado principalmente para simplificar a rotina de contratações e facilitar o acesso de pequenos negócios ao mercado público, transformando o poder de compra do Estado em um instrumento de desenvolvimento e oportunidades para a população.

Em oito meses, o Contrata+Brasil movimentou R\$ 6,8 milhões em pequenas contratações de serviços de manutenção pelo país. A plataforma tem transformado demandas corriqueiras dos órgãos públicos (como consertos de eletrodomésticos, pinturas de teto e paredes, encanamento e elétrica) em trabalho e renda para fornecedores locais, fazendo o dinheiro público circular nas próprias cidades, com mais agilidade e menos burocracia.

Mais de 6,2 mil MEIs estão credenciados e 2,7 mil oportunidades de negócio já foram lançadas na ferramenta. O pagamento por



Foto: Wallace Martins/Senai

Em oito meses de funcionamento, foram geradas 2,7 mil oportunidades de negócios; pagamento para pequenos reparos pode chegar até R\$ 12.545,11

Fluxo

Oportunidades são incluídas no sistema conforme surge a necessidade e os fornecedores enviam orçamentos

cada demanda de serviço de pequenos reparos não pode ultrapassar R\$ 12.545,11 — a média, até o momento, é de R\$ 5,3 mil por trabalho concluído.

O Contrata+Brasil mostra que é possível inovar nas contratações públicas, tornando os processos mais simples, ágeis e transparentes, além de fortalecer a economia das próprias cidades. Cada nova adesão representa um órgão que

ganha mais eficiência e, a cada nova demanda lançada, um pequeno fornecedor que pode conquistar mais oportunidade de trabalho para melhorar a sua renda”, destaca o secretário de Gestão e Inovação do MGI, Roberto Pojo.

A prefeitura de São José do Egito, em Pernambuco, foi a responsável pela marca do milésimo órgão cadastrado na plataforma. O secretário de Desenvolvi-

mento Econômico do município, Pedro Lira, explica que a expectativa é ampliar o estímulo à economia local por meio do Contrata+Brasil. “Ao formalizar os negócios a partir da plataforma, o governo municipal vai desburocratizar e simplificar o processo de compra, permitindo que mais empreendedores forneçam seus serviços e produtos diretamente para a prefeitura”, afirma.

Na prática, o órgão descreve a necessidade, o fornecedor vê a oportunidade e envia o orçamento. Para o gestor, o fluxo é parecido com aquele que ele já conhece: fazer uma demanda, receber propostas, selecionar, formalizar, executar e pagar. Só que, no Contrata+Brasil, as etapas são padronizadas e mais curtas, porque os editais de credenciamento já estão inseridos no sistema.

Demandas locais são atendidas com melhor custo-benefício

Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o efeito prático apareceu já na primeira demanda: a troca da mola de uma porta de vidro que estava inutilizada foi resolvida em poucos dias. “Se a gente fosse fazer a contratação por dispensa, iria demorar pelo menos 40 a 45 dias. Com o Contrata+Brasil, o pessoal resolveu isso muito rapidamente”, contou Maurício Freire Garcia, pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento. Ele destaca que “o serviço foi prestado de maneira exemplar, rápida, e ficou de acordo com a pesquisa de preços que a universidade já tinha feito”, reforçando a percepção de custo-benefício.

A experiência abriu a porta para algo maior dentro da própria UFMG. Com quatro *campus*, cerca de 50 mil estudantes e uma lista de pedidos de pequenos reparos, como pinturas de salas e manutenção de forros, a universidade já publicou novas chamadas para suas mais de 40 unidades acadêmicas e administrativas. “Este teste primeiro foi muito bem-sucedido e vamos ampliar isso para todas as unidades”, afirma Garcia. O fornecedor escolhido, no caso piloto, foi de Belo Horizonte, onde fica o *campus* demandante.

Garcia também cha-

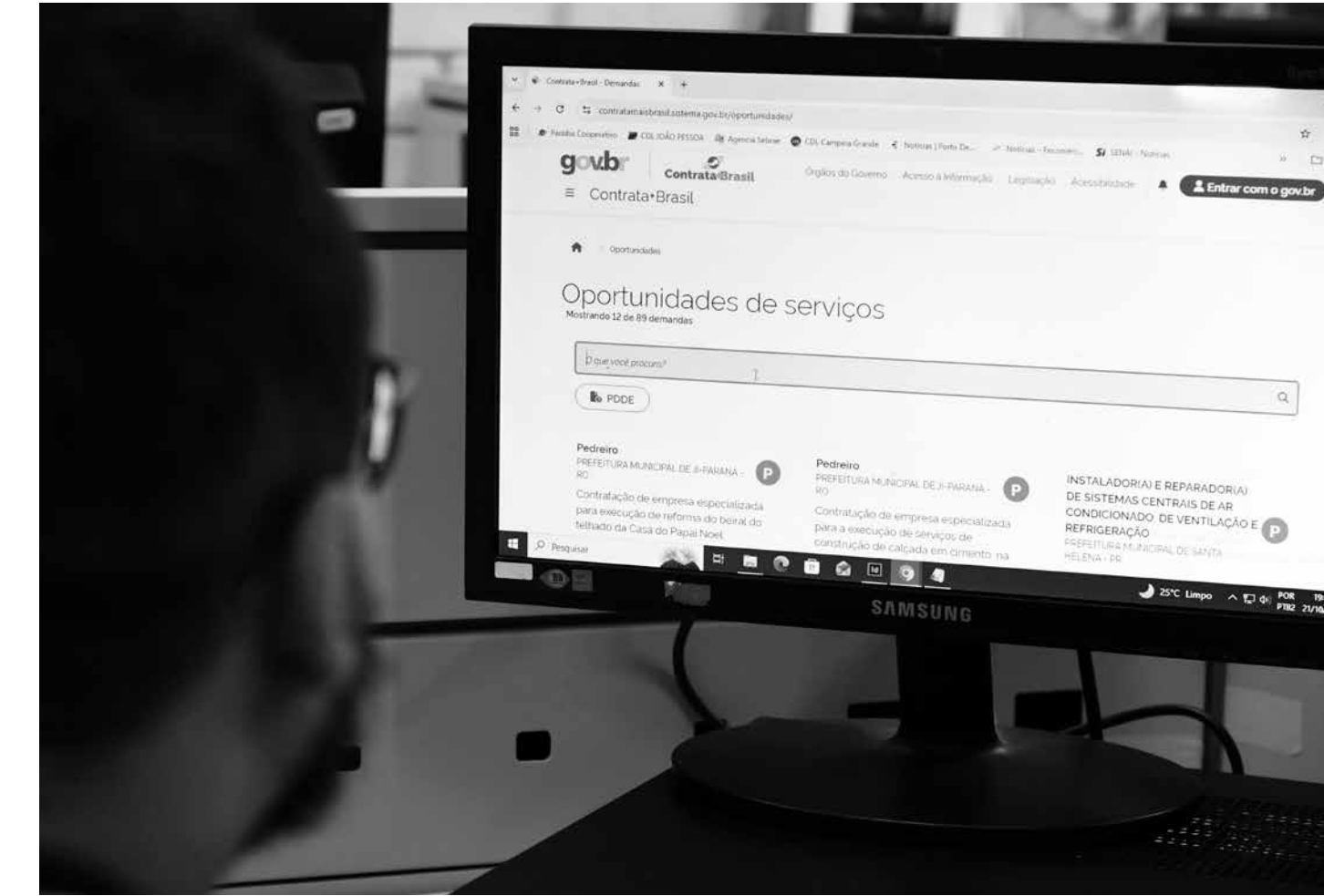


Foto: João Pedrosa

Projeto recebe melhorias de usabilidade e é integrado a sistemas de logística pública para agilizar realização dos serviços

ma atenção para a geografia da UFMG. “Tem um *campus* a quase 250 km e outro a 400 km daqui. Não dá para contratarmos fornecedores do serviço só pela unidade central. Em muitos casos, não faz sentido deslocar alguém de Belo Horizonte para um reparo pequeno em outra cidade, e o Contrata+Brasil per-

mite que cada *campus* acione prestadores das suas redondezas, com mais eficiência e menos custo de deslocamento”.

Por isso, os fornecedores são de diversas cidades do estado mineiro, o que reforça a vocação da plataforma para fomentar a economia local quando a demanda é de pe-

queno porte e precisa de resposta ágil. Um deles é Awender Reis, que ouviu falar do Contrata+Brasil no programa A Voz do Brasil e decidiu inscrever-se. Como executa diferentes tarefas, cadastrou-se para várias linhas de serviço. Para a UFMG, executou o teste de estanqueidade de botijões de gás.

“Achei muito interessante. A gente que quer ser empreendedor e não tem a condição de concorrer com grandes empresas. Se eu entrar numa licitação concorrendo com empresas, fica difícil de ganhar, mas aqui eu concorro de MEI para MEI”, explica. Ele observa como o Contrata+Brasil é uma oportu-

nidade para participar de compras públicas: “É difícil a gente pegar uma licitação, com um serviço grande, porque o nosso crédito é limitado. Geralmente, um MEI não tem o dinheiro para começar a fazer o trabalho e só receber depois”, disse.

Expansão da plataforma

O Contrata+Brasil será ampliado para além dos serviços de manutenção e pequenos reparos por microempreendedores individuais (MEI), com a entrada gradual de novas linhas de fornecimento na ferramenta e outros perfis de fornecedores. A plataforma também recebe melhorias de usabilidade e integração com sistemas de logística pública, mantendo o objetivo central: resolver rápido as demandas pequenas e fazer o dinheiro público girar na economia local.

Há previsão para ampliar os tipos de serviços e perfis de fornecedores que podem participar da disputa

CAMPINA GRANDE

Pesquisa promove a saúde bucal

Trabalho voltado a pessoas em situação de rua está sendo desenvolvido pelos bolsistas do Programa Celso Furtado

Estudantes bolsistas do Programa Celso Furtado estão desenvolvendo uma pesquisa que busca garantir o acesso à saúde bucal e promover a inclusão social de pessoas em situação de rua em Campina Grande (PB). O estudo tem como objetivo construir um itinerário de cuidados odontológicos voltado a essa população, articulando universidade, serviço público e cidadania.

Coordenado pela professora Alidianne Fá Cabral Cavalcanti, do curso de Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), o projeto é conduzido com o apoio do Governo da Paraíba, por meio do Programa Celso Furtado, vinculado à Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secities) e executado pela Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq).

Os primeiros resultados da pesquisa, originados da dissertação de mestrado da odontóloga Gabrielli Bezerra Salles, revelam um cenário preocupante: 100% da população em situação de rua avaliada possui pelo menos um dente cariado, mais de 80% já perderam dentes e 90% apresentam doença periodontal (inflamação das gengivas e do osso de sustentação dental, causada pelo acúmulo de placa bacteriana e tártaro).

Esses dados inéditos, que serão apresentados aos gestores municipais, servirão como base para a continuidade da investigação na nova fase do projeto, intitulada “Pessoas em situação de rua como sujeitos de direitos: do diagnóstico da condição de saúde bucal à construção de um itinerário de cuidados odontológicos”.

“
Nosso objetivo é levar direitos a essas pessoas, empoderá-las através da informação e da educação em saúde bucal

Isabelly Lúcia Silva Santos

O estudo avaliou 133 pessoas em situação de rua atendidas pelas equipes do Consultório na Rua em Campina Grande. “Os dados mostram uma urgência que não vinha sendo registrada na cidade: não havia números sobre a saúde bucal dessa população”, destacam as pesquisadoras.

A prevalência de cáries, perdas dentárias e doenças gengivais foi associada a fatores sociais, como idade, ausência de benefícios, falta de trabalho e baixa autopercepção de saúde. O levantamento também mostrou que a população de rua é formada majoritariamente por homens jovens, de 19 a 44 anos, em sua maioria não brancos, com tempo de permanência nas ruas que varia de menos de um ano a mais de 11 anos.

Dor e exclusão social

A pesquisa expõe não apenas um problema de saúde, mas também de cidadania. A perda dentária



Isabelly Lúcia Silva Santos (D), em um restaurante popular, durante as atividades desenvolvidas pela UEPB

afeta a autoestima e se torna-se um obstáculo à reinserção social e profissional. “A dor de origem odontológica impacta a qualidade de vida. Além disso, o sorriso é um cartão de visitas. Quando vemos que a maio-

ria dessas pessoas perdeu dentes, entendemos como isso interfere nas chances de conseguir um emprego e reconstruir a vida”, explica Gabrielli.

Para Isabelly Lúcia Silva Santos, estudante do

quinto período de Odontologia da UEPB e bolsista do Programa Celso Furtado, o projeto vai além do atendimento clínico: “Nosso objetivo é levar direitos a essas pessoas, empoderá-las através da informação

e da educação em saúde bucal. O pensamento de Celso Furtado sobre desigualdade social inspira nossa prática: não é apenas tratar os dentes, mas enfrentar as barreiras que aprofundam a exclusão”.

Iniciativa estimula a produção científica e o desenvolvimento

O Programa Celso Furtado é uma iniciativa do Governo da Paraíba que estimula a produção científica voltada ao desenvolvimento regional e à redução das desigualdades. O programa oferece bolsas e estrutura para projetos que integram ensino, pesquisa e impacto social, com base no pensamento do economista Celso Furtado.

Segundo a professora Alidianne Fá Cabral Cavalcanti, o apoio do programa foi fundamental para que a pesquisa ultrapassasse o diagnóstico e avançasse em ações concretas.

“O [Programa] Celso Furtado não só permite coletar informações, mas também pensar em estratégias de cuidado. Nossa meta é construir

um itinerário terapêutico que garanta o acesso dessas pessoas a toda a rede de atenção odontológica, da básica à especializada”.

Ela ressalta que o programa é o alicerce da iniciativa: “Sem ele, esse projeto não teria saído do papel. Ele garante bolsas para estudantes e viabiliza uma atuação integrada, unindo diagnóstico, interven-

ção e formação acadêmica”.

A próxima etapa contará com Isabelly e mais dois estudantes de Psicologia, reforçando a dimensão interdisciplinar da proposta.

Política pública

Os dados coletados trazem à tona uma epidemia silenciosa de cárie e perda dentária entre pessoas em si-

tuação de rua em Campina Grande. As avaliações ocorreram em locais como o Centro Pop, unidades de acolhimento e espaços de convivência mapeados pelas equipes do Consultório na Rua, incluindo praças, feiras e áreas sob viadutos.

As equipes do programa municipal, apesar de multidisciplinares, não incluem cirurgiões-dentistas, uma lacuna que compromete o cuidado integral. “Infelizmente, a saúde bucal ainda não é vista como prioridade. Mas nosso levantamento mostra que não é possível falar em saúde integral sem considerar a boca”, afirma Alidianne.

Para os estudantes, a vivência no projeto tem sido transformadora. “Conhecer essa realidade me faz entender que a odontologia vai além da clínica privada. É um compromisso com a transformação social. Participar desse projeto é um divisor de águas na minha formação”, diz Isabelly.

A equipe agora se prepa-

ra para apresentar os resultados à Secretaria Municipal de Saúde e à Coordenação de Saúde Bucal de Campina Grande. A proposta é construir um itinerário terapêutico que assegure tratamentos básicos e especializados, como reabilitação protética.

“O direito à saúde inclui o direito ao cuidado odontológico. Sem dentes, essas pessoas não apenas sentem dor, elas enfrentam barreiras para se alimentar, sorrir e exercer plenamente sua cidadania”, conclui a professora Alidianne.

■ Programa oferece bolsas e estrutura para projetos que integram ensino, pesquisa e impacto social, com base no pensamento do economista Celso Furtado



O Governo do Estado da Paraíba tem participação direta na promoção e no ensino dos alunos nessas ações sociais

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Como podemos salvar o planeta?

Escola social do Gramame coloca em prática os comportamentos em suas ações dentro e fora do território

Emerson da Cunha
emerson.anniao@gmail.com

Parece uma corrida contra o tempo. Cada vez mais temos sentido na pele efeitos das mudanças climáticas, na forma de movimentos extremos, como grandes secas e intensas precipitações. Nossa produção de lixo continua grande e as ações dos seres humanos ameaçam outras espécies. Nesse cenário, pode surgir o sentimento de que, talvez, não haja mais tempo. Não é o que dizem os especialistas. Para eles, cada passo em direção à sustentabilidade no planeta vale a pena. Importa, aqui, a mudança de chave nas atitudes, a responsabilização das nossas escolhas e a busca por informações. Reunimos seis dicas fundamentais para salvar o planeta com base em opiniões e experiência de quem entende do assunto.

■ 1) Compre em brechós, pequenos empreendedores e lojas familiares: a aquisição de roupas em brechós contribui para a redução do consumo de recursos naturais e para a geração de resíduos sólidos. A indústria da moda é uma das mais poluentes do mundo, com altas emissões de gases de efeito estufa e pelo uso intensivo de recursos naturais, explica a engenheira ambiental Amanda Queiroga. “Ao optar por peças de segunda mão, prolonga-se o ciclo de vida útil dos produtos têxteis, reduzindo a demanda pela produção de novas peças”. Por outro lado, comprar de pequenos produtores fomenta emprego e renda na cidade, com maior circulação de bens e riquezas para a comunidade. “A roda da economia não vai



A roda não vai parar de girar, mas podemos colocá-la num sentido mais vantajoso para o coletivo

Lucia Figueiredo

parar de girar, mas podemos colocá-la num sentido mais vantajoso para o coletivo”, coloca a gestora ambiental Lucia Figueiredo.

■ 2) Recuse e reduza o uso de descartáveis (plástico de uso único): “O consumo excessivo de plásticos descartáveis representa um dos maiores desafios ambientais da atualidade, uma vez que a maioria desses produtos não é reciclada de forma efetiva e permanece no meio ambiente por séculos, inclusive na forma de microplásticos”, reflete Queiroga. Ao recusar canudos, copos, talheres e sacolas plásticas de uso único, contribui-se para redução da pressão sobre ecossistemas marinhos e terrestres. Uma dica pode ser adotar um copo retrátil ou garrafa reutilizável. “Esse hábito pode reduzir



O plástico é um dos maiores poluentes do meio ambiente, acumulando-se, sobretudo, nos oceanos

Vanda Sales

significativamente a quantidade de consumo de copos descartáveis, objetos que levam em média de 250 até 400 anos para se decompor”, expõe a animadora do grupo social e movimento religioso Laudato Si, Elizangela Leite. Na ida ao supermercado, é possível levar sacolas reutilizáveis. “O plástico é um dos maiores poluentes do meio ambiente, acumulando-se sobretudo, nos recursos hídricos, com fim nos oceanos”, lembra a pós-doutora em Geografia Vanda Sales.

■ 3) Engaje-se em ações de cuidado ambiental em sua cidade/bairro: “Mova-se em motivar outras pessoas a conhecerem a importância de melhor nos relacionarmos com a natureza e a diversidade de seres que a compõem e a tornam exuberan-

te” é o que defende Leite. Por sua vez, Lucia reforça que somos seres sociais. “Você pode ser parte de um coletivo para agir em prol da sustentabilidade, seja auxiliando pessoas em condições de vulnerabilidade; auxiliando na limpeza de cursos d’água e praias, denunciando o descaso do Poder Público com a ausência ou mau funcionamento dos sistemas de saneamento, reflorestando, salvando e cuidando de animais vítimas de tráfego ou violência”, indica.

■ 4) Compre de pequenos produtores locais e opte por produtos da agricultura familiar: a opção por produtos de agricultores familiares e empreendedores locais reduz emissões relacionadas ao transporte de longa distância (pegada de carbono) e fortalece a economia regional. “Além do impacto ambiental e social positivo, essa escolha valoriza práticas produtivas mais sustentáveis, muitas vezes associadas à agricultura familiar e local, que tende a empregar técnicas de menor impacto ambiental”, explana Amanda. Por sua vez, Sales lembra que se trata de recusar um modo de produção muitas vezes danoso ao próprio planeta. “Os produtos do agronegócio são resultantes de um modo de exploração da natureza que é predatório, com monoculturas e uso exacerbado de agrotóxicos, veneno para os seres vivos”.

■ 5) Separe o lixo em casa entre recicláveis (secos) e não recicláveis (úmidos) e, no supermercado, escolha embalagens com maior valorização na reciclagem: a separação dos resíduos na fonte é fundamental para viabilizar a coleta seletiva e

o encaminhamento correto para reciclagem. Resíduos secos (papel, plástico, vidro, metal) podem retornar à cadeia produtiva, reduzindo a extração de novos recursos naturais, enquanto resíduos orgânicos (úmidos) podem ser destinados a compostagem, gerando adubo e diminuindo emissão de metano nos aterros sanitários. “É importante para proteger o meio ambiente e também facilitar o trabalho do agente de limpeza ou catador de material reciclável”, propõe Leite. Queiroga lembra que escolher, no ato da compra, embalagens com maior capacidade de serem recicladas pode contribuir para a cadeia da reciclagem. Por exemplo, latas de alumínio possuem alto valor de mercado, elevada taxa de reciclagem e podem ser reaproveitadas inúmeras vezes sem perda de qualidade.

■ 6) Pare para conhecer o seu território e aproxime-se da natureza: é importante visitar espaços públicos, parques, jardins, áreas verdes, e conhecer a história que nos trouxe até aqui, segundo Figueiredo. “Analise as atividades econômicas base de sua cidade verificando seus impactos (positivos e negativos na qualidade de vida das pessoas). A gente não valoriza o que não conhece; e não muda o que ignora”, lembra a pesquisadora. Esse também pode ser um modo de se aproximar da natureza. “Isso diminui o estresse, perpetua sensações de paz de espírito e tranquilidade, e ajuda a semear comportamentos menos agressivos e violentos, necessários para uma necessária e urgente maturação de paz mundial”, coloca Sales.



Ao optar por peças de segunda mão, prolonga-se o ciclo de vida útil dos produtos têxteis, reduzindo a uma nova demanda

Amanda Queiroga



Adotar um copo pode reduzir a quantidade de descartáveis, objetos que levam até 400 anos para se decompor

Elizangela Leite

Coletivos organizados põem condutas em atividades

Quase meio hectare de muitas plantas e trilhas no Vale do Gramame guarda um projeto que atua com cerca de 130 crianças de seis a 17 anos sobre, entre outros temas, sustentabilidade e meio ambiente. Quem passa pela Escola Viva Olho do Tempo (Evot), no bairro do Gramame, impressiona-se com a quantidade de resíduos reutilizados, por exemplo, na confecção de vasos de plantas, e, por outro lado, com a ausência de lixo no chão do local.

O grupo é um exemplo de movimento que segue boa parte das dicas trazidas pelas especialistas acima. “A gente sempre tem o nosso copinho, reutiliza as garrafas, tanto PET como de vidro, para usar no dia a dia. Uma coisa que acontece muito entre as gestoras da escola é essa troca de peças de armário que não usam mais. A gente consegue fazer parte de todas essas dicas”, exemplifica Ivanildo Duarte, diretor de Meio Ambiente da Evot e coorde-



Projeto atua com cerca de 130 crianças e debate sobre sustentabilidade e meio ambiente

nador da campanha permanente O Rio Gramame Quer Viver em Águas.

Atualmente, além do trabalho com a qualidade da água e a relação do rio com o território, as nove comunidades que compõem o Vale do

Gramame, vêm enfrentando a especulação imobiliária local, que traz, com novas casas e prédios, os resíduos sólidos por eles produzidos. Para lidar com esse e outros problemas, o grupo tem focado em três ações específicas sobre a

relação com o rio Gramame: uma audiência pública na Assembleia Legislativa da Paraíba, no dia 3 de novembro, a fim de discutir as demandas do território sobre o curso d’água; a 8ª Mostra Artística Musical do Vale do Rio

Gramame, apresentação cultural organizada pela escola com as crianças, que ocorrerá em 12 de novembro no Theatro Santa Roza; e ainda a 24ª Ocupação O Rio Gramame é Luxo, Não é Lixo, uma caminhada de aproximadamente 2 km no território, no dia 14 de novembro, voltado para crianças e com recolhimento de resíduos ao longo do caminho.

Todas essas ações demonstram proatividade em fazer algo pelo planeta, atitude que Duarte indica que poderia servir como uma sétima dica de comportamento junto às seis apresentadas. “Essa questão de partir de você mesmo, não esperar que o outro venha e faça no seu lugar. Você fazer primeiro e as pessoas te verem como exemplo. Então isso também é algo que a gente faz aqui nesse território. A gente está sempre mobilizando pessoas, buscando formas de fazer juntos, essa coisa de pensar no coletivo. A gente tem isso também

como uma promoção do nosso fazer. A gente convoca as comunidades, as autoridades, cria os movimentos”, finaliza.



Uma coisa que acontece muito entre as gestoras da escola é essa troca de peças de armário que não usam mais

Ivanildo Duarte

PARAIBANO 2026

Clubes seguem montando elencos

Movimentação no mercado mostra que a competição da próxima temporada tende a ser mais atrativa

O volante Igor Maduro segue no Botafogo para o Estadual de 2026

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Atlético de Cajazeiras, Confiança, Sousa, Botafogo, Treze, Serra Branca, Campinense, Esporte de Patos, Pombal e Nacional de Patos são as equipes que disputarão o Campeonato Paraibano de 2026. O jornal **A União** traz para seu leitor uma atualização, até sexta-feira (24), pela manhã, de como estão os preparativos desses clubes para jogar na elite do futebol local. Muitos deles trabalham, neste momento, na montagem de elenco, com pré-temporada prevista para começar a partir de novembro.

O torneio estadual ocorrerá em 11 datas, conforme previsto pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no seu calendário nacional. A Federação Paraibana de Futebol (FPF) deve convocar, no início de novembro, os clubes para o Conselho Técnico que definirá o modelo de disputa, o qual não deve ser o mesmo de 2025. A limitação de datas inviabiliza um formato no qual as 10 equipes jogam a primeira fase em nove rodadas.

Pombal e Atlético de Cajazeiras, vice-campeão da Segunda Divisão, não confirmaram seus treinadores até o fechamento desta matéria. Em relação ao elenco, o Trovão Azul deve utilizar parte dos atletas que estiveram na Segunda Divisão. A pendência fica por conta da definição de quem dará continuidade ao trabalho para 2026.

Sousa

Atual campeão, o Dino terá o gaúcho Leandro Campos na sua área técnica, sendo ele o treinador mais experiente entre os nomes já confirmados no certame do próximo ano. O profissional de 61 anos tem a missão de ajudar o Dino a conquistar o tricampeonato. Até a última sexta-feira (24), o Sousa havia divulgado a contratação de oito atletas. Chegaram os zagueiros Pedro Costa, 23 anos, e Yan Carmo, 26 anos; os laterais Gilmar Lourenço, 32 anos, e Abraão Lincoln, 24 anos; os meia Lucas Zanatelli, 26 anos, e Tássio Paixão, 33 anos; e os atacantes Yan Philippe, 29 anos, e Aslen Kevin, 27 anos.

Botafogo

Fillipe Félix, investidor da Sociedade Anônima do Fu-

tebol (SAF) do Botafogo, prometeu que o clube terá folha salarial de R\$ 1,1 milhão, no Campeonato Paraibano. A equipe começa 2026 com o objetivo de voltar a vencer o torneio local, algo que não acontece desde 2019, para ter um segundo semestre menos turbulento. Os dirigentes da agremiação acreditam que a derrota na final do Estadual de 2025 afetou o rendimento do time na Série C posteriormente.

Com Rodrigo Pastana no comando da Diretoria de Futebol, Bernardo Franco foi anunciado como novo treinador. O profissional de 39 anos, natural de Curitiba (PR), terá a missão de comandar a equipe inicialmente no Campeonato Paraibano, na fase de grupos da Copa do Nordeste e na Copa do Brasil. Os resultados devem condicionar sua permanência para a Série C do Campeonato Brasileiro.

Em relação aos atletas, de certo para 2026, só a presença de alguns jogadores que vestiram a camisa alvinegra na atual temporada, já que têm contratos longos. Casos do goleiro Michael Fracaro, do lateral-direito Erick, dos volantes Igor Maduro e Thallyson, do meia-atacante Guilherme Santos e dos atacantes Rodrigo Alves e Riquelmo. Henrique Dourado, que esteve na Maravilha do Contorno nos últimos dois anos, pode estar também no próximo, é desejo do dono da SAF contar com o centroavante. Até o horário do fechamento da matéria nenhum novo nome foi anunciado.

Treze

O Galo da Borborema terá o pernambucano Roberto Fernandes, de 54 anos, como seu comandante, ele chega com o aval do novo presidente, João de Paiva. Com seu treinador definido, o Treze começou suas primeiras movimentações no mercado de transferências, tendo anunciado dois nomes: o lateral-esquerdo Bruno Ré, de 35 anos, e o meia Hugo Borges, de 27 anos.

Campinense

A Raposa, que terá Evaristo Piza como treinador, já anunciou 17 contratações para a temporada de 2026. Entre os nomes confirmados têm caras conhecidas do futebol da Paraíba. Casos do goleiro Wallace, de 29 anos, que esteve no Belo, neste ano; do centroavante Hélio Paraíba, de 33 anos, com passagens por Serra Branca e o CSP, por exemplo; bem como o atacante Joãozinho, de 32 anos, que, em 2024, atuou pelo Botafogo em 22 partidas, tendo marcado sete gols.

Serra Branca

Entre os clubes que estarão no Campeonato Paraibano, o Carcará foi quem mais contratou. A equipe, que será comandada por Roberto Maschio, de 31 anos, confirmou a chegada de 20 jogadores. Entre os novos contratados, têm dois campeões do estadual de 2025, casos do goleiro Bruno Fuso, de 37 anos, e do atacante Ian Augusto, de 29 anos. O plantel do Serra Branca contará também com os experientes Marcelo Toscano, centroavante de 40 anos, e Victor Ferraz, lateral-direito de 37 anos.

Nacional de Patos

Além do técnico Felipe Soares, de 31 anos, o Naça já anunciou a contratação de 10 jogadores para 2026. São destaques o volante Walfrido, 31 anos, com passagens por Fortaleza, ABC e Portuguesa-SP; os meias Dos Santos, 27 anos, e Vitinho, 24 anos; e o goleiro Gustavo Elias, 24 anos, que vem do Botafogo-SP. Além disso, tem também Rogério, ou Neymar do Nordeste, como é folcloricamente conhecido o experiente atleta de 35 anos. Ele volta ao Verdão após curta passagem pela equipe do Sertão na atual temporada, em que balançou as redes três vezes em quatro jogos do Estadual, conquistando o carinho da torcida.

Esporte de Patos

Na última quinta-feira (23), o Terror do Sertão fez sua primeira movimentação oficial visando o Campeonato Paraibano 2026. A equipe anunciou Alexandre Lima, de 54 anos, como seu novo comandante. O treinador acumula passagens por clubes como Salgueiro-PE, Afogados-PE, Porto de Caruaru-PE, Guarany de Sobral-CE, Guarani de Juazeiro-CE, entre outros. Com ampla experiência no futebol nordestino, ele chega para liderar o clube nos desafios da elite estadual.

Confiança

O Papão vive a expectativa de usar grande parte do elenco campeão da Segunda Divisão de 2025 na Primeira Divisão de 2026. O paraibano César Wellington, de 54 anos, seguirá à frente da equipe. O técnico, natural de Santa Rita, é o único profissional do estado, até este momento, confirmado na próxima edição do Campeonato Paraibano.

O goleiro Bruno Fuso, ex-Sousa, é um dos reforços do Serra Branca



Foto: João Neto/Botafogo

Rogério, o Neymar do Nordeste, é uma das apostas do Nacional



Foto: Eder Souza/Nacional



Foto: Ágatha Luelma/Sousa EC

O atacante Riquelmo fez boa temporada e segue no Botafogo



Foto: João Neto/Botafogo



MEIA MARATONA

Mais de oito mil atletas estão inscritos

Capital paraibana receberá novo grande evento de pedestrianismo com três modalidades de competição

A capital paraibana prepara-se para receber a sexta edição da Meia Maratona de João Pessoa, que acontece no dia 16 de novembro, com largada no Largo da Gameleira, um espaço que combina beleza natural, localização estratégica e relevância histórica. Consolidado como um dos eventos de corrida mais importantes do país, a competição já conta com mais de oito mil inscritos. O trajeto da prova passa pelas praias de Tambaú, Manaíra, Bessa e Intermares e, por ter um percurso 100% plano, a prova leva o título de meia maratona mais rápida do Brasil. O evento terá três modalidades de competição: 5 km, 10 km e 21,097 km, e corredores de todo país podem fazer suas inscrições no site www.meiamaratonadejoapessoa.com.br.

■
O trajeto da prova passa pelas praias de Tambaú, Manaíra, Bessa e Intermares, com percurso plano

A prova com percurso de 5 km, pode ser disputada pelas pessoas que tenham idade mínima de 14 anos completos até 31 de dezembro de 2025; a de 10 km por aqueles que tenham, no mínimo,



Organizadores esperam repetir o sucesso da edição passada que, mais uma vez, será realizado no Largo da Gameleira e terá percursos de 5 km, 10 km e 21 km

16 anos completos até 31 de dezembro de 2025; Já a de 21,097 km só pode ser disputada pelo público maior de idade (que tenha no mínimo 18 anos completos até 31 de dezembro de 2025). “A Meia Maratona de João Pessoa já faz parte do calen-

dário esportivo da cidade, recebendo muitos competidores de fora, o que movimenta positivamente toda a cadeia turística, impulsionando a economia, além de proporcionar uma experiência inesquecível para todos os envolvidos,” afirma Olié Martins, organiza-

dor do evento. A Meia Maratona de João Pessoa é uma realização da RUN e conta com patrocínio da Tely, Alliance, São Braz e Colégio Lourdinias. **ExpoRUN 2025** Neste ano acontecerá a quinta edição da ExpoRUN,

que reunirá estandes dos patrocinadores e lojas do segmento esportivo. O evento será realizado no Largo da Gameleira e acontecerá nos dias 13, 14 e 15 de novembro, junto com a retirada dos kits (que será divulgada em breve).

Projeto KM Musical Para abrilhantar o evento, o Projeto KM Musical transforma a capital paraibana em palco para arte e a cultura nos dias do evento. Esta edição acontecerá entre os dias 13 e 16 de novembro, no Largo da Gameleira.

FÓRMULA 1

Corrida no México promete novas emoções na briga pelo título

A Fórmula 1 chega à Cidade do México para a 20ª etapa do Mundial de Pilotos 2025, com a disputa pelo título totalmente aberta entre Oscar Piastri, Lando Norris e Max Verstappen. A corrida começa às 17h (horário de Brasília), com transmissão da Band. Após um GP dos Estados Unidos movimentado, a McLaren segue com sua dupla na liderança de pilotos, mas com uma ameaça cada vez mais viva. Oscar Piastri, após uma passagem apagada por Austin, está com 346 pontos, contra 332 de Lando Norris. Mas Max Verstappen vem se aproximando rapidamente, com o tetracampeão chegando a 306, com cinco etapas ainda em jogo na temporada. Em quarto, George Russell tem 252, enquanto Charles Leclerc fecha o top 5 com 192. Já o brasileiro Gabriel Bortoleto caiu para 19º, mantendo os 18 pontos conquistados. No Mundial de Construtores, a McLaren já é a campeã com 678, enquanto a briga pelo vice está quente. A Mercedes é a segunda com 341, contra 334 da Ferrari e 331 da Red Bull. Como de costume, o clima na altitude do Autódromo Hermanos Rodríguez pode desempenhar papel importante neste domingo. De acordo com a previsão meteorológica, o clima

tende a permanecer seco e ensolarado, também com 25 °C de temperatura média e também 20% de possibilidade de chuva. Com o atual equilíbrio entre McLaren e Red Bull Racing e a imprevisibilidade típica do circuito mexicano, conhecido por sua longa reta de 1,2 km e pelo ar rarefeito que desafia os motores, até pequenas variações no clima podem fazer diferença no resultado da corrida. O chefe da Red Bull, Laurent Mekies, opinou que o time de Woking não está mais tão forte quanto antes, o que pode favorecer o quinto título do holandês. Em entrevista ao *site* GPblog, Mekies disse que o time de Woking “não tem mais a vantagem que tinha na primeira parte da temporada”. Com 678 pontos, a McLaren venceu 12 das 19 etapas disputadas até aqui, garantindo o título em Singapura, com seis rodadas de antecedência. “Em termos de desempenho relativo, eles não têm mais a vantagem que tinham na primeira parte da temporada em relação a nós”, continuou. “Mesmo em Spa, quando vencemos a sprint, ainda éramos cerca de meio segundo mais lentos que eles por volta. E mesmo em Zandvoort, depois da pausa, ainda éramos provavelmente meio segundo mais lentos por volta”.



Verstappen cumprimenta Laurent Mekies, chefe da Red Bull, após a vitória nos EUA

A prova na Holanda, retorno da pausa de meio de ano, foi a última etapa vencida por uma McLaren, com vitória de Piastri. Na ocasião, o australiano conseguiu abrir uma vantagem de 104 pontos em relação ao tetracampeão, que agora é de apenas 40. “Agora isso [a vantagem da McLaren] acabou, e estamos em uma situação em que, ao chegar a um fim de semana de corrida, há três ou quatro equipes que podem brigar pela vitória. Se elas conseguirem extrair tudo do carro, podem entregar um bom resultado nesta pista”, disse. O chefe da Red Bull acredita que, nesta altura do campeonato, não há favoritos, com George Russell, da Mercedes, também tendo vencido em duas ocasiões neste ano, no Canadá e em Singapura. ■
Laurent Mekies, chefe da equipe Red Bull, acredita que não existe favorito para a corrida deste domingo

LÉO ORTIZ

Zagueiro sonha com a Glória Eterna

Das fitas do pai à bênção de Zico, conheça a trajetória do jogador, que iniciou no futsal antes de chegar ao campo

No início dos anos 2000, em Porto Alegre, Léo Ortiz, um dos grandes jogadores de futsal do país, aproveitava os finais de semana para curtir a sua família. Principalmente, seu filho, Léo, com quem assistia fitas de seus próprios jogos e para quem contava histórias da bola.

“Eu já peguei mais para o final da carreira dele, então não tenho uma lembrança muito grande da parte da quadra mesmo, mas me lembro muito do dia a dia”, contou Léo Ortiz à Fifa. “[Lembro] de acompanhar os treinos, estar no vestiário com outros jogadores, vivenciando”.

Cultivada desde cedo, a paixão foi crescendo junto com Léo, que com o passar dos anos, foi das quadras aos gramados para se tornar um dos principais zagueiros do futebol brasileiro. Atualmente, é Ortiz quem assiste aos jogos e vídeos de seu filho, que representa uma potência do futebol sul-americano: o Flamengo.

Jogando ao lado de ídolos rubro-negros que já conquistaram a Glória Eterna, como é chamada a Libertadores, Ortiz não esconde a curiosidade e a ambição de ser, também, campeão continental.

“Eu sou um cara até bem curioso sobre esses momentos, de finais, histórias, acompanhei muito, principalmente de 2019 e 2022 [anos de conquistas do Flamengo], então lembro muito dos jogos”, confessou Ortiz. “Sempre em algum momento que tenho, tanto com o Arrasca, quanto com outros, o Bruno [Henrique], o Léo e o Pedro, pergunto como foi, como era o ambiente, como foi o jogo. É uma coisa que eu não tive o prazer de viver ainda”.

“É realmente um momento especial e espero que eu possa ter esse privilégio que eles tiveram e que eles possam conquistar a segunda, alguns a terceira, junto comigo”.

Além de ser campeão sul-americano, a conquista da Libertadores classificaria o Flamengo, ao mesmo tempo, para a disputa da Copa Intercontinental da Fifa 2025 e para o Mundial de Clubes da Fifa



Foto: Adriano Fontes/Flamengo

O zagueiro Léo Ortiz durante jogo pela Copa Libertadores, contra o Internacional

2029. Após viver a experiência da primeira edição do formato inaugural do Mundial, Léo quer muito voltar a disputar um torneio dessa magnitude.

“Esse primeiro Mundial de Clubes foi algo surreal. Não só a atmosfera que foi, mas toda a organização, poder disputar com adversários de outros continentes, outras culturas, outras maneiras de jogar. Foi realmente algo muito incrível de viver como jogador”, lembrou.

Um título continental ainda consolidaria de vez Léo Ortiz como uma das grandes figuras da atual geração rubro-negra. Apesar de estar há pouco mais de um ano no gigante do Rio de Janeiro, o zagueiro conquistou rapidamente o carinho da maior torcida do Brasil.

“É diferente, é diferente [jogar no Flamengo]. Desde o momento que eu pisei aqui, eu realmente senti uma coisa diferente, em relação à grande-

za, que eu só senti parecido na Seleção Brasileira. Você chega em qualquer lugar do mundo e sabe que vai ter alguém lá te esperando, algum flamenguista para tirar uma foto, assinar uma camisa. Em todos os lugares que fui com o Flamengo até hoje, seja no Mundial, na Libertadores, na Copa do Brasil, em qualquer estado do Brasil, é uma loucura. Uma nação, realmente”.

O carinho dos torcedores flamenguistas é tão grande que, por conta de seu jogo técnico, com passes que quebram linhas e iniciam as jogadas, Ortiz ganhou o apelido de “Camisa 10 da zaga”, uma brincadeira com uma das alcunhas recebidas pelo lendário Zico durante sua carreira: “Camisa 10 da Gávea”.

Como se essa honra não fosse grande o bastante, ele recebeu do próprio Zico a bênção para ser conhecido assim.

“É sempre bom apreciar, a gente que gosta do futebol,

jogadores como você (Ortiz), que tem amor pela bola, que trata ela bem. Ela gosta de ser bem tratada e é bom a gente ver isso em jogador do futebol de hoje”, disse Zico para o zagueiro, durante encontro organizado pelo Flamengo.

“É muito louco”, destacou um lisonjeado Ortiz. “Para mim, foi a coisa mais especial que aconteceu dentro do Flamengo. Nunca passou pela minha cabeça receber um elogio e um apadrinhamento, um carinho, do maior jogador da história do clube, que é o Zico”.

“A gente sabe que são pessoas especiais que estão na história desse clube, então poder estar colocando um pouquinho de Léo Ortiz na história do Flamengo está sendo algo incrível”.

A admiração do Galinho de Quintino não é por acaso. Um dos melhores de sua posição no continente, Léo Ortiz recebeu algumas convocações para a Seleção Brasileira nos últimos anos. No auge de sua carreira, o zagueiro do Flamengo também se permite sonhar com a Copa do Mundo da Fifa 2026.

Ele esteve na primeira lista do técnico Carlo Ancelotti e vive a expectativa por novas oportunidades de convencer o italiano de que está pronto para defender o Brasil no torneio do Canadá, Estados Unidos e México ano que vem.

“Eu me preparei de todas as formas possíveis, me preparo todos os dias pensando em cada detalhe, não só técnico, não só tático, mas físico também. A gente não pode colocar limites em nosso crescimento, e é isso que eu venho buscando todos os dias. Ter a oportunidade de disputar uma Copa do Mundo com o Brasil é uma coisa para qual eu me preparo muito”.

“Acho que a maior conquista da carreira é poder representar a camisa da Seleção Brasileira numa Copa do Mundo, e se Deus quiser poder sair de lá com título também”.

Pedro
Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Descumpra-se

O Botafogo-PB já tem o seu novo comandante técnico. Mais um que vai ter grandes responsabilidades sobre o futuro do Belo, que persegue um acesso para a Série B seguidamente desde 2014 e que não sabe o que é erguer a taça do Campeonato Paraibano de 2020 até aqui. O nome é jovem. Em todos os aspectos. Com 39 anos, Bernardo Franco é o novo treinador botafoguense. Cumpra-se. Vai figurar pela primeira vez no futebol do Nordeste. O Bota será apenas o terceiro time da sua carreira de técnico do time principal de um clube.

Uma escolha legítima, diga-se. Mas que não atende o perfil de treinador difundido em algumas entrevistas, uma delas, na Rádio Tabajara, emissora da EPC, pelo dono da SAF do clube, Fillipe Félix. No papo, em que esteve presente ao lado do grandioso Jorge Blau e dos amigos Fábio Hermano e Iago Sarinho, o atual dono do Botafogo-PB desenhou com palavras sempre empolgadas quem queria para assumir o comando técnico do Belo.

O perfil dito por Félix na Tabajara, em outras entrevistas e em suas constantes aparições nas suas redes sociais era o de alguém experiente e com histórico de acesso. Um perfil que, por óbvio, agradou o torcedor de um time que persegue justamente ascender de divisão no cenário nacional. Com aquela silhueta descrita, Félix conseguiu tranquilizar um pouco o torcedor machucado pelos últimos anos, em virtude de fracassos na boca do acesso para a Série B e com perdas de títulos do estadual, duas delas seguidas, em casa, para o Sousa.

A promessa, no entanto, novamente, não foi cumprida. No mesmo modelo do “time grande não vende mando de campo” — e vendeu! —, Félix contratou outro perfil de técnico. Saiu do perfil “cascudo” para o perfil, no linguajar que aplicamos a jogadores, “jovem promessa”. Descumpra-se.

Uma delineação de currículo que, honestamente, entendo que tem seu valor. Não venho aqui para defender que o perfil outrora ventilado seja necessariamente melhor do que o optado. Afinal, se assim pensasse, eu seria eternamente contra o movimento inexorável, em qualquer aspecto da existência, que é o da renovação, e eu não entro em campo com essa camisa, seja nas quatro linhas ou nas tantas linhas de uma coluna.

A análise é sobre os discursos, as promessas vazias, solenemente descumpridas. Mais uma, é bom lembrar. Bernardo Franco chega como escolha e convicção de Rodrigo Pastana, novo executivo de futebol alvinegro. Segundo o próprio Pastana, ele teve que convencer Félix que era essa a escolha melhor para o clube. Félix foi então convencido. E confiou no seu executivo. Até aí, processos que me agradam. Penso que é mesmo um executivo experiente da bola, diante de um investidor que se aventura ainda no futebol, que tem que dar as cartas mesmo. E pelas jogadas e resultados será cobrado.

A questão, creio que já entendeu o leitor, não é sobre a opção. É sobre as narrativas. Foi prometida uma coisa e entregue outra. Isso tem decorrências no futebol bastante singulares. O torcedor botafoguense morgou com o nome, em grande medida. Por conta, sobretudo, de mais uma quebra de “combinado”. Bernardo Franco vai assumir um Belo com sua torcida desconfiada acerca do seu nome. A paciência vai ser menor em oscilações. Assim, claro, como a alegria e a adoração serão pirotécnicas como sempre com bons resultados no estadual, uma caminhada tranquila e clássicos vencidos.

Com mais de 80 mil seguidores no Instagram e aparentemente sendo um real influencer no ramo do empreendedorismo brasileiro, Fillipe Félix ainda não conseguiu o abraço genuíno de grande parte da torcida e gerar credibilidade enquanto dirigente de futebol para seus “clientes”. Muito por falar demais. Muito por prometer o que não entrega, pelo menos até aqui. O SAC de um time dá muito mais trabalho.



Foto: Reprodução/Instagram @leortiz33

Léo Ortiz já foi convocado por Ancelotti e espera por uma nova oportunidade na Seleção

BRASILEIRÃO

Rodada tem mais quatro jogos hoje

Destaque para o confronto da parte de cima da tabela entre Palmeiras e Cruzeiro, às 20h30, no Allianz Parque

Da Redação

O domingo de Brasileirão reserva uma grande partida para os amantes do futebol. Nesta noite, dois dos três primeiros colocados se enfrentam na luta pelo título brasileiro. Palmeiras e Cruzeiro jogam no Allianz Parque, às 20h30, com transmissão do Sportv e Premiere. Ainda terão, hoje, três partidas que completam a 30ª rodada: no Nilton Santos, às 16h, tem Botafogo e Santos (Globo); na Arena do Grêmio, também às 16h, o Tricolor Gaúcho recebe o Juventude (Premiere); e no Cícero de Souza Marques, às 18h30, jogam Bragantino e Vasco (Premiere).

Palmeiras e Cruzeiro jogarão no Allianz Parque para um público acima dos 38 mil. Os ingressos para a partida de hoje se esgotaram na quarta-feira (22). No confronto, haverá setores com visibilidade parcial em função da estrutura de um palco montado atrás de um dos gols.

O time alviverde pode entrar sem alguns titulares desde o início da partida, já que Abel Ferreira pode priorizar o jogo de volta da semifinal da Libertadores, na próxima quinta-feira (30), contra a LDU, do Equador. Na ida, a equipe estrangeira venceu por 3 a 0, agora, a equipe do técnico português precisa vencer por, pelo menos, o mesmo placar, forçando as penalidades. Apesar do cenário complicado, o Brasileirão não pode ser deixado de lado, uma vez que o clube briga intensamente pelo título, principalmente contra o Flamengo.

Se o time paulista tem dúvidas quanto aos 11 atletas que devem iniciar o decisivo duelo da Série A, o Cruzeiro terá retornos importantes. Estarão de volta o goleiro Cássio, depois de um protocolo de concussão, o lateral Kaiki e o atacante Kaio Jorge, titulares absolutos e que estavam suspensos na rodada anterior.

O confronto entre as agremiações de Minas e São Paulo é marcado por grande equilíbrio. As duas equipes estiveram frente a frente 97 vezes, considerando todas as competições. O retrospecto registra 34 vitórias do Cruzeiro, 29 empates e 34 triunfos do Palmeiras. Com os paulistas de mandante, cenário de hoje, foram disputados 51 jogos, com 12 vitórias da Raposa, 14 empates e 25 triunfos do Alviverde.

Botafogo x Santos

O Alvinegro Praiano inicia, hoje, uma dura missão na luta contra o rebaixamento. Restando 10 partidas do Brasileirão, o Santos terá seis compromissos com os cinco primeiros colocados, além de duras visitas contra Internacional e Juventude. Os dois jogos em tese mais ‘fáceis’ seriam na Vila Belmiro, contra dois integrantes da zona de rebaixamento: o Fortaleza (de quem perdeu em casa e caiu em 2023) e o Sport.

O caminho espinhoso



Foto: Gustavo Aleixo/Cruzeiro

O Cruzeiro ainda está na briga pelo título brasileiro e vai encarar o Palmeiras, fora de casa, depois de ter vencido o Fortaleza, no Mineirão, por 1 a 0

começa hoje com uma visita indigesta ao atual campeão Botafogo, que busca vaga no G4. Depois, o time encara o Fortaleza, do qual bastava ganhar na rodada final de 2023 para se manter na elite e acabou frustrando a Vila Belmiro com derrota e uma sofrida queda. Será mais um compromisso direto antes de encarar os melhores times da atualidade.

Em seguida, serão dois jogos com o líder Palmeiras, um adiado do primeiro turno, com ida ao Rio para encarar o Flamengo entre eles, e depois tendo no caminho o surpreendente e bem armado Mirassol. Alívio após esses jogos? Nada disso.

Depois da série insana, o Santos ainda visita o Internacional, em crescimento com Ramón Díaz. Sport e Juventude seriam mais dois duelos diretos contra a degola até a despedida frente ao Cruzeiro, que pode chegar brigando pelo título. O Peixe vem de uma amarga derrota para o Vitória na última rodada, dentro da Vila Belmiro.

Do lado dos cariocas, a luta é pela vaga direta na Li-

bertadores de 2026. Com 46 pontos, o Botafogo precisa dos três pontos para não deixar o G4 se desgarrar. Para sair vitorioso contra o Santos, Davide Ancelotti terá retornos importantes. Alexander Barboza e Marlon Freitas, que cumpriram suspensão automática na vitória por 2 a 0 sobre o Ceará, no Castelão, estarão à disposição para encarar os paulistas.

Além disso, Alex Telles, Danilo e Savarino treinaram durante a semana e devem ser opções para o treinador italiano. O lateral esteve fora por dores no joelho esquerdo. Já o volante, por causa de uma lesão muscular na coxa esquerda. E o meia-atacante venezuelano, por dores musculares.

Botafogo e Santos disputaram 102 jogos, considerando todas as competições. O retrospecto contabiliza 31 vitórias do time carioca, 31 empates e 40 triunfos do time paulista.

No Rio de Janeiro, foram disputados 50 jogos, com 22 vitórias da equipe local, 11 empates e 17 triunfos da agremiação do litoral de São Paulo.



Foto: Vitor Silva/Botafogo

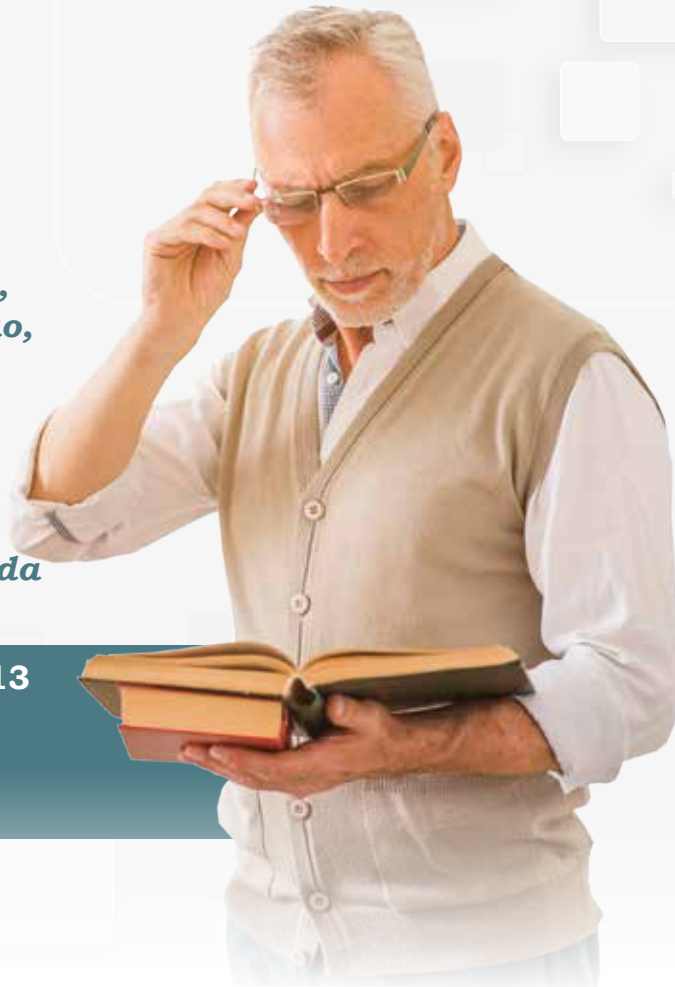
Depois de vencer o Ceará, o Fogão pega o Santos, hoje

DIA DO PROFESSOR NA LIVRARIA A UNIÃO

PARA GRANDES MESTRES, GRANDES HISTÓRIAS!

No mês de outubro, na Livraria A União, professoras e professores das redes pública e privada terão 10% de desconto na compra de títulos da Editora A União.

Visite-nos no Box 13 do Espaço Cultural José Lins do Rego. João Pessoa - PB



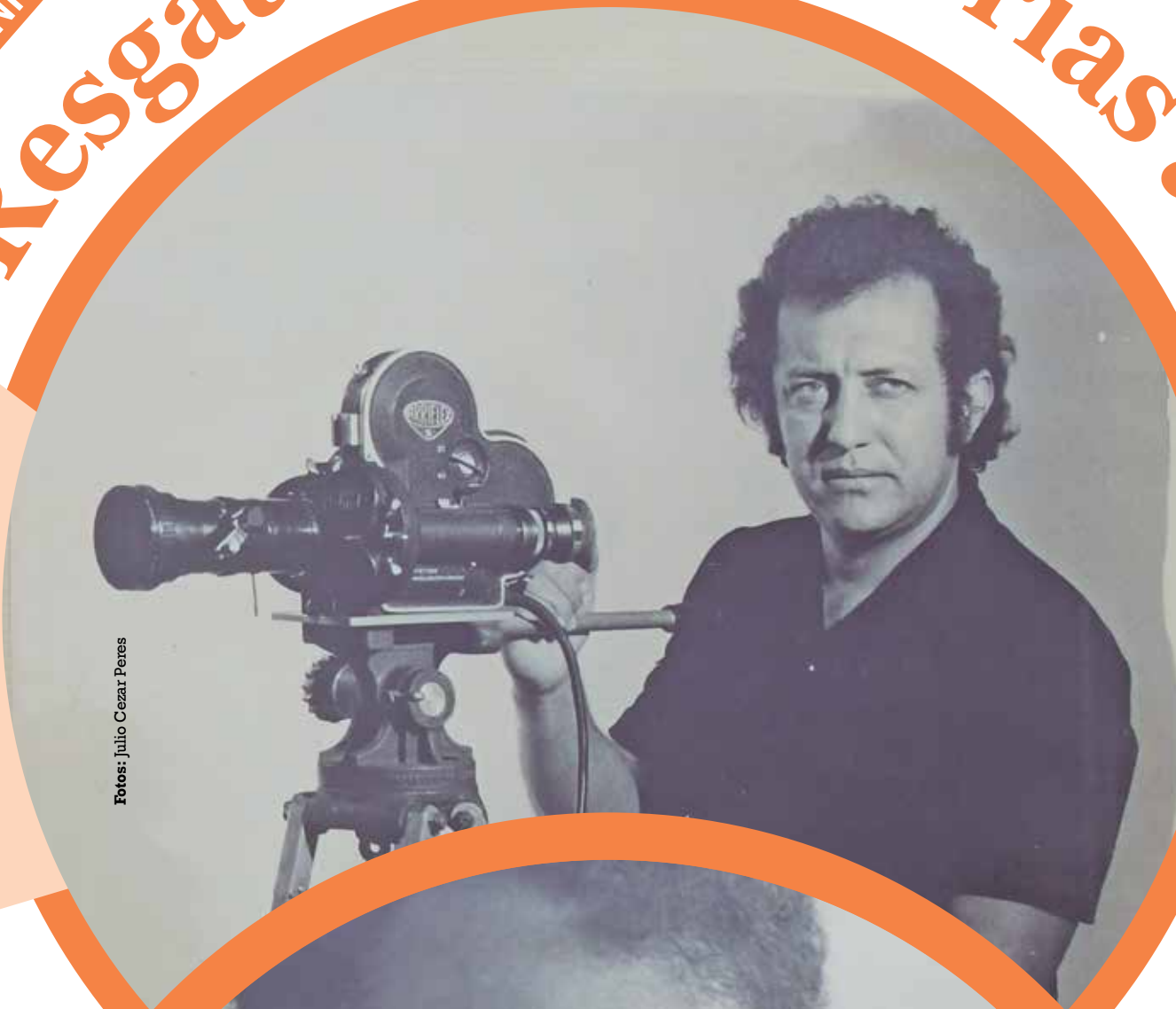
(83) 99604-0011 @livrariaaunião



PATRIMÔNIO

Resgate das memórias audiovisuais

Universidade Estadual da Paraíba procura apoio e parcerias para a preservação do acervo de Machado Bittencourt



Fotos: Julio Cezar Peres

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Os arquivos audiovisuais contam parte da história e da cultura contemporâneas por meio de uma linguagem, que tem se tornado cada vez mais popular com a ampliação do acesso à internet e às redes sociais. Para estimular a salvaguarda e a preservação dessa memória coletiva, que também é fonte de conhecimento, a Unesco adotou o dia 27 de outubro como Dia Mundial do Patrimônio Audiovisual. Na Paraíba, a data ajuda a reforçar a necessidade de medidas urgentes para preservar acervos, como o do cineasta Machado Bittencourt, considerado um dos precursores do cinema em Campina Grande.

O acervo de Bittencourt, composto por cerca 30 rolos em películas (super-8, 35 mm e 16 mm), um antigo projetor, fotografias, livros, revistas e maquinários, foi repassado à Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) pela viúva do cineasta, Célia Bittencourt, que mantém a propriedade do material. “A gente detém a guarda, mas sem saber exatamente o conteúdo e a condição de visibilidade desse material. Para isso, é preciso aparelhos para telecinagem, fazendo a projeção, que será gravada e, então, digitalizada”, explica o jornalista Hipólito Lucena, coordenador de Comunicação da UEPB, setor responsável pelos arquivos.

Por isso, ainda não existe uma catalogação mais precisa do material. Alguns dos poucos rolos do acervo que foram digitalizados devem-se a iniciativas de estudiosos e produtores, que buscaram o material como fonte de pesquisa. Lucena conta que a preocupação inicial quando o material foi transferido era fazer sua higienização, para disponibilizá-lo, mas alega que muitos itens já se encontravam em estado de conservação bastante comprometido. Aos poucos, os registros fotográficos têm sido digitalizados. Os equipamentos como moviola, gravador de áudio e projetor, no entanto, precisam passar por uma criteriosa avaliação e reparos.

“O acervo está disponível quando alguém procura para fazer pesquisas ou uso, mediante agendamento. A gente sempre recebe alunos do Curso de Cinema da Universidade Federal da Paraíba (UEPB). No ano passado, nós cedemos uns três rolos de filmes para um projeto de Fabiano Raposo, que discute, justamente, a necessidade da preservação dessa memória cinematográfica. Esse trabalho deu origem a um curta-metragem documental chamado *Ninguém (Mais) Verá*”, relata o jornalista.

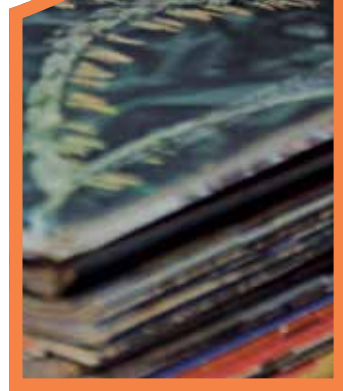
Os projetos e ações para manter, preservar e tornar visível esse patrimônio têm procurado apoio e parcerias junto a outras instituições e fundações, inclusive por meio de editais de leis de incentivo. Questões técnicas e jurídicas, como o fato do acervo não pertencer à universidade, acabam tornando-se, segundo Hipólito Lucena, um complicador para a aprovação de muitos dos projetos apresentados. O sonho de ver o material preservado, no entanto, não se desfaz.

“Estamos vivendo um momento de afirmação de uma rede paraibana de museus, e seria importante pensar num museu da imagem do som. É superimportante para não perdemos esses acervos videográficos e cinematográficos já feitos, que estão aí, isolados, e para que pudéssemos ter acesso a esse material de preservação da memória e da identidade do povo paraibano”, defende Hipólito Lucena, que está à frente de festivais audiovisuais como o Comunicurtas UEPB.



Sob guarda da UEPB, coleção de Bittencourt é composta por cerca de 30 rolos em películas (super-8, 35 mm e 16 mm), um antigo projetor, fotografias, livros, revistas e maquinários

A preocupação com a conservação e restauro do acervo de Machado Bittencourt é compartilhada por Rômulo Azevedo, produtor, diretor de cinema e televisão e também professor do curso de Jornalismo da UEPB. Chamado para avaliar o material quando ainda estava armazenado numa das salas d o



Centro Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa, ele relata que, naquela época, mais de 10 anos atrás, muitos filmes já estavam se decompondo. Depois da transferência para Campina Grande, o docente avalia que muito pouco tem sido feito para garantir sua preservação e recuperação.

“O acervo de Machado é fundamental, porque trata das coisas do Nordeste, particularmente aqui da Paraíba. São muitos documentários, muitas imagens, por exemplo, sobre Frei Damião, nas passagens dele pela Paraíba. E tem ainda os cinejor-

nais em 35mm, que eram exibidos, semanalmente, nos cinemas da Paraíba, tanto em Campina Grande como em João Pessoa, no fim da década de 1970 e princípio dos anos 1980. Foi ele quem fez o primeiro filme em cinemascope, que é aquele formato que usa a tela toda, em 1966. Um filme chamado *A Feira*, que é um docudrama — documentário misturado com drama”, ressalta o diretor.

O olhar do professor Rômulo Azevedo expande-se para a preservação de outros acervos de cinegrafistas do passado, como o de Odilon Felisberto da Silva, mais conhecido pelo nome dado à sua produtora de vídeos, Odicine, assim como de Zé Cacho, fotógrafo que filmava em 16mm os desfiles de 7 de Setembro e demais acontecimentos sociais da Rainha da Borborema. Como muitos familiares não possuem condições de manter os materiais, o destino acaba sendo incerto, com grande risco de que todos esses registros percam-se para sempre.

“Precisamos fazer uma operação de salvamento, porque se você deixar uma película dentro da lata por 10 anos, quando abrir o filme vai está todo deteriorado. É preciso recopiar, fazer remasterização e uma série de coisas que não foram feitas com esses arquivos. Vamos preservar, recuperar, restaurar esses acervos. Quem vai ganhar com isso é o estado da Paraíba, o Brasil e o mundo”, conclama Rômulo Azevedo, que sugere a união de esforços entre órgãos de Cultura estadual e municipal, assim como de membros do Poder Legislativo para, por meio de emendas parlamentares, agir rapidamente, enquanto é possível.

Sobre Bittencourt

Juremi Machado Bittencourt Pereira era piauiense, mas radicou-se na Paraíba quando tinha ainda 18 anos. Identificou-se com Campina Grande, seu povo e sua história, onde construiu laços afetivos e trabalhou como cineasta, fotógrafo, escritor, historiador, memorialista, jornalista e professor de cinema. Na cidade, trabalhou na sucursal do *Correio da Paraíba* e também na *TV Borborema*, ao mesmo tempo em que prestava serviços como cinegrafista *freelancer*, função que também exerceu em João Pessoa.

Bittencourt produziu cerca de 200 filmes, entre documentários, ficções, reportagens cinematográficas, comerciais e propagandas políticas. A improvisação era uma de suas marcas, filiando-se esteticamente ao pensamento glaubermaniano que forjou o movimento do Cinema Novo. Por ocasião das comemorações pelo quarto centenário da Paraíba, em 1985, produziu *Parahyba*, filme que recebeu vários prêmios. Foi também um dos fundadores da Fundação Nordestina de Cinema (Funcine), extinta no governo Collor juntamente com a Empresa Brasileira de Filmes (Embrafilme).

No fotojornalismo, foi o responsável pelas primeiras imagens do Massacre das Ligas Camponesas em Sapé, durante a Ditadura Militar. Com sensibilidade artística, teve seus trabalhos fotográficos publicados em revistas como *Foto-Arte*, *Modem Photography*, *Iris* e *Photo*, dentre outras. Na imprensa, Bittencourt trabalhou para revistas como *Veja* e *Manchete*, e foi repórter fotográfico dos jornais paraibanos *A União*, *O Norte*, *Jornal da Paraíba* e *O Momento*. Machado Bittencourt morreu aos 56 anos, no dia 27 de abril de 1999.

Hildebrando de Assis

Paraibano era o “advogado das causas artísticas”

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Hildebrando de Assis nasceu em 7 de junho de 1920, no município paraibano de São José de Piranha, antigo Jatobá. O filho do casal José Gonçalves de Assis e Maria José Silveira de Assis estudou no Instituto São Luiz e no Colégio Padre Rolim, em Cajazeiras, no Sertão do estado, e nos colégios Cearense e Castelo Branco, em Fortaleza, Ceará. Ainda adolescente, foi levado para a capital pernambucana, onde cursou o ginásio, e depois o curso superior na Faculdade de Direito do Recife.

O moço inquieto e perspicaz entre os amigos transformou-se no homem pragmático que tomava as rédeas de seus sonhos e trabalhava para que eles se tornassem realidade. De volta a Cajazeiras, exerceu a advocacia atendendo sertanejos da região, mas não demorou muito para se envolver com a política local. Primeiro, na função de prefeito, quando ainda tinha 25 anos; depois, como parlamentar. A vocação contrariava as apostas do tio, Tota Assis, que acreditava que o sobrinho jamais se submeteria aos melindres da política interiorana. “Era um sujeito teimoso e acreditava que a sociedade poderia ser melhor com a existência de políticas públicas. Foi com esse intuito de buscar o melhor para a comunidade na qual estava inserido, no caso a cidade de

Cajazeiras, que ele resolveu ingressar de vez na vida pública e, para o bem e alegria dos contemporâneos, conseguiu se eleger na primeira legislatura. Esse fato ocorreu após a Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) ter ficado inativa por quase 10 anos, ação que fora imposta pelo regime ditatorial do Estado Novo”, escreveu Gutemberg Cardoso, advogado e jornalista responsável pelo perfil biográfico de Hildebrando de Assis para o livro dos Patronos e Patronesses da Academia Cajazeirense de Artes e Letras (Acal).

Apesar de estar no meio político, Hildebrando considerava a política partidária como o flagelo do Brasil, e a democracia plena, uma utopia. “Tinha a opinião de que os pobres eram mal assistidos na área de saúde no seu país. Isso nos faz inferir que o jovem, apesar de ter nascido em berço de ouro, trazia em sua alma o desejo de agregar pessoas e valores, independentemente da posição social que ocupam”, depreende o biógrafo.

O olhar diferenciado para a arte e a cultura, no entanto, já era marcante na trajetória do paraibano desde os tempos universitários, ainda no Recife. Foi por lá que o palco dos teatros o seduziu com diversas ideias que, não muito tempo depois, colocava em prática no Sertão paraibano. Hildebrando de Assis tornou-se um dos incansáveis na luta em prol da construção de um teatro em Caju-

zeiras, e começou a construí-lo, primeiramente, de gente.

“Diz a oralidade cajazeirense e os escritos publicados sobre Hildebrando de Assis, que ele veio antes de Íracles Pires e foi o responsável pela formação do Teatro de Amadores de Cajazeiras (TAC). Diz também as bocas mais remotas envolvidas com a prática teatral na cidade que Hildebrando passou a marca TAC para Íracles. Que conduziu a direção do movimento cênico no município, numa época — a década de 1950 — onde

tudo era mais difícil nessa área”, relatou o professor de Artes, Cleudimar Ferreira.

Defensor das artes cênicas

Hildebrando de Assis é lembrado como um dos grandes teatrólogos de sua época, ao lado de Íracles Pires, Geraldo Ludgero, Eliezer Rolim e Ubiratan de Assis. O “advogado das artes” — ou o “advogado das causas artísticas” — atuava, dirigia e escrevia peças, que eram encenadas no Cine Éden, inaugurado no dia 1º de agosto



Edifício Ok, onde funcionava o Cine Éden, que recebia as peças de Hildebrando de Assis

Foto: Reprodução/F.A. de Oliveira/ Patrimônio material de Cajazeiras-PB



Dramaturgo e homem do Direito, Assis foi o responsável pela formação do Teatro de Amadores de Cajazeiras

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Agora sim: temos um motivo oficial para aderir à Linguagem Simples

Quem me acompanha por aqui, sabe que o tema “Linguagem Simples” tem um lugar especial nas minhas colunas. E hoje tenho uma boa notícia! O Projeto de Lei nº 6.256/19, que exige uso de Linguagem Simples na comunicação de órgãos públicos, foi aprovado na Câmara dos Deputados, e será enviado para sanção presidencial.

A aprovação ocorreu na última terça-feira (21), e tomei conhecimento disso não pelo noticiário, mas pelo serviço oferecido pela Câmara dos Deputados, que emite alertas por e-mail, caso você se cadastre para acompanhar o andamento de alguma proposta.

Na prática, o que significa ter uma Política Nacional de Linguagem Simples no Brasil? Mais informação de qualidade acessível para a população. Mais oportunidade para que cidadãos e cidadãs possam usar as informações que recebem dos órgãos públicos para o exercício de seus direitos. E deveres também, claro!

Com a aprovação do PL e posterior sanção da Presidência da República, órgãos e entidades da administração pública direta e indireta de todos os poderes da União, de estados, do Distrito Federal e dos municípios deverão se adequar à legislação.

No texto original do PL, Linguagem Simples é definida como “o conjunto de técnicas para transmitir informações de maneira clara e objetiva, permitindo ao leitor encontrar facilmente o que procura, compreender o que encontrou e usar a informação. Para isso, devem ser usadas palavras, estrutura e leiaute da mensagem que facilitem essa obtenção de informação”. O trecho entre aspas é da Agência Câmara de Notícias.



Deputada federal Erika Kokay, autora do Projeto de Lei sobre o uso de Linguagem Simples

Foto: Rayo Magalhães/Câmara dos Deputados

Na matéria publicada no portal da câmara, inclusive, são citadas algumas das 18 técnicas de Linguagem Simples que a administração pública deverá adotar na redação de textos destinados aos cidadãos e cidadãs.

São elas: redigir frases curtas e em ordem direta; organizar o texto para que as informações mais importantes apareçam primeiro; desenvolver uma ideia por parágrafo; usar sinônimos de termos técnicos e de jargões ou explicá-los no próprio texto;

evitar palavras estrangeiras que não sejam de uso corrente; organizar o texto de forma esquemática quando couber, com o uso de listas, tabelas e gráficos; usar linguagem acessível à pessoa com deficiência; e evitar palavras imprecisas.

Outra técnica aprovada barra o uso de novas formas de flexão de gênero e de número em palavras da língua portuguesa, ou seja, a adoção de linguagem neutra nos textos oficiais não foi validada. Um exemplo de termo para não ser usado, conforme o PL recém-aprovado, é o já conhecido “todes”. Detalhe: na notícia divulgada no portal da Câmara dos Deputados, a autora da proposta, a deputada federal Erika Kokay (PT-DF), informa que o PL nunca tratou de linguagem neutra, mas de Linguagem Simples.

Dentre as técnicas, também há uma que trata da avaliação do texto: “testar com o público-alvo se a mensagem é compreensível”. No manual elaborado pela especialista Patrícia Roedel, servidora da Câmara, há um tópico específico sobre a avaliação da eficácia dos conteúdos, com foco na experiência do público. Isso pode ser feito por meio de: testes de usabilidade; testes de compreensão textual ou de legibilidade; avaliação de inspeção por especialistas.

No serviço público, a Linguagem Simples é um caminho sem volta. Prova disso é a iniciativa do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) de lançar um guia conciso, em formato de perguntas e respostas, para “traduzir” um de seus editais de cursos técnicos, contando com jornalistas e designers. Tal medida será estendida a outros editais da instituição e uma comissão já foi formada com esse objetivo. Uma excelente notícia, não é mesmo?

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Do caipira ao sertanejo de raiz — III

Dentre aqueles que, no nosso universo musical, ainda cultuam o chamado estilo sertanejo de raiz, sem nenhum demérito para os atuais, surgem três nomes que vêm das origens da música dita caipira: João Pacifico, Cornélio Pires e Raul (Montes) Torres (Botucatu, SP, 1906–São Paulo, SP 1970). Quanto a esses, sobre eles já lhes falei anteriormente; quanto a este, falo-lhes agora.

Os três formam a “trindade musical” que deu impulso ao estilo que nos foi legado e, por isso mesmo, eles compõem a vitrine dos “patriarcas” da música caipira, hoje a sertaneja de raiz.

Raul Torres, filho de espanhóis, foi afeiçoado a ouvir modas de viola, no interior paulista, desde a primeira infância, quando resolveu deixar o interior, como ele próprio dizia, “para tudo ou nada”. Antes de iniciar sua carreira profissional, em 1927, portanto já na maioridade, quando se mudou para a capital paulista, já efervescente com a movimentação cultural provocada por Mário de Andrade e companhia, ele, nos seus próprios dizeres, “penei muito e cheguei a ‘fazer ponto’, como cocheiro, no Jardim da Luz, que era o coração da velha capital paulista”.

Reconhecido como bom letrista, foi contratado pela Rádio Educadora. Logo de início, acrescentou ao seu estilo caipira o estilo nordestino e uniú-se ao grupo Os Turunas Paulistas, criado à moda e semelhança dos Turunas Pernambucanos (1920) e Turunas da Mauricéia (1926). Com o crescimento da popularidade do grupo, aquele passou também a se apresentar na chamada “sala de espera”, como era de costume na época, do então Cine



Capa de uma coletânea rara da dupla Raul Torres & Florêncio, lançada nos anos 1990

Odeon SP Veio a oportunidade de Raul e seu grupo gravarem pela Parlophon o seu primeiro disco, um 78 rpm, com “Olhos de Morena” (de sua autoria), e “Jacaré no Caminho” (parceria com Atílio Grani). Com o fim dos Turunas Paulistas, formou um novo grupo, que se tornou mambembe e passou a apresentar-se pelo interior paulista. Por aquela época, assumiu o apelido de “Bico Doce” e participou da “sequência humorística” caipira com Cornélio Pires. Em 1933,

aproximou-se de João Pacifico, com quem compôs e gravou várias músicas. Mudando novamente de gravadora, rumou para a Odeon, onde gravou uma série de nove discos (78 rpm), com os créditos atribuídos a Raul Torres e Seu Conjunto. A título de curiosidade: em uma faixa de um dos discos, “Serenito cai” (de sua autoria), a gravação conta com a participação de um coro (backing vocal) formado por Jonjoca, Castro Barbosa, Moreira da Silva e

Imagem: Reprodução/Warner Music-Continental

Francisco Alves, que se tornariam astros de primeira grandeza na MPB.

Raul migrou para o Rio de Janeiro, em 1934, onde gravou o grande sucesso do Carnaval de 1935, “A cuica está roncando”. Segue-se a gravação de muitos outros sucessos, já pela RCA Victor, cujos créditos são atribuídos a Raul Torres e Sua Embaixada. Foi na Victor também que se deu início à formação da dupla dele com o sobrinho Antenor Serra, o Serrinha. No ano de 1937, aparece o sucesso que o consagrou definitivamente: “Saudades de Matão”, uma adaptação de uma antiga valsa “Francana”, com letra dele para melodia atribuída a Jorge Galati, mas cuja autoria e modificações ainda hoje são controversas.

Do seu acervo, constam cerca de 350 criações, entre modas de viola, choros, caratês, jongs, maracatus, emboladas e até sambas-canção.

A partir dos anos 1960, passou a dedicar-se mais diretamente ao rádio (Rádio Record SP), quando começou a apresentar-se com a formação de Os Três Batutas do Sertão. É dessa época o lançamento do seu primeiro LP: O maior patrimônio da música sertaneja.

Dentre obras de criação dele, há inúmeros destaques para gravações de duplas e intérpretes solo, como “Moda da Mula Preta”, com gravações de Roland Boldrin e com Luiz Gonzaga; “Felicidade”, com Tio Carreiro & Pardinho; “Cabocla Tereza”, com João Pacifico; “Colcha de Retalhos”, com Irmãs Galvão; um LP completo, com Tonico & Tinoco, e outras mais...

Ainda merecem registro os duetos de interpretação dele: Raul Torres & Serrinha e Raul Torres & Florêncio.

Espremidas entre a calçada e os espigões, as casinhas da Rua Juiz Agrícola, em João Pessoa, destoam dos prédios ao redor

Goliath contra Davi

Na capital paraibana, a transformação silenciosa urbana tem sido o temor e a realidade de muitos

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A trabalhadora doméstica Wilma Paiva divide a casa de alvenaria de cinco cômodos e telhado de amianto, no bairro do Miramar, em João Pessoa, com o esposo e o casal de filhos. Queriam sair do aluguel, por isso decidiram comprar, há 13 anos, o imóvel na Rua Juiz Agrícola Montenegro, mesmo sabendo que a casa não possuía escritura. No local, já havia outras famílias, que alegam morar ali há mais de 40 anos. Nesse espaço, o casal tem visto crescer os dois filhos, mas também os edifícios de mais de 15 andares, que se erguem, imponentes, ao fundo das cerca de

20 residências. Espremidas entre a calçada e os espigões, as casinhas da Rua Juiz Agrícola destoam dos prédios ao redor. O contraste é visível, mas também sentido. “Dá uma tristeza, porque o pessoal vê a gente como pobre. Eles são ricos e a gente é pobre. Já fizeram até abaixo-assinado para nos tirar daqui. Só que a gente é humano, a gente mora aqui e tem necessidade de criar nossos filhos. As casinhas são humildes, mas são nossas. Eu me sinto triste, sabe? Não devia ter essa desigualdade”, desabafa a trabalhadora.

A tristeza transformou-se em medo de perder a moradia mais recentemente, quando chegou até o conhecimento de Wilma e outras 11 famílias um mandado de citação do processo de reinte-

gração de posse que tem como autor o município de João Pessoa. Ela lembra que, para que a rua, que até então era fechada, desse acesso à Av. Rui Carneiro, foram removidas algumas famílias, mas, à época, foi dada a garantia de que nenhum morador seria retirado do local. A preocupação tem mobilizado a comunidade para entender como podem se defender. Estão buscando o auxílio da Defensoria Pública do Estado para que não sejam despejados e possam ser incluídos em algum cadastro para acesso a moradia em outro local.

“Querem tirar a gente, porque dizem que é favela, mas ninguém quer sair daqui. Todo mundo trabalha por perto: eu faço faxina, por exemplo, e meu esposo trabalha como porteiro. A gente só pede a Deus para ter uma solução e não sair sem nada. Se a gente não ficar

aqui, que seja ao menos para um lugar mais perto”, sonha a moradora, mesmo reconhecendo que as áreas próximas estão cada vez mais valorizadas pela crescente demanda de pessoas de outras regiões do país.

A saída provocada de moradores de áreas até então ocupadas por classes populares e para dar espaço a empreendimentos imobiliários das elites foi observada já na década de 1960, pela socióloga britânica, Ruth Glass, que o denominou de “gentrificação”. A origem da expressão provém da palavra inglesa “gentry”, que indica pessoas ricas ligadas à pequena nobreza. A socióloga notou como a supervalorização de preços de uma localidade promovia a expulsão dos antigos moradores, para acomodar novos grupos populacionais com maior poder aquisitivo.

Na capital paraibana, considerada atualmente a “queridinha

do Brasil”, esse tem sido o temor de muitos e uma realidade já sentida por alguns. Além dos moradores da Rua Juiz Agrícola Montenegro, bairros como o Bessa, considerado um dos símbolos da transformação urbana da cidade, sofrem com o avanço populacional e a verticalização, que eleva o preço dos imóveis e o custo de vida. Somando o Jardim Oceania e o Aeroclube, os três bairros da Zona Leste colocaram João Pessoa entre as capitais com maior valorização imobiliária do país.

Para conhecer mais o que está por trás desse fenômeno, o *Pensar* deste mês conversou com geógrafos e urbanistas que investigam o tema. No desafio de conciliar desenvolvimento urbano com as necessidades das populações mais pobres, é preciso considerar outras forças, como os agentes do mercado imobiliário, que atuam segundo seus princípios, promovendo uma transformação silenciosa das cidades.

PLURALIDADE

Cidade está sempre em movimento

Na capital paraibana, esse deslocamento das classes sociais urbanas é perceptível ao longo da história

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Desde a primeira definição de gentrificação, o conceito do termo ampliou-se no tempo e no espaço para incorporar a diversidade e a dinâmica dos fenômenos urbanos associados, que se distinguem conforme os contextos específicos. O professor Alexandre Sabino, do Curso de Geografia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), cita, por exemplo, desdobramentos como a megagentrificação e a gentrificação verde, este último sobre o qual vem desenvolvendo estudos a partir do contexto pessoense.

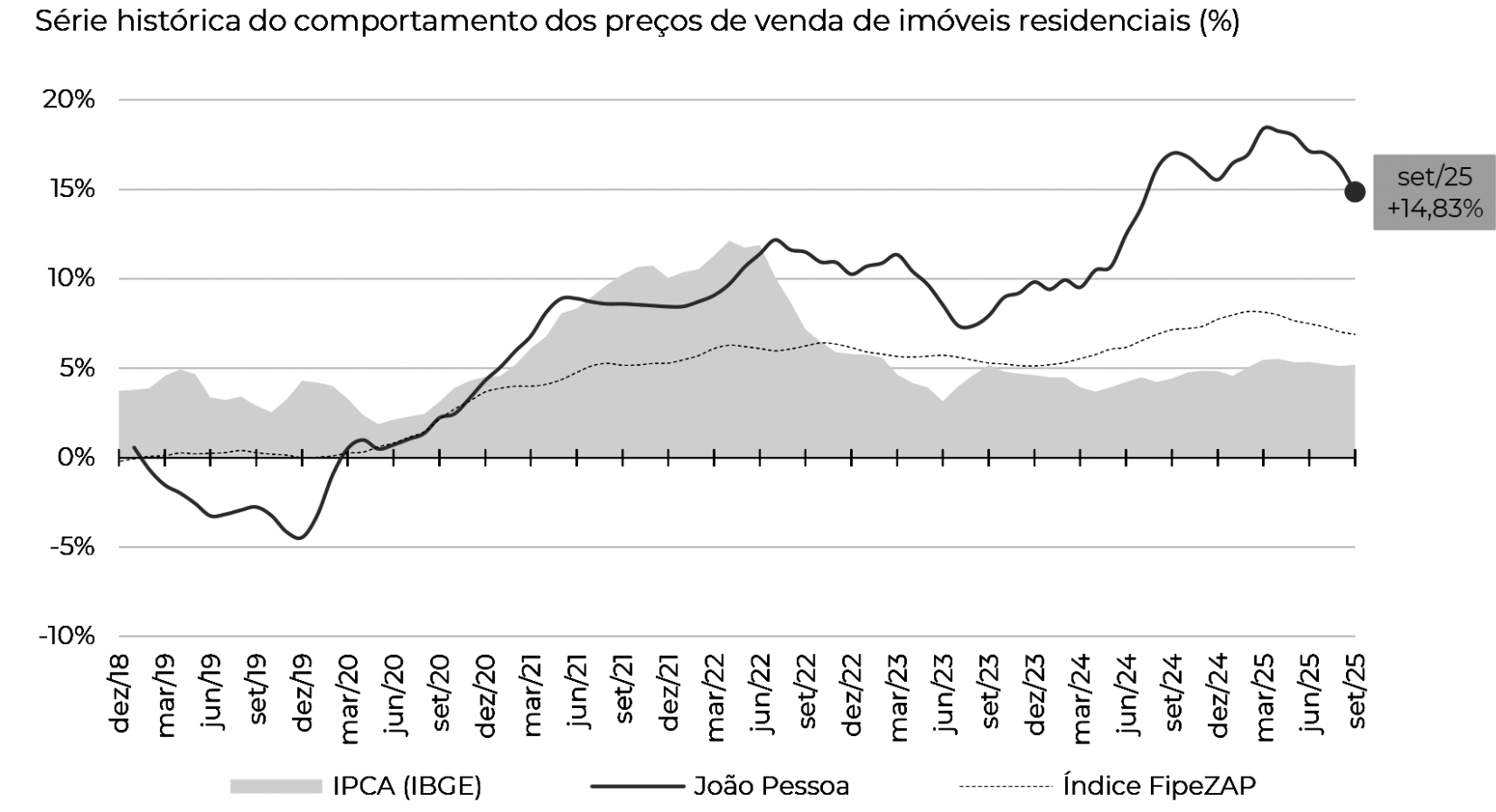
“Gentrificação é um conceito plural, que envolve a questão econômica, social, política e cultural. A mudança de postura pode ocorrer, por exemplo, com a verticalização, como se percebe hoje, em João Pessoa, com a vontade de morar em prédios, ou quando uma política pública procura densificar algumas áreas à revelia de outras, ou ainda com o crescimento de condomínios fechados, que está ligado a uma cultura de segurança moderna”, explica o docente.

Um dos responsáveis por esse alargamento do fenômeno foi o geógrafo Neil Smith, que percebeu diferentes agentes atuando na economia política da cidade, inclusive o próprio Estado, responsável pela condução de políticas de infraestrutura, moradia e paisagismo, e que termina por favorecer também o mercado imobiliário. Sabino recorre às ideias de Smith para destacar que a gentrificação assume contornos distintos, a depender dos contextos. Processos como os que ocorrem em Barcelona, na Espanha, motivado pelo turismo (moradores residenciais de áreas centrais da cidade alugam seus imóveis para moradores temporários e passam a morar em bairros periféricos), e no Brasil, país marcado por um déficit habitacional que se mantém na faixa dos 6 milhões de domicílios, são bem distintos.

“É como se fosse um *download*. Tem lugares que baixam o pacote de gentrificação completa, com renovação urbana e mudança de tudo, e tem outros lugares que só conseguem gentrificar uma rua, um quarteirão ou a parte mais comercial”, compara o pesquisador, que integra o Observatório das Metrópoles, um instituto nacional de pesquisa que investiga aspectos da urbanização de 12 metrópoles brasileiras. As mudanças no perfil do consumo são parte das observações realizadas. Assim, em vez de atender as classes C e D, o comércio local volta-se para pessoas com maior poder aquisitivo: os mercadinhos transformam-se em cafés e os *self-services* que existiam no bairro dão lugar a restaurantes de alto padrão.

O geógrafo alerta que a cidade não é estática e está o tempo todo em movimento. Na capital paraibana, essa movimentação das classes sociais urbanas é perceptível ao longo da história. Estabelecida inicialmente no Varadouro, em torno de um núcleo militar e religioso situado de frente para o rio e tendo a atividade portuária como base, com a chegada de novos grupos populacionais e os problemas de mobilidade, as elites deslocaram-se, buscando exclusividade espacial, para onde atualmente é a Avenida Epitácio Pessoa. Com a instalação da infraestrutura necessária, essas classes foram abrindo caminho para o litoral, onde até então só existiam casas de veraneio.

■ Variação dos preços de venda em 12 meses



Números podem ser associados a uma política de mobilidade urbana implantada na região e a amenidades, sobretudo ambientais

Segundo a última divulgação do índice FipeZAP e IBGE de setembro deste ano, imóveis residenciais dos bairros Cabo Branco, Jardim Oceania e Altiplano disputam a primeira posição de maiores preços, variando de R\$ 9 mil a R\$ 11 mil por metro quadrado. Bessa, no entanto, apresenta a maior valorização, com crescimento de 20,5% nos últimos 12 meses. Dentre os muitos fatores, Alexandre Sabino associa esses números a uma política de mobilidade urbana implantada na região e a amenidades, sobretudo ambientais, como parques, áreas ribeirinhas ou de litoral, que contribuem para a satisfação dos moradores.

“Uma amenidade ambiental vai dar um novo valor para aquela localização. Nesse contexto, a gentri-

ficação verde ocasiona a mudança socioeconômica e o padrão de renda do local, pois tem como motor a construção ou a apropriação de uma área verde pelo mercado e por classes sociais mais favorecidas”, explica o pesquisador. O termo “gentrificação verde” foi cunhado nos Estados Unidos, para explicar processos associados a parques como o High Line, em Nova York, onde antes existia uma via ferroviária e residiam majoritariamente pessoas negras e pobres. A instalação, no entanto, promoveu uma reconfiguração racial e social da área.

As questões decorrentes da emergência climática foram incorporadas a esse processo. Elas motivam a discussão de temas voltados para um desenvolvimento sustentável urbano, mas, para o geógra-

fo, as propostas de soluções são milagreiras, uma espécie de “álibi verde” que gera maior apelo social para fazer reestruturações na cidade, que nem sempre alcançam a todos.

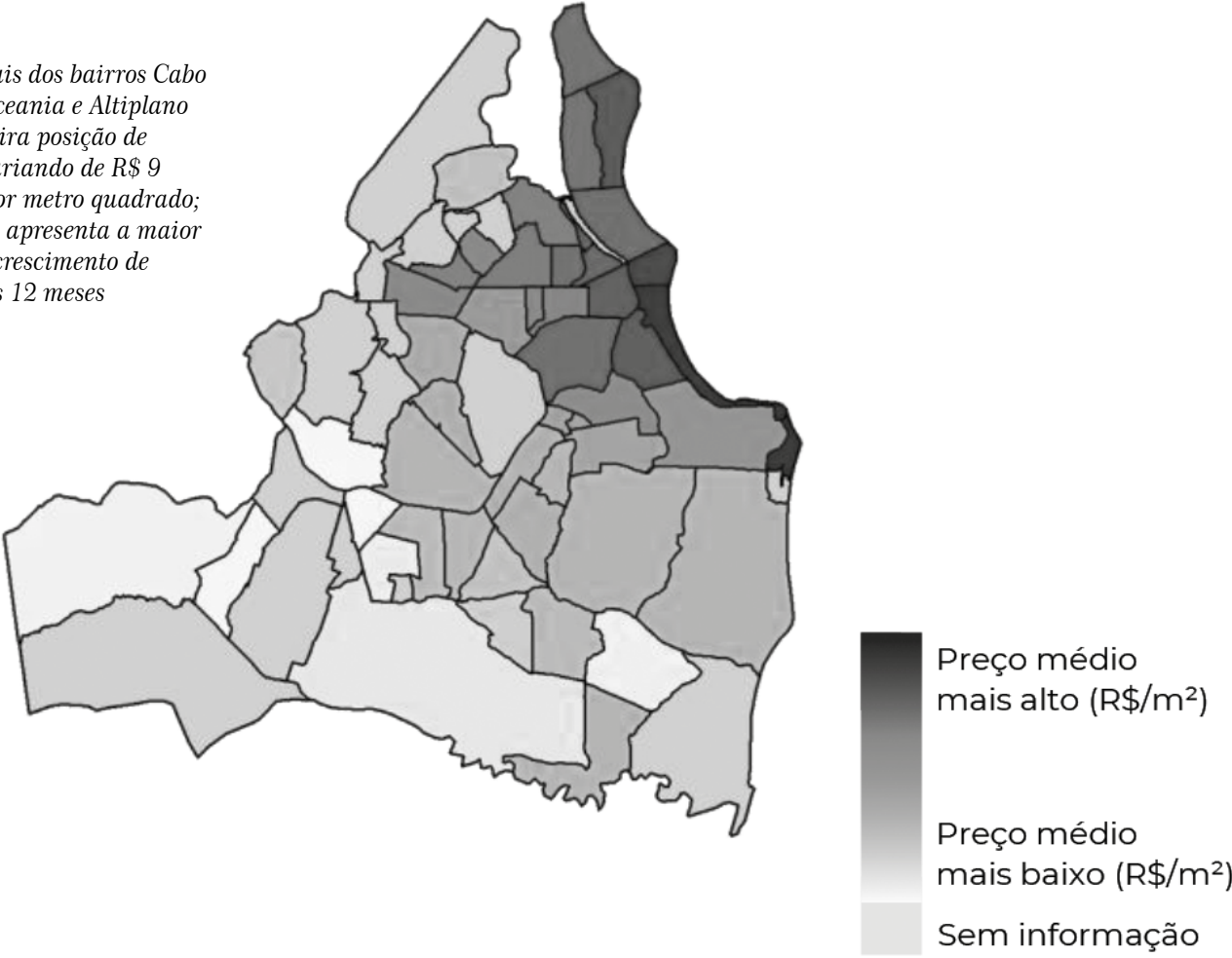
A razão, segundo Alexandre, é que os empreendimentos são financiados considerando, sobretudo, o potencial de valorização imobiliária da região, que consequentemente tende a promover a remoção das pessoas que viviam na área. Daí o termo “gentrificação verde”. Em João Pessoa, o pesquisador cita o caso do Parque da Cidade, na Zona Leste, e do Complexo Beira Rio, na Zona Oeste, que são projetados como sustentabilidade urbana, mas apresentam risco de aprofundar injustiças socioambientais à medida que intensificam a especulação imobiliária.

“A cultura atual é de querer morar num lugar dito ‘verde’, que a gente se sente bem. E esse valor do ‘verde’ mobiliza também o

Elas sentem que estão fazendo alguma coisa pelo meio ambiente, mas não consideram que aquele imóvel removeu pessoas porque valorizou demais a área

mercado, porque ele é simbólico e mexe com mentes e corações. As pessoas que se sentem bem morando em empreendimentos que têm o nome ‘sustentável’ ou que usam energia solar, por exemplo. Elas sentem que estão fazendo alguma coisa pelo meio ambiente, mas não consideram que aquele imóvel removeu pessoas porque valorizou demais a área”, alerta o professor, que não se diz contrário à construção de parques, mas à forma como eles têm sido implantados, sem a expressiva participação popular ou a adoção de medidas antigentrificantes.

Imóveis residenciais dos bairros Cabo Branco, Jardim Oceania e Altiplano disputam a primeira posição de maiores preços, variando de R\$ 9 mil a R\$ 11 mil por metro quadrado; Bessa, no entanto, apresenta a maior valorização, com crescimento de 20,5% nos últimos 12 meses



Fonte: Índice FipeZAP e IBGE

Fonte: Índice FipeZAP e IBGE

FENÔMENO

Mercado investe na autossegregação

Em Campina Grande, movimento de deslocamento urbano tem esvaziado alguns bairros do município

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Nem toda transformação urbana implica necessariamente uma gentrificação. A professora Lívia Miranda, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), faz questão de destacar que esse processo implica a renovação da população de um lugar. Isso pode ocorrer de maneira mais imediata, quando, por exemplo, requalifica-se uma área e as famílias são removidas para dar lugar a outros grupos com mais condições de se manter ali, ou ao longo do tempo, porque os serviços vão se sofisticando a ponto de a renda daquela população não permitir que ela conviva mais naquele espaço.

Em razão disso, ainda que perceba significativas transformações urbanas em Campina Grande, sejam sazonais, no período junino, ou permanentes, com o deslocamento de grupos populacionais, a arquiteta não identifica gentrificação na cidade. “Em Campina Grande, são processos de suburbanização. As pessoas estão abandonando suas edificações nas áreas mais centrais da cidade, trocando-as por condomínios fechados. Elas se transferem para outras áreas onde escolheram morar, então não é gentrificação”, argumenta Miranda.

A docente compreende esse fenômeno como uma autossegregação, pois as pessoas podem escolher, graças a sua condição fi-

nanceira, morar mais longe, num condomínio fechado, distante da concentração populacional da cidade e mais próximo de elementos da natureza. A segregação, ao contrário, é forçada e acontece quando as pessoas não possuem alternativa para escolher onde querem se fixar e dependem, muitas vezes, de oportunidades habitacionais em áreas mais periféricas.

“Em Campina Grande, principalmente na porção da cidade que vai para a Lagoa Seca, que tem um clima mais ameno e uma área mais alta, há casas muito bonitas dentro de condomínios, nas quais a pessoa escolhe se separar dos outros. Então ela se autossegrega. É a dinâmica da cidade, onde quem pode pagar escolhe onde quer ficar e quem não pode pagar vai ficar onde é possível permanecer: ou num bairro popular, que o preço do imóvel é mais barato, ou onde o estado designa uma habitação social”, esclarece a professora.

Ainda assim, o crescimento da oferta de moradias verticais cresce em Campina Grande, um reflexo, segundo Lívia Miranda, do aquecimento do mercado que se baseia na demanda por esse tipo de imóveis. Os apartamentos são procurados por novas famílias, que têm filhos ainda pequenos e desenvolvem suas atividades na parte central da cidade, ao passo que os condomínios horizontais têm sido demandados por famílias mais maduras, que já acumularam recursos para poder escolher esses espaços. A pesquisadora considera que outro elemen-



Foto: Arquivo pessoal

É a dinâmica da cidade, onde quem pode pagar escolhe onde quer ficar e quem não pode pagar vai ficar onde é possível permanecer

Lívia Miranda

to que exerce influência sobre a opção por esses empreendimentos são as mudanças provocadas pela pandemia, que ampliaram as possibilidade de trabalho *home office* a certos grupos profissionais.

De olho nesse fenômeno, o mercado imobiliário investe num verdadeiro cardápio para autossegregação. As opções de imóveis não

se restringem às classes mais abastadas e procuram variar em tamanhos e serviços, moldando-se para caber no bolso das diferentes famílias. “Em Campina Grande, são três tipos de condomínios fechados: os primeiros, mais exclusivos e mais caros, são os empreendimentos de alto luxo situados na região do Brejo; há também os condomínios para a classe média, que estão bem localizados, do outro lado da cidade, mas as casas possuem menos metros quadrados, uma área de recreio menor e menos serviços; e tem o terceiro grupo, que são os chamados condomínios-clubes, situados na outra porção da cidade, no qual três grupos de lotes compartilham uma mesma área de lazer”, discrimina.

Esse movimento de deslocamento urbano tem esvaziado alguns bairros campinenses. Nas casas de bairros como Prata, Alto Branco e Catolé, multiplicam-se as placas anunciando venda ou aluguel dos imóveis. A urbanista chama atenção para que, ao contrário da capital paraibana, onde se deixa uma casa de bairro para morar num edifício de 40 andares, em Campina Grande, troca-se uma casa, no bairro, por outra casa, no condomínio. Esse contexto de transformações não desconsidera muitos que adquirem tais empreendimentos como forma de investir o seu dinheiro.

Bananeiras

Os condomínios fechados têm modificado a configuração urbana de Bananeiras, município do

Brejo paraibano que possui uma população de pouco mais de 23 mil pessoas e já conta com cerca de 20 desses empreendimentos. Apesar das transformações provocadas pela explosão imobiliária e das repercussões nos custos dos serviços locais, a pesquisadora da UFCG também não considera se tratar de um processo de gentrificação.

“No caso de Bananeiras, é uma área periurbana. No entorno do núcleo urbano e histórico, não se tinha nada construído antes, e é essa a área que vem sendo loteada para produzir condomínios fechados. A demanda desses empreendimentos é principalmente para uma segunda residência ou residência para aluguel em períodos específicos de alta estação da região, durante o São João e no período frio”, destaca Lívia Miranda.

A professora reconhece que as necessidades geradas pelo novo grupo populacional tendem a ofertar serviços mais sofisticados, mas isso também pode beneficiar os moradores, que poderão trabalhar para suprir essa demanda, ainda que seja sazonal. Quanto ao comércio, a expectativa é de que possa se adaptar para atender os públicos tanto de menor quanto de maior poder aquisitivo.

Outro vetor de transformação importante que alarga a visão sobre a questão urbana da cidade brejeira é a presença de um *campus* universitário, que também produz outras demandas.



No município de Bananeiras, no Brejo paraibano, não há um processo de gentrificação, pois os condomínios fechados estão no entorno do núcleo urbano e histórico da cidade

Foto: Arquivo A União

Foto: Nonononono

RESISTÊNCIA

Processos combatem a gentrificação

Comunidade ribeirinha do Porto do Capim é um exemplo de como a população pode reverter a situação

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojr@gmail.com

Localizada num dos berços de fundação da Cidade da Parahyba, às margens do Rio Sanhauá, a comunidade do Porto do Capim por pouco não foi removida para dar lugar a projetos de exploração turística e comercial ligados ao Centro Histórico. Boa parte dos moradores do local estabeleceu-se ali na década de 1940, depois da transferência das atividades portuárias para Cabedelo. A alegação para remoção das famílias era de “devolver o porto à cidade” e de que promoviam a degradação ambiental do espaço.

Talita Holanda é mãe atípica de uma criança de dois anos e empreendedora no ramo alimentício na comunidade ribeirinha, onde nasceu e foi criada. Ela viveu de perto os dramas da tentativa de retirada das famílias do local e lembra como, em 2019, a população foi notificada para deixar suas casas em até 48 horas. “A reação foi desesperadora. Todos ficaram muito assustados com a possibilidade de perder as casas. Chegamos

ram a intimar os moradores da Vila Nassau, onde vivem mais idosos. Eles não sabiam o que fazer e choravam. Foi dito que iriam derubar as casas para fazer um parque ecológico”, relata a empreendedora.

Para evitar que a remoção acontecesse, os grupos e organizações de moradores do local — a Comissão Porto do Capim em Ação, a Associação de Mulheres e o coletivo Garças de Sanhauá — mobilizaram-se para buscar ajuda junto ao Ministério Público Federal (MPF-PB) e à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), por meio do Observatório Interdisciplinar e Assessoria em Conflitos Territoriais Ubuntu. Talita relata, porém, que os meios legais eram insuficientes para reverter a situação, por isso decidiram protestar.

“O prefeito da época estava muito na linha de que era aquilo e pronto. Não queria conversar. Não queria diálogo com a comunidade. A única maneira que a gente achou para mostrar a ele que a gente não estava satisfeito com aquela decisão foi fazendo protestos. Então, na inauguração de uma praça onde o prefeito estivesse, a gente ia lá e fazia protesto. A gente fez protesto dentro



Políticas habitacionais por meio do programa Novo PAC — Periferia Viva

do plenário da câmara e fez protesto nas ruas para que toda João Pessoa visse que a gente não estava de acordo”, conta.

As ações evitaram não só que as famílias fossem retiradas do local como também pudessem acessar políticas habitacionais por meio do programa Novo PAC — Periferia Viva, do Governo Federal. Na própria comunidade está sen-

do construído o Residencial Rio Sanhauá, que deve abrigar 108 famílias. Nesse processo de resistência, a organização tem sido fundamental tanto para garantir uma atuação jurídica como para a valorização da identidade cultural e das tradições locais.

Essa iniciativa é uma das que o professor Alexandre Sabino, do Curso de Geografia da UFPB, reconhece como medida antigentrificante. Ele reconhece que a gentrificação tem sido compreendida por muitos estu-

diosos como uma dinâmica característica das grandes cidades, que implica destruição e criação, um processo de reconfiguração urbana que julga necessário alguns lugares serem tombados para que outros possam surgir. Justamente por isso, ele defende a participação dos moradores nos rumos da cidade como a principal medida antigentrificante.

“A gentrificação depende muito das forças políticas, culturais, econômicas e sociais de um lugar, que vão dizer se e como esse processo deve acontecer. Eu acho que poderia haver um maior controle social e participação da população, por exemplo, nos conselhos de meio ambiente ou no Conselho de Desenvolvimento Urbano [CDU]. Os projetos não podem cair na cabeça da população, sem dialogar com a realidade local ou com setores importantes, como a universidade, que poderia dar respostas muito interessantes e inclusivas”, argumenta.

O pesquisador cita ainda outras medidas antigentrificantes que têm sido tomadas em algumas cidades para mitigar os efeitos da especulação imobiliária. Uma delas consiste em controlar os preços do metro quadrado de determinadas áreas ou oferecer algum tipo de benefício como aluguel social. O objetivo é impedir que as pessoas que moram de aluguel e escolhem determinadas áreas em função da mobilidade para trabalho ou estudo, não sejam expulsas com a valorização das localidades.



Ilustração: Bruno Chiossi

Gentrificação depende das forças políticas, culturais, econômicas e sociais de um lugar, que vão dizer se e como esse processo deve acontecer